

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

Revista do Ensino

Sumário

REDAÇÃO

Colaboração do professorado

COLABORAÇÃO

MARIA INACIA DE QUEIRÓS MIRANDA — *Atividades extra-programa.*

RAUL DE ALMEIDA COSTA — *Assistência escolar.*

GOVERNADOR VALADARES — *Enaltecendo o Magistério.*

AMINTAS ROCHA — *O ensino concreto de Educação Cívica.*

ROMEU VENTURELLI — *Por que?*
ZAIDE ALVES QUEIRÓS — *Uma biblioteca infantil.*

DULCE BOTELHO JUNQUEIRA — *Uma grande iniciativa.*

OSCAR ARTUR GUIMARÃES — *O ensino da Aritmética.*

IRENE LUSTOSA — *A criança aos sete anos.* (Boletim n. 21).

— *Em nossas escolas* (Notas da Inspetoria técnica).

TRANSCRIÇÕES

RAUMSOL — *A responsabilidade dos pais.*

MARIO PINTO SERVA — *Contra o analfabetismo.*

MARIO LACERDA MELLO — *Sobre educação e psicologia.*

HUGO BETHLEM — *Juventude construtora.*

JOAQUIM DALTRO — *A pedra de toque na educação.*

— *Índice do 2.º semestre.*

ACABAM DE SER PUBLICADOS

Plano de Lições pelo Método de Idéias Associadas

De autoria de D. Maria da Glória Barros, professora do Grupo Escolar Pedro II, de Belo Horizonte. O mais moderno e completo trabalho escrito sobre o assunto.

Um volume in-8.º, com 240 páginas, inteiramente ilustrado, 15\$000

Bonequinha Preta Bonequinho Doce

De autoria de D. Alaide Lisboa de Oliveira (professora da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte). Escritos dentro dos mais modernos métodos da pedagogia em relação à literatura infantil, destinados à leitura do 2.º semestre do 1.º ano. Profusamente ilustrados a cores, otimamente impressos, cartonados, cada volume 3\$000.

Pedidos à LIVRARIA FRANCISCO ALVES, Rua Rio de Janeiro, 655, Belo Horizonte.

REVISTA DO ENSINO

REVISTA DO ENSINO

Da Secretaria da Educação e Saúde Pública

Colaboração do professorado



Na Chefia do Departamento da Educação, para que foi nomeado recentemente, o dr. Eliseu Laborne e Vale tem posto em prática várias medidas acauteladoras dos interesses do ensino, objetivando uma eficiência cada vez mais ampla em todo o serviço afeto ao Departamento. A circular que abaixo publicamos é uma documentação do seu interesse pelas questões que dizem respeito ao setor a seu cargo na Secretaria da Educação, e nela se faz um apêlo ao professorado no sentido de vir ao encontro dos propósitos da administração, colaborando com ela, para que se possa dar à REVISTA DO ENSINO um cunho de mais completa eficiência e de maiores possibilidades na sua função de divulgar e orientar o ensino dentro do Estado.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

Belo Horizonte, 27/7/1938.

Sr. Diretor,

Afim de que melhor possamos atender aos interesses do nosso aparelhamento educacional, dando ao órgão oficial desta Secretaria uma feição cada vez mais prática e que melhor se adapte às necessidades dos educadores, recomendo-vos remetais a este Departamento as vossas impressões, bem como as do professorado desse estabelecimento, refe-

rentes aos artigos publicados em cada nova edição da REVISTA DO ENSINO. Nas vossas apreciações podereis apresentar quaisquer sugestões que julgeis de vantagem para a publicação e indicar quais os artigos que, no vosso entender, não correspondem, por qualquer motivo, aos objetivos que deve ter a REVISTA na escôlha de sua colaboração.

As referências e comentários aos artigos da REVISTA devem ser claros, mas sintéticos, não devendo o comentarista prender-se a qualquer preocupação literária.

Este Departamento terá organizado um serviço especial de registo das impressões recebidas, e levará em muita conta a pontualidade de cada estabelecimento na remessa de suas impressões e sugestões.

A REVISTA DO ENSINO receberá com prazer artigos de colaboração dos Srs. Professores, principalmente os que se refiram às realizações de caráter prático e às atividades educativas experimentadas nos estabelecimentos de ensino do Estado.

Cordiais saudações. *Eliseu Laborne e Vale*, Chefe do Departamento de Educação.

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICAÇÕES CONGÊNERES DOS ESTADOS

— F DO ESTRANGEIRO —

Atividades extra-programa

Maria Ignacia de Queiroz MIRANDA

A convicção de que o resultado pouco satisfatório que, em geral, apresenta o ensino primário provem, dentre outros males, do acúmulo de atividades extra programa que se desenvolvem, muitas vezes, dispersivamente, fugindo inteiramente às finalidades educativas para que foram criadas, leva-nos a desenvolver-las, em nosso Grupo, com muita prudência.

Os auditórios, atividades extra programa das mais disvirtuadas, têm merecido, por isso mesmo, nossa especial atenção. A parte recreativa exclusivamente, a exibição de crianças bem dotadas, a declamação de poesias impróprias para crianças quer pelo assunto inacessível, ou pela ausência de sentimento elevado, quer pelo grotesco de expressões, não aparecem em nossos programas de auditórios. Comumente revelam êstes o trabalho final dos esforços diários de professores e alunos.

Organização e realização de um auditório

Os alunos do 3.º e 4.º ano do 2.º turno foram conduzidos pelas respectivas professoras a se interessarem pela escravidão no Brasil e pelo movimento abolicionista. Era nosso objetivo a organização de um auditório que deixasse uma impressão de gratidão pela raça negra, que fôsse uma exaltação aos grandes patriotas negros, que imprimisse na personalidade em formação de nossas crianças o sentimento de que não somos uma raça inferior porque temos o elemento negro como formador de nossa nacionalidade. E que, pelo contrário, a vida de muitos negros, constitue motivo de orgulho para nós, quando lançamos um olhar retrospectivo para o nosso passa-

do histórico: a epopéa de Henrique Dias, a vida romântica e aventurosa de Luiz Gama e de outros, foram "vividias" intensamente. E se forem esquecidos os dados biográficos, ou a sucessão dos fatos históricos, a emoção salutar que quiséramos despertar, podemos afirmá-lo, com alegria, agirá como uma força positivo na formação de nossos alunos.

Desejamos, além disso, dar vida ao nosso auditório, o mais possível. Pretendíamos trazer para êle um testemunho vivo daqueles tempos dos quais a infância tem uma impressão de estar muito mais distante, do que, na verdade está.

Sugerimos então às classes para o auditório de 13 de Maio o mais velho dos ex-escravos de nossa terra para ser homenageado como representante daquele exercito anônimo de cativos que vai desaparecendo para sempre de nossa Pátria.

De pesquisa em pesquisa (e como agiram as crianças!) encontramos José Benedito, preto centenário, inteligência ainda lúcida. Convidado para o auditório não se fez rogado e a êle compareceu. Foi logo rodeado pelos alunos das duas classes que lhe faziam mil perguntas.

A essas perguntas o velhinho respondia de modo encantador. Suas recordações narradas na liguagem de sotaque tão particularmente expressivo dos africanos eram ouvidas atentamente. José Benedito encarnava um personagem daqueles tempos remotos!

Viu D. Pedro II, a Princesa e o Conde d'Eu!

Tem um filho nascido no dia em que foi decretada a Lei do Ventre Livre. Fôra escravo do bisavô de Abílio um dos meninos presentes.

E a conversação animada, cheia de interesse, se estenderia indefinidamente se não fosse chegada a hora do auditório. Terminado êste, assistido com grande prazer pelo velho escravo, foram-lhe oferecidos agasalhos, cobertor, dinheiro, pelos alunos, que se cotisaram para êsse fim.

O auditório de 13 de maio nos satisfêz inteiramente.

Desejamos pôr em prática atividades sociais no mais amplo sentido da palavra, o que conseguimos dando às crian-

ças oportunidades de sentirem o valor da cooperação e de como essa cooperação deve ser desenvolvida.

Civicamente, conseguimos realizar o nosso desejo de influir profunda e demoradamente naquelas inteligências e naqueles corações para que amem verdadeira, dinamicamente o Brasil e seus heróis.

O conhecimento do fato histórico — A escravidão e a Abolição — veiu naturalmente sem esforços exaustivos de memória, sem atritos entre professoras e alunos, mas vivamente, como consequência dêsse interesse funcional de que tanto se fala, mas que realmente tão poucas vezes é aproveitado".

Outros tipos de auditório: — Trabalho final de um estudo de catecismo, com recortes, confecção de quadros religiosos, composições, poesias e etc. Comemoração do dia de São João e etc.

Clubes de Leitura: — As classes de 3.º e 4.º anos têm organizados seus clubes de leitura cujas finalidades e cujo desenvolvimento são comentados nas reuniões de 5.ªs feiras.

Excursões: — As excursões previamente marcadas e com planos delienados também apresentam um nível bem mais elevados.

Reuniões de 5.ªs feiras:

As reuniões das 5.ªs feiras continuam, como nos anos anteriores, a ser o centro de irradiação da orientação, pois é unicamente quando se reúnem todas as professoras de ambos os turnos.

Tomando nota da atitude das professoras nas classes, dos resultados mais ou menos satisfatórios que apresenta o ensino e procurando as causas dêsses resultados, temos realizado um trabalho de análise, de observação e conclusões, em conjunto. Os esclarecimentos que adquirimos, têm-nos conduzido a modificar nossa orientação de modo a conciliarmos os princípios de boa pedagogia com as condições particulares de nosso Grupo.

A finalidade principal da Escola, a finalidade educativa, ainda não bem compreendida em todo o seu grande alcance, a formação da personalidade da professora, a sua grave missão de grande responsável pela formação da futura geração de brasileiros, — são temas constantemente abordados, ora em simples palestras, ora em leituras de trechos de notáveis educadores.

Procuramos sempre dar ampla liberdade às professoras, para manifestarem suas opiniões e os resultados de suas experiências. Assim, animadas e vivas, as nossas reuniões tornam-se agradáveis e são realizadas em ambiente de grande harmonia.

Retiramos de algumas atas certos pontos tratados nas reuniões que melhor darão idéia dos trabalhos que temos desenvolvido.

Dia 18 de Maio: — Ficou estabelecido nesta reunião que as classes seriam testadas bimensalmente. A metodologia da Aritmética foi focalizada fazendo-se ressaltar a necessidade da ser essa matéria desenvolvida com muito cuidado e, sempre que necessário, ser o ensino concretizado. Os problemas ligados à vida da criança, a compreensão primeiro e depois o exercício, foram princípios que nos comprometemos a pôr em prática, durante o ano, para melhor resultado final.

A metodologia do catecismo foi outro ponto tratado, aconselhando-se às professoras a tomarem assinatura do "Boletim Catequético".

Dia 1.º de Abril: — As professoras apresentam respostas aos questionários que lhes foram apresentados sobre a opinião que formam a respeito das classes que lhes foram designadas. Para maior eficiência no ensino de Geografia ficou resolvido que as professoras, antes de iniciarem o estudo deste ou daquele ponto, em classe, fariam, em turmas de 3 ou 4, um estudo mais amplo do mesmo, não só referente a mais ricas informações, como também e principalmente, quanto ao modo de apresentação, ao método a ser empregado. Outros assuntos: Colocar nas carteiras da frente

as crianças que têm defeitos de audição e visão. Objetivos das excursões e como organizá-las. Como os trabalhos manuais podem auxiliar as outras matérias.

Dia 22 de Abril. — Discussão de meios para melhorar a disciplina. Comentários sobre os cadernos de preparo de lições. Necessidade de a professora conhecer o meio em que vive o aluno para poder julgar com justiça o seu modo de proceder. Organização do clube de leitura e suas finalidades. Comentário dos resultados dos 1.ºs testes bimensais.

Marcha do ensino de leitura, aritmética e língua pátria

Convencidos que estamos de que um dos empecilhos mais poderosos que se nos deparam e que mais contribuem para o resultado pouco animador do ensino primário, é a grande porcentagem de retardados pedagógicos e de repetentes, temos nos esforçado para que nossas crianças façam o curso regularmente, sem repetições. Os dados seguintes demonstram o progresso que temos feito nêsse ponto:

Em 1934 foram promovidos, sobre o total de matrícula nos

1.ºs anos	31 %
Em 1935	39 %
Em 1936	49 %

Em 1934 ainda não haviam sido aplicados testes de promoção. Incluímos os dados relativos a êsse ano para prestigiar os testes, para demonstrar como êsse critério de promoções em nada prejudica os alunos. Em 1934, embora com o critério subjetivo houve menos promoções.

Para essa melhora no resultado das promoções concorrem dois fatores poderosíssimos: o empenho que tem a atual diretora de manter a matrícula, procurando em suas casas os alunos faltosos, e o ensino cada vez mais eficiente.

Com exclusão da classe — C — de novatos, ao terminar o primeiro semestre, constatamos que a maior parte dos

alunos de cada uma das outras sete classes, já lêem no verdadeiro sentido da palavra.

A interpretação de trechos para a leitura silenciosa, no quadro negro; a execução de uma ou mais ordens escritas; a terminação de frases incompletas e etc., são exercícios dados diariamente. Para documentar o progresso das classes juntamos as pequenas composições organizadas pelas classes A e B, de novatos.

Quanto ao ensino de Língua Pátria têm sido nossos pontos mais visados:

dar oportunidades às crianças de falar e escrever;
corrigir-lhes a pronúncia e ortografia; despertar interesse pela boa leitura;

firmar os bons hábitos adquiridos nessa matéria.

Nas reuniões de quintas feiras procuramos sempre dar a conhecer às professoras certos conhecimentos psicológicos e pedagógicos indispensáveis para que elas possam conscientemente e inteligentemente bem dirigir seus alunos em Língua Pátria.

Assim temas como estes: "A expressão consequência da impressão" — "Como corrigir os erros de ortografia para que a criança conserve uma impressão firme de forma certa" — "A finalidade do ditado" — "Valores de leitura silenciosa e oral". — "Como organizar a classe para a aquisição de bons hábitos na leitura" e etc.

Em Aritmética tem sido nossa principal preocupação convencer o professorado da impossibilidade de se ministrar o ensino eficiente com o objetivo de se esgotar o programa.

Para conseguirmos o ensino hierarquizado, inteiramente ligados os diversos pontos, organizamos no ano passado uma série de contas de cada uma das operações com as dificuldades seriadas, e dezenas de problemas e diversos tipos. Só este ano, entretanto, pudemos pôr em prática essa nossa resolução e com muito bons resultados. Assim também a objetivação, a necessidade de dados reais colhidos na vida social, os testes frequentes para se analisar o crescimento da

classe são feitas em que batemos, sistematicamente, para que, observando os resultados de hoje possam as professoras escolher seu modo de agir.

Relativamente aos resultados alcançados pelos alunos das classes dos 2.º, 3.º e 4.º anos temos levantados gráficos que muito têm concorrido para estimular alunos e professoras.

São esses, em síntese, os dados que melhor definem a marcha de nossos trabalhos que embora aparentemente não apresentam tons muito coloridos, nós o sentimos, e o afirmamos com convicção, alguma coisa realizaram em benefício de nosso Grupo Escolar.

MARIA IGNACIA DE QUEIROZ MIRANDA

Sociedade Pestalozzi

Consultorio Medico-Pedagógico

*Para crianças retardadas, nervosas,
com perturbações da linguagem,
surdas-mudas, com defeitos de ca-
rater, anomalias de crescimento, etc.*

As segundas e quartas-feiras de 8 às 11 horas

Rua Ouro Preto, 629

Belo Horizonte

Gratuito para crianças pobres

Assistência Escolar

Raul de Almeida COSTA

A instituição do ensino público primário, que tem por objeto a educação da infância, seria incompleta e anti-democrática, se, indiferente à desigualdade da fortuna, não cogitasse da participação do aluno pobre dos benefícios da escola.

Ao Estado, que mantém o complexo aparelho escolar educativo, é quasi impossível atender às condições individuais desses alunos, porque tais condições variam quasi ao infinito, em função, como se acham, das circunstâncias as mais diversas e instáveis. A assistência individual exigiria o estabelecimento de difficilissimo sistema de fiscalização, daria origem, ainda assim, a uma série inconciliável de problemas, que assoberbariam a administração e o erário, sem a segurança de uma solução efetiva e permanente.

Tanto assim que a necessidade dessa espécie de assistência, à mingua de outros meios de realização, gerou, universalmente, o sistema das caixas escolares, que constituem relevantíssima contribuição para a educação popular.

Visando esse objetivo, a Constituição Federal brasileira criou o tributo da taxa escolar, para os que não alegarem ou notoriamente não puderem alegar escassez de recursos, defendendo assim o dever de solidariedade humana dos menos para com os mais necessitados.

O dispositivo da nossa carta magna acudiu os reclamos do sentimento nacional e veio ao encontro da vocação da consciência equilibrada, a que Santo Ambrosio atribue um dever gravíssimo, afirmando que não é maior crime furtar o alheio do que negar auxílio aos que dele necessitam.

Efetivamente, é instintiva a reação moral que sentimos à contemplação dos quadros sombrios da miséria ou da Verdade é que nenhum trabalho, por mais providente, mente com o esplendor, ainda que precário, da fortuna e da felicidade.

Não importa, porém, nos penitenciemos à contemplação desses desconcertantes e insanáveis aspectos do fenómeno social a que determina, em parte, com frieza imperturbável, a fatalidade do princípio evolucionista.

O que importa é que captemos, do sentimento de piedade, que não se anula aos embates pela vida, uma corrente dinâmica, capaz de transformar a bondade potencial na influência suavizadora da legião dos infortunados.

Para isso, não vale surpreender o flagrante do sofrimento e da amargura na madureza da vida adulta, senão premunir a infância descuidada dos meios preventivos de segurança e de defesa.

Verdade é que, nenhum trabalho, por mais providente, nenhum esforço, por mais perseverante, derrogará a amargante desigualdade dos destinos humanos — esse jôgo perene de antíteses, de que nasceu, como de um pântano, o lírio branco da caridade. Muitas vezes, porém, a caridade distribue o óbulo e não remedia a falta; aplica o bálsamo e não suavisa as dores; faz o bem e não evita o mal, procura reanimar a vida, quando já não há senão a morte.

Essa é a caridade instintiva, que nasce de um impulso incoerente do sentimentalismo. Nobre na sua intenção, opera porém sacrificio inútil. A caixa escolar, não.

E' a bondade que obedece uma diretriz racional, calculada e providente; que, procurando contornar as leis incutáveis da vida, previne muitas desgraças e opera grandes efeitos. Instituição simples e modesta, consegue, por isso mesmo, um lugar de relêvo entre as consagradas instituições do povo, porque a sua finalidade impõe-se como um dos mais puros ideais da solidariedade humana.

E vive tanto mais das sobras dos abastados como da bênção votiva dos pobres. Vale o que vale a escola.

Amplia e aperfeiçoa o seu efeito educativo, realizando, na fase incipiente da vida, uma influência duradoura, de inestimável alcance humano e social.

Sendo para os filhos da pobreza refúgio e amparo e para o estado atual da nossa inquietante civilização um recurso salvador, é, para os que a sustentam, além de sadio patriotismo, um conforto salutar e balsâmico, pois, como disse Rui Barbosa, a nossa felicidade consiste no sentimento da felicidade alheia, generosamente criada por um ato nosso.

RAUL DE ALMEIDA COSTA



Enaltecendo o magistério

O governador do Estado fala sobre o professor mineiro

No Grupo Escolar "Barão do Rio Branco", agradecendo as homenagens que ali se lhes prestaram, o governador Benedito Valadares pronunciou o seguinte discurso:

"E' com a mais profunda emoção que penetramos nesta velha casa, primeiro grupo escolar fundado em Minas Gerais.

A obra que João Pinheiro iniciou tem sido continuada pelos governos que lhe sucederam.

Quando este estabelecimento de ensino foi fundado, eram quasi invencíveis as dificuldades com que lutava o professor primário para lecionar do primeiro ao quarto ano do curso.

Fui aluno de uma escola isolada no interior do Estado, regida pelo mestre Bento Ernesto Junior. Só mesmo um espirito privilegiado como o grande educador mineiro poderia, lecionando para quatro classes diferentes, em casinhola mal arejada, com deficiência de espaço, conseguir que seus alunos terminassem o curso.

Mais tarde, multiplicaram-se os grupos escolares, em prédios construídos de acôrdo com a técnica da pedagogia moderna. Ninguém poderá, porém, esquecer que foi esta velha casa, em que se acha instalado o Grupo "Barão do Rio Branco", a pedra fundamental do grande edificio da instrução modelar de Minas Gerais.

Na época em que vivemos, de ensino racionalizado, a tarefa do professor está sem dúvida facilitada pelos meios de que dispõe. E por isso mesmo todos sentem o entusiasmo de que as professoras se acham possuídas por verificarem

que podem realmente fazer alguma coisa de útil em benefício da coletividade brasileira. Minas, entretanto, ainda não pode dar proventos mais equitativos a essas grandes servidoras do seu progresso. E' com pesar que faço esta declaração que traduz apenas o modo como o meu Governô encara êsse problema.

Fazendo, porém, os maiores sacrifícios havemos de governô e professores, cumprir o nosso dever.

E a sinceridade da vossa saudação, pela voz de uma das mais cultas professoras mineiras, nos estimula a trabalhar com a mesma firmeza e devotamento pela felicidade do povo mineiro.

Com os meus agradecimentos e a certeza de que o ensino primário em Minas, sob a patriótica direção de Cristiano Machado, se aperfeiçoará cada vez mais, faço votos para que nunca se esmoreça no vosso coração de professoras a chama sagrada do amor da Pátria, até o sacrifício.

AVISO AOS SRS. ASSINANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da "Revista do Ensino", devem os srs. assinantes reformar a tempo as suas assinaturas.

O ensino concreto de educação cívica

Amintas ROCHA

Diretor do Grupo Escolar "Ribeiro de Oliveira", de Entre Rios.

O ensino de Educação Cívica nas nossas escolas sempre mereceu, para mim, lugar de destaque entre as demais disciplinas do programa primário, por julgá-lo formador imprescindível do verdadeiro espírito de brasilidade do nosso povo. Mas, para que tal ensino atinja a sua exata finalidade, tem que ser *sentido* pelas crianças através de aulas práticas e concretas, tiradas da vida real.

Alguns professores afirmam que o ensino de Educação Cívica não pôde ser *desejado* nem *sentido* pelas crianças por ser muito árido, abstrato mesmo, acima da compreensão infantil. Outros afirmam exatamente o contrário: que o ensino cívico pôde ser concretizado, assim como se concretiza uma aula de noções de cousas, de geografias, etc.

A razão está, não há dúvida, com os segundos, visto que todo ensino, qualquer que êle seja, torna-se enfadonho, detestável, quando o professor não motiva suas aulas, sem se munir de material adequado que provoque ou desperte o interesse de seus alunos pelo assunto a ser estudado.

O estabelecimento sob minha direção, compreendendo a alta finalidade do ensino de Educação Cívica, tem lançado mão, com ótimo resultados, de vários expedientes pedagógicos, concretizados em fatos e cousas da vida real, dando ao mesmo ensino o máximo rendimento. Dentre os recursos de que se serve, destacam-se:

1 — Biografias ilustradas, dos grandes vultos nacionais.

2 — Desenhos alusivos a assuntos cívicos constantes de programas de auditórios.

3 — Estudo da Bandeira, acompanhado de desenhos e composições, mostrando sua origem e a sua alta significação patriótica.

4 — O Hino Nacional e a biografia dos autores de sua música e de sua letra.

5 — Galeria dos Grandes do Brasil.

6 — Denominações de clubes, de bibliotecas e de quaisquer instituições escolares.

7 — Comemorações de feitos históricos, dedicadas às memórias dos que neles tomaram parte saliente.

8 — A Hora da Pátria, uma vez por semana.

9 — Organização, pelos próprios alunos, de estatutos ou mandamentos cívicos.

10 — Histórias inventadas e ilustradas pelos alunos em torno de determinado preceito cívico.

11 — Reuniões semanais dos clubes de leitura.

12 — Excursões escolares.

13 — Reconstituição de fatos históricos por meio de cenas dramatizadas.

14 — Objetos do Museu Escolar, fotografias e paisagens de localidades brasileiras.

15 — Autoridades locais e suas funções.

16 — Melhoramentos públicos do município, do Estado e do País.

17 — A execução e o cumprimento das leis e decretos.

18 — A Constituição Federal.

Biografias — O quadro histórico com retratos de homens da nossa História muito concorre para o estudo de biografias. Os alunos, ao depararem com um retrato no quadro histórico, logo querem saber a biografia do homem que o retrato representa — onde nasceu, como se chamavam seus pais, teve irmãos, que fez para estar ali, quando e como morreu, etc. Ao ser estudado um fato histórico ou quando se aproxima uma data cívica, todos querem estudar e conhecer



Grupo Escolar de «Pouso-Alegre» — Hora de Leitura, na biblioteca infantil.



Flagrante da coroação da Rainha da Primavera no Grupo Escolar de Angustura, município de Além Paraíba.

as biografias dos principais personagens envolvidos no assunto.

Programas de auditórios: — Os auditórios são sempre motivados e, por isso, as crianças tomam o máximo interesse pela sua organização. Feita a escolha dos assuntos, quasi sempre dedicam a reunião a um vulto importante da nossa História. Alguns alunos se encarregam do estudo da biografia do vulto em questão, enquanto outros tratam de fazer desenhos alusivos aos assuntos a serem tratados no auditório, bem como a reprodução do retrato do homenageado.

Estudo da Bandeira e do Hino Nacional: — Além da origem e significação da Bandeira, cuja descrição é feita com a colaboração dos próprios alunos, estes aprendem a saudá-la devido a esta advertência das respectivas professoras: — "Todo brasileiro digno deve saber saudar a nossa Bandeira". As meninas fazem bandeirinhas de papel e de retalhos de pano, e os meninos projetam fazer uma Bandeira modelada em argila, assim como já fizeram as Armas da República.

O Hino Nacional é estudado conjuntamente com as biografias dos autores de sua letra e de sua música, nas respectivas classes, para depois ser executado em conjunto, durante a Hora da Pátria ou outra solenidade cívica.

Hora da Pátria — A instituição da Hora da Pátria muito tem contribuído para o desenvolvimento cívico-social dos alunos. Realiza-se uma vez por semana, com a presença de todas as classes, que se revesam na sua organização. Às vezes, é dedicada a um vulto histórico, cuja biografia é feita por um aluno. Todos fazem a saudação à Bandeira e cantam hinos patrióticos. O diretor do estabelecimento, quasi sempre, faz uma ligeira alocação sobre os fatos importantes da semana, procurando mostrar às crianças o nosso dever para com o Brasil, que somente será grande e forte quando todos os seus filhos forem, de fato, verdadeiros patriotas.

Além da saudação oficial à Bandeira, que cada classe possui, muitos alunos fazem boas saudações ao Pavilhão Nacional. E há censura quando algum, sendo chamado, se recusa a saudar a Bandeira. Há pouco deus-se, durante a

Hora da Pátria, um fato que merece registro: — Como diversos alunos maiores não quisessem, por acanhamento, saudar à Bandeira, como havia sido determinado na última reunião, fiz referência, na minha alocução, ao fato de crianças de 1.º ano bem compreenderem os seus deveres para com a Pátria, enquanto que alunos de classes adiantadas tinham vergonha de fazer uma ligeira saudação ao nosso Pavilhão. No dia seguinte, uma aluna do 3.º ano foi mostrar-me no gabinete uma saudação que ela havia escrito. Ei-la: — “Bandeira muito querida: Não posso de todo compreender o brasileiro que desconhece a tua preciosa existência, nem tão pouco aquele que é incapaz de saudar-te. Como retrato perfeito e intangível de nossa Pátria, és digna e merecedora de todo o nosso afeto e de toda a nossa veneração. Por isso é que neste momento venho saudar-te e dizer-te que jamais esquecerei este conjunto de côres que te dão tanta graça e beleza. E porque és graciosa e bela, e, mais do que isso, — o símbolo sagrado que representa tudo que há de grande e nobre no Brasil, — eu não posso deixar de dizer-te que sempre estarei contigo, nas dôres e nas alegrias, em defesa do nosso caro Brasil. Salve, pois, ó bandeira de minha Pátria!”

Estatuto Cívico ou Mandamentos Cívicos: — Há poucos dias, quando se fazia nas classes o estudo dos homens e cousas da nossa Independência, durante a Semana da Pátria, foi sugerida a idéia de se organizar uma relação dos mandamentos cívicos a serem observados pelos verdadeiros patriotas. Então foi proposto que cada aluno de 3.º ou 4.º ano escrevesse 10 principais qualidades que deve possuir o verdadeiro patriota. Aquele que escrevesse o melhor trabalho, receberia como prêmio a colocação, em lugar distinto da sala, de um quadro com o referido trabalho, cujos conselhos deveriam ser seguidos por todos os alunos da classe.

Tal atividade constituiu verdadeiro certame cívico, querendo, cada qual, apresentar melhor trabalho. Feita a apuração, pôde-se conseguir uma longa série de preceitos cívicos, série que constituirá o estatuto cívico de estabelecimento, devendo ser colocado em lugar bem visível. Cada

preceito contido no estatuto oferecerá motivo para composição de história inventadas e ilustradas, que também serão submetidas a concurso e, assim, se poderá organizar um livro de historietas cívicas.

Organização de um clube: — Ao ser organizado um clube, a primeira preocupação das crianças é a escolha do patrono para a nova associação. Recorrem então ao quadro histórico, estudam biografias e, finalmente, manifestam suas opiniões, de acôrdo com o que aprenderam. Escolhido o patrono, tratam logo de obter o seu retrato e de conhecer a vida e as obras do protector do novo clube. O mesmo fazem quando inauguram uma nova secção da Biblioteca Infantil.

Comemorações cívicas: — As comemorações cívicas, quando bem orientadas, são fontes vivas onde as crianças encontram motivos para os desenhos destinados à ilustração dos programas respectivos. A's vezes, aparece uma senhora (mãe ou professora, com certeza) apontando a uma criança o mapa do Brasil com a Bandeira Nacional bem no centro. Outras, um senhor entregando a um pequeno a Constituição com esses dizeres: “Se queres ser verdadeiro brasileiro, observa e cumpre o que está escrito neste livro”. Ainda em outros, um homem do tamanho do mapa do Brasil, ao lado, com a frase: — “Todo brasileiro deve ser do tamanho do Brasil”.

As reuniões semanais dos clubes de leitura, as excursões escolares, o conhecimento das autoridades locais, os melhoramentos públicos, a reconstituição de fatos históricos por meio de cenas dramatizadas, objetos do Museu Escolar, fotografias e paisagens, tudo isso constitue precioso material para excelentes e proveitosas aulas de educação cívica. E o ensino através de fatos e cousas reais satisfaz plenamente a principal finalidade da educação cívica nas nossas escolas: — “Interesse pelo progresso do Brasil e por tudo quanto é brasileiro, procurando sempre engrandecer a Pátria pelo exemplo e pelo trabalho”.

Eis, em linha gerais, o que o meu Grupo tem procurado realizar, no terreno de tão importante disciplina.

Concretizemos, pois, o ensino de educação cívica para que êle seja sentido e compreendido pelas nossas crianças, por meio de realizações práticas.

Com boa disposição e patriotismo, nenhum professor falhará na execução do seu plano de ensino cívico, que deve ser feito conscienciosamente, com o elevado propósito de formar uma geração sadia e robusta, para a grandeza e perpetuidade da Pátria.

AMINTAS H. MARQUES DA ROCHA

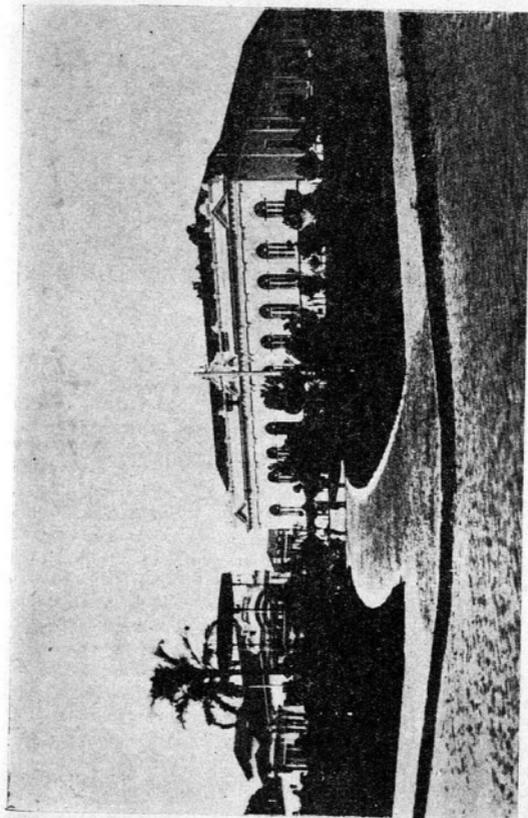
TABELA DE ANÚNCIOS:

Na capa (lado externo),	1 página	100\$000
» » » 1/2	»	60\$000
» » » 1/4	»	35\$000
(lado interno),	1	80\$000
» » » 1/2	»	50\$000
» » » 1/4	»	30\$000
Em páginas-suplemento,	1	60\$000
» » » 1/2	»	40\$000
» » » 1/4	»	25\$000

Para publicação por 3, 6, 9 e 12 vezes, haverá desconto de 10, 20, 30 e 40 por cento, respectivamente.

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, e os anúncios a cores pagarão preços especiais previamente combinados.

Todo pagamento será feito adiantadamente



Grupo Escolar E. Brasil, — Uberaba.

Por que?

Romeu VENTURELLI



I

"Deve-se dar a toda criança a oportunidade de ser bem sucedida em alguma cousa; o fracasso constante estabelece o hábito de errar e é um obstáculo quasi invencível de desânimo e indiferença". (Thomas Ford. "Revista do Ensino", ns. 146-147).

Essa assertiva, altamente judiciosa como as demais por mim comentadas em trabalhos anteriores, foi, em grande parte, ali explanada. Falta apenas um conceito emitido em poucas palavras, mas que encerra um mundo de cousas. E' o seguinte: "O fracasso constante estabelece o hábito de errar".

Quanto há que, com ou sem pressa, leram esse tópico, mas sem penetrar a grande verdade nele contida e de cuja observância depende o sucesso do ensino.

Antes de demonstrá-lo ou melhor, para demonstrá-lo claramente, vou dizer algo sobre os hábitos em geral, opiniões de vários autores, contidos em obras várias sobre o caso.

Como se define o hábito? "E' tendência adquirida pela repetição, de se conservar ou de reproduzir, com facilidade crescente, os estados ou atos anteriores", assevera-o Riboulet, em sua "*Psychologie appliquée à l'education*", pág. 266. "O hábito (*habere*, ter, possuir), designa a disposição permanente do ser para conservar as modificações recebidas" (Estevão Cruz. "Compêndio de Filosofia", pág. 224). Este último autor diz ainda o seguinte, que é muito conveniente tenhamos sempre em mente: "A repetição não é condição *sine qua non* do hábito, pois, um só ato bastante enérgico ou prolongado será

suficiente para reproduzi-lo". Anotemos ainda esta asserção: "E' ao primeiro ato que o hábito deve a sua origem". William James, em sua obra (*Causeries pedagógicas*, pág. 58, lembra-nos, a nós professores, esta verdade: "O grande trabalho em educação é o de fazer do nosso sistema nervoso um aliado e não um inimigo. Por isso devemos tornar automáticas e habituais tantas ações úteis quanto possível e termos cuidado com o que possa tornar hábitos nocivos". O mesmo autor, em a supracitada obra, diz ainda que, de ordinário, se pensa que sómente os vícios são hábitos. "Fala-se em hábito de fumar, de jogar ou beber, mas não dos hábitos de moderação, de abstenção ou de coragem".

Há, pois, multiplicidade de hábitos. Eies podem ser de natureza física, moral, intelectual e religiosa.

Hábitos físicos: de ordem, asseio, temperança, de decência, de respeito a si mesmo, etc. *Hábitos morais*: amor à verdade, ao belo e ao bem, o cumprimento do dever para com Deus, para consigo mesmo, para com os pais, para com o próximo. *Hábitos intelectuais* de atenção, observação, de pontualidade.

Hábitos religiosos: prática dos deveres religiosos. (Riboulet, op. cit.).

Dessa variedade de hábitos, quais os que, com verdadeiro afincio, procuramos desenvolver em nossos educandos? De ordinário, nenhum, assevero-o peremptoriamente, baseado em dados seguros. Alunos, até mesmo de classes avançadas, não usam tinta, porque deixam tombar o finteiro, sujando carteiras, soalho, as mãos, cadernos e livros. Escrevem a lapis, por comodismo ou inadvertência da professora. Como se encontram os seus trabalhos de escrita? Cheios de erros, de emendas, de manchas das mãos mal lavadas e de rabiscos e rasuras de toda espécie.

E seus livros? Sujidade por tudo. E como se habituaram a voltar-lhes as fôlhas? — Da maneira que acharam mais fácil a princípio. Como entram e saem da classe? — A vontade, fóra de forma, consoante o preconisa a nova

escola. Como, porém, não foram preparados para isso, entram e saem aos repelões, a bater os pés, o que não está de acôrdo com a nova escola. Quando comem frutas, onde atiram as cascas? Ao léo. Dentro ou fóra da classe, cada um tem o seu lapis e as paredes se enchem de rabiscos dos que ainda não sabem escrever, mas que se vão habituando àquele crime, e de palavras obscenas escritos pelos *mais adiantados*.

Quanto aos hábitos intelectuais, os fracassos não são menores. Atenção, nula.

A escrita é cheia de erros desde o início de sua aprendizagem, porque se exercita por meio de cópias que a professora não fiscaliza nunca, entregue a preocupações estranha muita vez, aos seus deveres. Em leitura, todos os defeitos, tendo, como resultante fatal, a incompreensão do que leem.

Depois dessa pequena digressão e das ligeiras referências aos hábitos em geral, passemos à questão "o fracasso constante estabelece o hábito de errar".

Veremos, portanto, o hábito em um dos seus aspectos — intelectual.

De início, lembremos o seguinte, supracitado: "E' no primeiro ato que o hábito tem a sua origem". A criança que da primeira vez escreveu determinada palavra errada, tem a tendência para fazê-lo sempre. Evitar êsse primeiro erro, deveria ser a preocupação da professora. Mas não o tem sido. Se é um trabalho de cópia e isso desde o primeiro ano, o aluno se sente à vontade, mas sempre sem boa vontade, porque é um trabalho fastidioso e pelo qual nenhum interesse sente. E como há pressa em terminá-lo, faz tudo atabalhoadamente. E' sempre uma cópia cheia de erros inúmeros, sem levar em conta outros defeitos.

Esse critério se segue até o aluno chegar ao término dos seus estudos.

Se se trata de ditado, vários erros ainda, mesmo que seja de antemão estudado o trecho a ditar. Qual o resultado disso? Vou dizê-lo, baseado em várias observações e experiências e não em conjecturas.

Certa vez eu ditava a uma classe de 4.º ano de um grupo sob minha direção.

Um dos alunos escreveu a palavra *certa*, com *s* (serta). Fi-lo repeti-la várias vezes, como convinha. Para verificar se já havia fixado sua grafia exata, logo a seguir ditei de novo a mesma palavra. Errou ainda. No dia seguinte tornou a errar e errava sempre que se distraía. Qual a causa disso? E' uma resposta fácil: força portentosa do hábito e a falta de atenção, atenção que já mais educamos e hábitos que já mais procuramos evitar.

Exemplo muito mais notável, colhi-o eu durante um ano nas várias classes de um grupo onde permaneci. Minha ação se iniciou por uma prova de ditado onde se continham palavras em que habitualmente os alunos erram. Corrigindo essas provas, verifiquei, sem nenhuma surpresa, que os erros eram os mesmos, do 1.º ao 4.º ano, e nas palavras mais comezinhas, como *campo*, *pássaros*, *companheiros*, etc.

Constatado isso, dediquei-me diariamente, a corrigir esses maus hábitos de grafia. O critério que adotei e que não explano para não tornar este trabalho demasiado longo, era de molde a produzir ótimos resultados, sei-o bem.

E quais foram esses resultados? No 1.º ano, ótimos. Dentro de 3 meses consegui que os alunos obedecessem, tão somente pela prática, à regra do *m* antes de *b* e *p*, do *s* entre vogais, etc. No 2.º ano, só decorrido 6 meses alcancei os resultados desejados. No 3.º ano, dentro de um ano de exercícios diários, ainda se verificaram erros, de onde em onde. Quanto à classe do 4.º ano, resultado mui pouco satisfatório para alguns alunos e absolutamente nulo para a maioria. Para esclarecer a razão de ser dêsse acontecimento, vêm muito a propósito estas palavras de João Toledo, em sua obra "Crescimento Mental", págs. 359-60: "Há uma tendência fisiológica, bem conhecida, para praticar um ato pela segunda vez, como êle foi praticado na primeira. Um menino pronuncia mal uma palavra no primeiro encontro com ela, pronunciará do mesmo modo no segundo e no terceiro; escreve errada outra palavra, amanhã, se a tiver de escrever de novo,

repetirá a grafia da véspera. A mesma cousa notar-se-á se êle colocar mal as mãos no teclado do piano, se pegar mal a caneta, se se assentar mal na cadeira. Na execução de todos esses atos há descarga de influxo mental através dos nervos condutores e dos músculos. A princípio a passagem se efetua com vagar e esforço, e, a seguir, realiza-se já em menos tempo e com menos trabalho". "Todos os seres vivos, ensina Ingenieros, possuem a propriedade de repetir uma operação já efetuada neles uma ou mais vezes, com mais facilidade do que se se tratasse de uma operação nova". São palavras essas que confirmam a asserção de Bechterew: "A passagem, mais ou menos frequente, do influxo nervoso pelas vias condutoras, diminue sua potencial de resistência e termina por franquear o caminho à sua condutibilidade". De tal modo as descargas contínuas abrem êsse caminho, que se torna quasi impossível desviar o curso da impulsão mental; formada que seja, rola através das vias acostumadas e objectiva-se na prática. E' mais fácil, às vezes, abrir passagem nova, onde nenhuma exista, do que abandonar a velha para seguir outra; nesse caso, da mudança de rumo, há um duplo obstáculo a vencer: — a abertura do caminho novo e a atração para o velho que reclama menor esforço".

Bem conveniente é uma meditação demorada sobre esses tão sábios conceitos.

De ordinário, nas escolas normais, nos dedicamos às cousas teóricas, no terreno somente do dogmatismo, sem que jamais tão transcendentes estudos, quasi sempre incompreensíveis à nossa mentalidade ainda em formação, se traduzam na prática, se objetivem com clareza. Falsos rumos e, *ipso facto* falsos fins. Muito melhor seria, creio, uma prática sistemática, desde o 1.º ano daquele curso, com observações de acontecimentos multiplos, de fenômenos vários, numa situação real e não hipotética, como consequentê estudo tendente à sua explicação. Da minha parte, felizmente, seguí êsse rumo, por força de circunstância. Quantas vezes me encontro em face de problemas sérios de cuja solução,

vejo-o bem, dependendo o progresso dos meus alunos e o meu próprio progresso. E como meus conhecimentos são mínimos senão nulos, sempre venho solucionando tais problemas no estudo das opiniões dos grandes mestres, fazendo-o com interesse e entusiasmo sempre crescentes e jamais por mim experimentados nos bancos escolares, onde, ademais, predomina a preocupação dos exames.

Na questão atinente aos hábitos, cheguei a felizes conclusões, tirando, com isso, ótimos resultados. No que concerne à escrita, quer se trate de cópia, quer se trate de ditado, dominou-me uma única preocupação: não permitir que os alunos errem. Passei a condenar francamente a cópia feita como habitualmente.

De acôrdo com o meu critério, êsse trabalho se processa de um modo muito interessante e por isso mesmo com resultados altamente satisfatórios.

Quanto aos ditados, também nenhum êrro e, portanto, pouco trabalho de correção.

Passei a adotar êsse critério que resumo nestes termos: ditados ordinários não se corrigem, porque não devem conter erros. E como se conferem notas a cada trabalho, elas serão sempre elevadas. Por êsse processo as crianças são sempre bem sucedidas naqueles exercícios, possuem-se, portanto, de ânimo e entusiasmo, evitando o hábito de errar, o que é muito importante, consoante procurei aqui demonstrar.

II

"Nos alunos deve ser inculcado o hábito de "concentrar-se na *ocupação presente*. A professora deve ensinar seus alunos a trabalhar com eficiência e bom êxito. E' salutar uma certa quantidade de trabalho físico e mental". (Thomas Ford. "Revista do Ensino", ns. 146-147).

Desde o primeiro dia de aula, desde a primeira hora, uma só preocupação, uma só, predomina nas professoras:

ensinar a seus alunos a escrita, leitura, etc., sem os preparar jamais para tais ensinamentos. Agem como um lavrador que atirasse, a êsmo, sementes várias, sem o preparo prévio do terreno. Evidentemente alguma haveria de medrar, tal o terreno em que tivesse a sorte de cair, mas com que dificuldades e com quanto esforço e prejuizo ao seu desenvolvimento...

A preocupação máxima da professora deverá ser, no decorrer do tirocinio escolar, desde as primeiras aulas, habilitar seus alunos a *concentrar na ocupação presente*, isto é, adquirir hábitos de atenção.

E' uma outra séria e importantíssima questão psicológica que estudamos nos bancos das escolas normais, em toda a sua minúcia, na sua parte mais transcendente e num alheamento completo da prática. Teoria, teoria, sempre teoria, com uma resultante — ZERO.

Procuremos conhecer essa questão de um modo mais claro.

Como se define a atenção? "E' a aplicação da mente a um objeto que tratamos de conhecer. E' o que indica a etimologia de *atenção*, palavra derivada de *ad* para, e *tendere* = tender". ("Pedagogia general", de D. Ezequiel Solana, pág. 213).

Ainda uma explanação necessária. A atenção pôde ser espontânea e voluntária. "No seu gráu inferior ela é espontânea. Uma impressão viva e forte pôde abalar profundamente o espírito para tornar atento à sua causa. No seu gráu superior, a atenção é conciente e voluntária. (Blancheron. "Leçons de pedagogie theorique et pratique", pág. 53).

A atenção espontânea "é a atenção dos animais e dos pequeninos; tem feição puramente biológica, isto é, põe o indivíduo em guarda contra os perigos possíveis e anda como que à cata de satisfação para as necessidades vitais. E' um cheiro agradável, para lá se volta ela: é alguma coisa que se coma, talvez; é um vulto estranho e feio, ei-la toda concentrada sôbre o perigo, preparando a fuga; são ruffos de tambores, bandeiras espalhafatosas que fraldejам, foguetes

que estouram, manchas no céu, gritos algures, e ela toda solícita, que será? que não será? Veem-se bem sua natureza e seus instintos" (João Toledo. "Crescimento mental", pág. ... 210).

"A atenção é voluntária, quando, mediante um esforço da inteligência e da vontade, o espírito reúne e concentra todas suas forças sobre um objeto determinado, com exclusão dos demais. Esta atenção, própria só do homem, é de importância decisiva tanto para a aquisição, quanto para a conservação dos conhecimentos". (D. Ezequiel Solana, op. cit.).

Como se verifica a passagem da atenção espontânea para a atenção voluntária?

E' uma pergunta que certo autor faz, dando a seguinte resposta com a devida explanação: "A atenção voluntária se desenvolve rapidamente; entre os normais, graças à aparição de interesses novos. Uma criança recusa aprender a ler. Nenhuma atração tem, para si, as letras. Mas começa a interessar-se pelas figuras de um livro e pede explicação sobre o que elas representam. Responde-se-lhes:

— Aprende a ler e o saberás. A criança termina por se resignar, a princípio, molemente à tarefa, depois se habitua e por vezes mostra um ardor que é preciso moderar". (A. Piffaut. "Psychologie appliquée à l'education").

Aos céticos, aqueles aferrados aos *encantadores* princípios da escola tradicional e em cujos lábios antevejo um sorriso de mofa, ao ler essa incontestável asserção, quero dar aqui um exemplo real, colhido por mim em minhas observações e que a corrobora plenamente. Tenho em meu grupo uma alma cujos pais, desde pequenina, liam-lhe revistas infantis, cheias sempre de estampas interessantes e coloridas, como sóe ser costume. Seu desejo de aprender a ler o que nessas revistas se continha, crescia dia a dia e seus pais se viram obrigados a mandá-la à escola muito antes dos seus 5 anos. Como é natural, não se matriculou e estudava à vontade. Tal era, porém, seu desejo de aprender a ler que dentro de 4 meses já o conseguia de algum modo. Certa vez, examinando-a, dei-lhe uma palavra de um jornal que se en-

contrava sobre minha mesa. Esforçou-se um momento e conseguiu lê-la, dizendo-me radiante: "Como é gostoso a gente ler".

E hoje mostra um ardor que é preciso moderar, confirmando a asserção do autor citado. Mal chega em casa, após as horas escolares, veem-na às voltas com seus cadernos e livros, e, à noite, recostada em seu leitozinho, tem ainda o seu livro de leitura a folhea-lo carinhosamente.

De ordinário, como se encontra uma professora numa sala de aula, em início de ano letivo? Em face de crianças que, na sua quasi totalidade, jamais viram ou ouviram falar em livros e que, como é obvio, jamais o desejaram. Vão iniciar a escolaridade. Até então viviam em folguedos, ao ar, à luz, na cega obediência à lei fatal que preside ao desenvolvimento somático. Alinhados em carteiras, começam, desde a primeira hora de aula, uma aprendizagem de letras e números, altamente enfadonha. A professora não se preocupa na sua adaptação àquele meio.

A transição é brusca, e a natureza reage contra tal absurdo, infenso a todos os seus sábios princípios. Atenção voluntária da parte daquelas pobres crianças, nenhuma. Interesse, portanto, nenhum. Tudo isso traz e trará sempre, como fatal resultante, uma nulidade ao ensino ou um grande atraso. E' a razão por que vemos crianças permanecerem 2, 3 e mais anos no 1.º ano e saírem muitas vezes analfabetas. E para tirarmos a nossa responsabilidade na prática desse crime, praticamos um outro, dizendo que tais e tais crianças são anormais. Parece-me que a anomalia está da nossa parte.

Nessas classes infelizes só se ouve a professora a pedir silêncio e atenção, e ainda procurando impô-los com varadas fortes e contínuas sobre a mesa, gesto que bem demonstra o domínio, também no caso, da lei do atavismo. E tudo isso, nesta época em que tanto se comentam e se lêem obras de Claparède, Dewey, Descoedres, Binet, Decroly e outros autores de igual valor e de nomes de difícil grafia e pronúncia. Tudo isso numa época em que se fala em escola ativa, em

respeito ao desenvolvimento da criança, à sua espontaneidade, em ortopedia mental, em educação funcional, evolução e concepção psico-biológica do interesse, etc., etc. Tanta teoria atabalhoadamente contida em nossos cérebros, tem produzido e há de produzir, *ad-perpetuum*, o caos pedagógico em que nos encontramos há tantos anos e de onde jamais sairão mundos luminosos como se verificou no caos primitivo. Botemos cõbro definitivo a esse estado de cousas tão lamentável. Mas como? *Fazendo com que os alunos aprendam a aprender, ensinando nossos alunos ensinar*. Modificação do critério de ensino e programa de ensino. Tão somente.

Só assim conseguiremos seguir a róta feliz, conducente à meta brilhante dos alevantados ideais da moderna pedagogia e da qual, presentemente, tanto nos encontramos desviados.

Depois dêste tergiversar, voltemos ao assunto atenção.

Certa vez uma professora leu algures que Mlle. Hamai-de, colaboradora de Decroly, conseguiu grande e prolongada atenção dos seus alunos, depois de lhes haver mostrado um lagarto. Foram aulas cheias de grande interesse para as crianças. — Mas, disse-me a professora em questão, não entendo. Essa atenção mui facilmente se consegue a todo momento, em qualquer classe. Satisfeita, porém, a curiosidade, muda-se o interesse e a atenção se volta para outras cousas.

Não se dará isso, desde que haja habilidade por parte da professora.

Essa atenção manifestada, de início, pelas crianças da escola de Ermitage, é precisamente a que se denomina — espontânea. A passagem desta para a voluntária se fará com relativa facilidade. A atenção involuntária é o ponto de partida para a voluntária. Assim diz Compayré, em sua obra "Cours de pedagogie", pág. 97: "Não há outro segredo para chamar o espírito à liberdade, que o de aprisionar, a princípio, nas sensações contínuas e forçadas. E' maravilhoso de ver como, por uma evolução natural, pela força mesmo do espírito, a energia interior se irá desenvolvendo, como a vontade se irá insinuando por grãos no hábito de um trabalho im-

posto e de um pensamento mantido pela força sôbre um mesmo ponto".

Mais êstes conceitos de João Toledo, em sua já citada obra, pág. 210:

Na escola, a *atenção espontânea* é ponto de partida somente, pois os meios de a despertar são muitíssimos limitados e, além disso, tem ela o inconveniente de manter-se mediante excitações fortes que fadigam logo e deixam de produzir os efeitos a princípio produzidos. Si contássemos tão somente com ela, o aprendizado seria mínimo, quasi nulo. E' por falta de outra que o *amestramento* de animais é trabalho e, às vezes, impossível; os domadores, artificiosos, pacientes, perseverantes, lutam meses e anos, e, aproveitando o momento fugazes de concentração, impõe a migalha de ensino que as circunstâncias permitem. Mas, na alma infantil, o veio do interesse natural não se esgota, cresce com o uso, aumenta tanto mais quando mais é explorado. Dos interesses primitivos originam-se interesses novos, que são novos engodos, reclamados, apêlos e presilhas da atenção.

Sabe-se que o interesse é a condição essencial da atenção. A atenção e o interesse são manifestações coexistentes. "Sem atenção não há aprendizado e sem interesse não há atenção".

William James assim diz: "Quem quer que se ocupe do interesse trata necessariamente da atenção, porque, dizer que um objeto é interessante, é uma outra maneira de dizer que ele excita a atenção? ("Causerie Pédagogique", pág. 84).

O interesse, *conditio sine qua non* da atenção, como havemos de consegui-lo? Há de ser muito difícil. Não. M. Bonfim, em sua "Lições de pedagogia", assim se manifesta sôbre o caso: "E' sempre possível fazer lições interessantes e despertar a curiosidade; diremos até — que nada é mais fácil do que suscitar o interesse da criança, porque êsse interesse immediato deriva diretamente das impressões ou excitações sensoriais, e nada mais fácil do que ferir a impressionabilidade da criança, que é, de si mesma, nimamente impressionável.

A escolha dos assuntos e dos fatos é a primeira necessidade a atender: assuntos de repercussão na vida normal, fatos compreensíveis pela criança, assuntos e fatos que sejam por si mesmos interessantes... "Em verdade, todo assunto de instrução tem o seu interesse; todo fato pôde ser apresentado sob um aspecto novo e cativante. O grande mérito do mestre está em saber achar o aspecto interessante de cada fato que oferece ao estudo do aluno. Sempre que for possível, predispõe-se o espírito da criança; faz-se-lhe antever o interesse da lição e das noções gerais que se vão desenvolver. Si se trata de uma lição de cálculo, formula-se um problema característico e o mestre rapidamente o resolve, patenteando assim a utilidade daquilo que vai ensinar. Si se trata de uma lição de geografia, *portos do litoral do Brasil*, uma nota geral, bem incisiva, é o bastante para destacar o assunto e preparar o estado de espírito do aluno. Será por exemplo, uma nota como esta: "Vocês nunca viajaram por mar, no Brasil?... Si viajassem, teriam presenciado uma cousa interessante aqui pelo sul. Rio de Janeiro, Santos, Florianópolis... os vapores aproximam-se muito da costa, vão entrando pela barra, e penetram no pórtio sem hesitação..."

A atenção precisa ser educada, sabemos-lo bem. Mas como? O que temos de conhecer e obedecer rigorosamente é o seguinte: "Não se educa a atenção fatigando-a, mas estimulando-a para cativá-la"... "Quando se reconhece que as crianças já não podem seguir atentamente a explicação ou demonstração que se alonga, faz-se notar o ponto em que ela está, busca-se uma digressão amenisante que permita aos alunos destenderem o espírito; dá-se-lhes um repouso relativo, sem mudar completamente de assunto, para voltar depois, explicitamente, ao ponto assinalado e continuar. Destarte o mestre poupa a capacidade da atenção das crianças, e maneja-as como quer, isto é, como convém para obter o duplo resultado: eficácia do ensino feito e cultura da atenção refletida". (Bonfim. Op. Cit., págs. 163-64).

Vemos, no presente caso, a cultura da atenção de um

modo indireto, dentro do ensino das várias disciplinas. Há ainda a cultura direta, com exercícios vários. E' um dos casos da ortopédia mental de que nos fala Binet, em sua obra "Les idées modernes sur les enfants", à pág. 150. Preconisa ali vários exercícios interessantes e já experimentados por mim apenas algumas vezes, constatando serem muito agradáveis às crianças. Dedicaram-se-lhes com grande prazer. Calkins, em sua obra "Lições de cousas", fala-nos em vários exercícios tendentes a "formar os hábitos de pensar e dizer com desembaraço e correção", e que servem admiravelmente à educação da atenção. Conto em, trabalhos futuros, se Deus m'o permitir, fazer mais claras e detidas referências àqueles exercícios, copiando-os a todos, na integra.

Terminando esta já longa exposição, quero inserir alguns conceitos mui importantes de Gabriel Compayré, excertos de sua obra já citada, págs. 104 e 106.

ENSINAR POUCA COUSA DE CADA VEZ — E' preciso evitar que o desejo de variar, de diversificar o ensino, nos faça cair na confusão. A multiplicidade de assunto desvia a atenção em vez de servi-la. Seria uma igual loucura, diz James Suly, apresentar à criança, ao mesmo tempo, um grande número de estudos diversos e pretender obrigá-la a ter seu espírito preso durante tempo indefinido sôbre o mesmo assunto.

NÃO TOLERAR AS DISTRAÇÕES — Não se assegura verdadeiramente o esforço de uma qualidade intelectual, senão reprimindo os defeitos que lhes são opostos. E' preciso, pois, combater, acima de tudo, a distração e depois de tudo se ter feito para corrigi-la docemente, saber recorrer mesmo às punições para proibi-la. "As distrações, diz Kant, jamais devem ser toleradas, ao menos na escola, porque elas terminam por degenerar em hábito. Os mais belos talentos se perdem no homem sujeito às distrações". As crianças distraídas não ouvem senão a meio, respondem tudo mal e não sabem o que leem".

Para terminar: dois grandes objetivos visa o mestre que se dedica à educação da atenção dos seus alunos: o de

fazer com que aprendam com mais eficiência e rapidez, e o de dar-lhes posse de "um dos instrumentos de perfeição moral".

Procuremos inculcar em nossos alunos o hábito de concentrar-se na ocupação presente.

111

"Nunca se deve amedrontar as crianças; um susto, na infância, pôde tornar-se a base para psicose de um adulto". (Thomas Ford. "Revista do Ensino", ns. 146-147).

Toda criança, ao ingressar na escola, já possui o medo em maior ou menor grau, estimulado pelas tão comuns histórias de assombrações, ouvidas dos companheiros, de suas amas ou indiretamente nas palestras entre a família e visitantes. Além disso, por um princípio de hereditariedade, consoante no-lo afirmam os psicólogos, as crianças tem natural medo das trevas, da solidão, temem qualquer ruído insólito, especialmente à noite.

Ribot, citado por vários autores, classifica essas duas espécies de medo em instintivo e conciente; o primeiro produto da hereditariedade, e o segundo, experiência dos pequenos em contacto com a vida.

Explanemos isso melhormente, copiando os dizeres dos doutos no assunto.

"O medo é o resultado dos sofrimentos do homem através os tempos e no espaço; é o atestado trágico dos seus terrores dos seus martírios na sua luta contra os semelhantes e contra a natureza. Por outro lado, a experiência dolorosa que a criança faz em contacto com a vida, determina e ocasiona os seus medos. A brutalidade e os maus tratos dos educadores; o regime escolar de autoritarismo, de coação, de intimidação e até de terror de que a escola está ainda eivada; a série de meios que a inconsciência, a estupidez ou a maldade de uns e de outros inventou para educar e instruir as crianças; ameaças de polícia e de lobishomens, de fantasmas,

de monstros; os contos, as leituras cheias de terror, tudo isso tem contribuído para criar em volta delas uma atmosfera irrespirável em que a melhor energia falece e se amedronta". (Faria de Vasconcelos. Pedologia e pedagogia", pág. ... 304).

Gravíssimas são as consequências psicológicas do medo; "o espírito perturba-se, a inteligência obscurece-se, torna-se incapaz de refletir, perde-se a memória, a vontade".

Estudando-se as emoções, embora de modo sucinto, porém claro como o estamos fazendo, haverá quem possa negar as sublimidades da escola nova e afirmar vantagens da escola de antanho? Esta inspirou Guerra Junqueiro, o grande poeta que, com *látigos de estrêlas*, soube açoutar os culpados de toda espécie.

Não posso furtar-me à tentação de consignar, aqui, algumas das suas estrofes com alusão à escola portuguesa de outrora.

.....

Desta escola a uma prisão
vai um caminho agoureiro;
A escola produz o grão
De que a enxovia é o celeiro.

Deixem ver o sol doirado
à infância, eis o que vos peço.
Esta escola é um atentado,
Um roubo feito ao progresso.

Vamos, arrancai a infância
da lama dêsse paúl;
Rasgai no muro — Ignorância,
Tresentas portas de azul.

O professor azinino,
Segundo entre nós êle é,
Dum anjo extrai um *cretino*,
De um *cretino* um chimpanzé.

Empunhando as rijas férulas,
Vós esmagais e partis
As crianças, essas pérolas,
Na escola — êsse almofariz.

Isto escolas!... Que indecência!
Escolas, esta farçada!
São açogue da inocência,
São talhos d'anjos, mais nada!

("Musa em Férias", págs. 49. — A escola portuguesa).

Os castigos corporais tem dois gravíssimos inconvenientes: um deles é o já apontado linhas acima; produz o médo tão deprimente à inteligência e, portanto, à aprendizagem. O outro tem consequências piores, porque prejudica a formação moral. De ordinário, pais e professores só castigam quando cheios de revolta íntima, mal podendo sopitar os impulsos da raiva. Nesses casos não se trata de educar; vingase. Sêneca, há 19 séculos atrás, já o dizia: "Si a correção é por vezes necessária, que seja imparcial e racional. Que se empregue como um remédio e não como *uma* vingança. (Citação de Riboulet. "Histoire de le pedagogie", pág. 91).

Veem muito a pêlo as seguintes palavras de Spencer em sua obra "Educação", pág. 217: "... "A selvageria produz a selvageria, e a delicadeza produz a delicadeza." As crianças que são tratadas sem simpatia, tornam-se antipáticas, enquanto que o tratá-las com simpatia é um meio de cultivar a simpatia delas. Como John Locke já o observou há muito: "A grande severidade do castigo pouco bem produz, ou melhor, produz um grande mal na educação, e creio bem que, em iguais circunstâncias, as crianças mais castigadas dão raras vezes os melhores homens".

Não veem muito a propósito, mas de algum modo aqui se enquadra nos seguintes dizeres da Dra. Montessori, insertos em sua magistral obra "Pedagogie Scientifique", pág. 197; "Para desenvolver a inteligência temos muitos objetos,

côres, formas, etc., mas para desenvolver o espírito, somos os objetos. E' à nossa custa que se devem nutrir as almas das crianças, é sobre nós que elas devem fixar de todo seu coração, como sobre um estimulante preferido; é em nós que elas podem elevar-se na sua criação espiritual a mais íntima. Quando o interesse da criança a leva a tomar a caixa com objetos coloridos e se Jetem na sua contemplação, aqueles objetos se prestam passivamente, mas as côres refletem os raios luminosos do sol que ferem as retinas virginais de seus olhos ainda não evoluídos e adaptados. Do mesmo modo quando os pequeninos se voltam de todo seu coração para nós e se detem para pedir um alimento de nossa alma, devemos estar sempre prontos como os objetos passivos, não nos subtraírmos por nosso egoísmo às necessidades das crianças, mas corresponder-lhes em todas nossas atividades íntimas, afim de refletir sobre elas os raios luminosos de que tem necessidade sua alma pura e ainda não adaptada à vida".

Não devemos dar, portanto, às crianças, o triste espetáculo de rancor inconfidido contra qualquer ato condenável da sua parte. Ademais, quantas vezes lhes não predomina a inconsciência desses mesmos atos, praticados sob o impulso insopitável de qualquer fenômeno fisiológico? E o castigo ou a ameaça de castigo foi sempre e continua sendo o meio preferido para se conseguir uma certa harmonia na classe, provocando, quasi sempre, na maioria dos alunos, o médo que tanto deprime não só do ponto de vista fisiológico como psicológico. Tenhamos sempre em mente esta grande verdade: "Toda educação que repousa no médo, é condenável no seu principio e funesta no seu efeito. Si o médo é um freído, não foi, nem será jamais um estimulante. Ele não cria a boa vontade; dá apenas a aparência".

ROMEU VENTURELLI

Uma biblioteca infantil

Zaide Alves QUEIROZ

Nesta hora em que todo o século XX é uma colmeia na qual se sucedem as reformas agrícolas, financeiras, militares — gerais enfim e que o nosso Estado vai se destacando pela eficiência com que vem dirigindo seu novo rumo didático, não quis o sr. diretor deste grupo ficar á quem do movimento pedagógico nacional. Começando por ampliar o programa do nosso dia de leitura, quis que eu trouxesse hoje verificações práticas de processos em uso em minha classe, nos quais predomine a transição da velha para a nova escola — única capaz de imprimir às massas o dinamismo prático-intelectual de que é sedento o século. Advinhando nesta determinação o seu ideal de colaboração pedagógica, satisfação gostosamente, neste sentido, a evolução administrativa desta casa, tão simples e despreziosamente como se lhe desse as minhas impressões na descrição da vigilância de um recreio, ou numa prosa casual, pois que nenhum outro objetivo tenho, além daqueles que, em face de minha designação, não me poderiam faltar: satisfação de plano superior — prazer em demonstrar algumas das minhas compensações hauridas no labor escolar. Este, é sabido, poderia ser desdobrado em tantos setores analisáveis quantas são as disciplinas de nosso currículo e métodos de ensino, sendo-me oportuno, no momento, porém, demonstrar, apenas, algo do que hei fruído em tórno da aplicação do “método de projetos” e da nossa biblioteca de classe.

Quis fundar a biblioteca de minha classe inspirada nos princípios do “método de projetos”, por apresentar êle dois aspectos muito da minha simpatia: ser problemático — despertar, portanto, interesse produtivo, — e não desorien-

tar a criança, por se realizar num ambiente natural. E como as boas iniciativas (os mais abalisados mestres o afirmam) devem partir dos alunos e, nem sempre êstes sugerem assuntos de grandes margens, procurei despertar na classe o desejo de possuir uma biblioteca, servindo-me de demonstrações de pesar pelo estado precário dos livros da classe, de relato de histórias lidas em livros infantis, de leitura de jornais de crianças, contendo apreciações sôbre varios livros, etc. O primeiro passo estava dado e as sugestões encontraram a mais animadora repercussão possível: um aluno lembrou trocarmos os livros estragados por outros que eu pedisse à diretoria; ao saber que não dispunhamos de livros, ficou desalentado, surgindo, então, a idéia da introdução de leitura em almanaque que, na ocasião, faziam na cidade o encanto da petizada. Os almanaques começaram a surgir, com grande alegria de todos, cada dia um novo, portador de novos interesses.

Sem abandonar completamente os livros (pois que dêles algumas crianças precisavam para vencerem dificuldades mesmo mecânicas) passámos a ler nos almanaques. — Eram tantos que davam para todos e à escolha — enquanto que, diariamente, ao fazerem o resumo oral, eu os ia encaminhando à verificação da impropriedade da leitura dos mesmos, nesta ou naquela incompreensão de trechos, concluindo êles daí que os livros infantis não apresentam tais dificuldades, e que nós precisamos adquirir alguns, nascendo deste propósito intenso entusiasmo e interesse, visíveis no cuidado com que as crianças arranjaram logo uma caixa para guardar os jornais e almanaques de que já dispunhamos; na revolta despertada com o desaparecimento de um “Tico-Tico”, e no receio demonstrado de que continuasse o prejuízo.

Alguém se lembrou de guardá-los numa caixa sua, com cadeado, — o que não solucionaria o caso, viram logo, por ser a caixa de papelão... Levá-los diariamente para casa, seria fatigante, a não ser que cada aluno levasse alguns. “Assim não fica bem porque se sujarão”, — advertiu um

dêtes. E o caso foi resolvido assim: far-se-ia como no Clube de Leitura — lembrou o secretário dêste: elegeriam uma comissão zeladora da biblioteca (nome dado ao nosso punhado de revistas) dito que provocou risos de ironia dos mais sarcásticos, logo sufocados por palavras de encorajamento e histórias verídicas, com as quais provei nascerem sempre de pequenos nadas — as grandes realizações da vida.

Dois livros de histórias, usados, foram reunidos às revistas e disputados com a maior ambição, nascendo, assim, mais fortes desejos da aquisição de outros que bastassem para todos. O problema da sua aquisição estava espontaneamente lançado, e todas as minhas atenções se convergiam para que também espontânea fosse a sua solução. Nem todos podiam dar um livro; pedir auxílios não era do agrado de todos, e foi o gosto pelos almanaques que resolveu o caso: um aluno experimentara dêles uma receita de tinta para escrever, gostara da mesma e, como vendera alguma a colegas, poderia oferecer o rendimento dela, com o qual faria uma boa quantidade para ser vendida pró-biblioteca, a \$200 o tinteiro. Logo se deu a venda entusiástica e compra, muitos alunos se revelassem propagandistas. Esta qualidade foi bem orientada e ampliada para que fosse bem sucedida ante outras classes, e assim é que em menos de 30 dias pudemos comprar os nossos quatro primeiros livros de histórias.

Todas essas atividades foram ricas em valores pedagógicos: com desusado interesse as crianças consultaram catálogos com os quais travaram conhecimento; foi grande o desejo diário de redigir com acerto, para que suas cartas fossem as endereçadas a livrarias pedindo outros catálogos; a leitura dêstes, quando incompreendida, fortificou a convicção da necessidade de bem se ler para bem se compreender e, à uma, todos se esforçaram para conseguí-lo; o endereço dos envelopes, mecanismo postal e telegráfico foram estudados e assimilados com sólido proveito e, o que é melhor, a classe, por receber advertências, a princípio, envidou es-

forços para disciplinar suas atividades e aperfeiçoar o tino administrativo, arcando com a responsabilidade que eu procurava deixar em seus ombros, afim de despertar-lhe o espírito de solidariedade, o conhecimento do valor da cooperação no esforço e gosto pelas boas realizações.

Tínhamos já alguns livros e ambicionávamos muitos outros, que não deveriam, entretanto, dormir escondidos em uma caixa. Precisávamos de uma estante e, em tórno da conquista desta, maior interesse surgiu, com novas iniciativas e motivações que davam oportunidade ao desenvolvimento do programa de Educação e Instrução Moral, Aritmética, História, Leitura, etc., sempre em ambiente de espontâneo interesse e, consequentemente, de atenção voluntária, liberdade e disciplina, pois que, até algum exagero de ação havido serviu de proveitoso centro de interesse para aulas de educação moral, propósitos de boa conduta, vergonha por mau comportamento, prática de hábitos morais e sociais que muito influíram na disciplina geral.

Alguém se lembrou de que a nossa matriz, ao ser restaurada, teve padrinhos que a brindaram com certa quantia e que, se fizéssemos assim, os padrinhos da nossa biblioteca poderiam dar-nos a estante. Várias opiniões se externaram. Minha aquiescência estimulou o otimismo. Grupos se fizeram em tórno dêstes e daqueles nomes; cartas, com o maior empenho, foram ensaiadas; treinos de sociabilidade se impuzeram, com o maior agrado, e verificou-se a instalação da biblioteca — adquirida e inaugurada à custa de maior parcela de esforços por parte das crianças que da minha parte e, por isto mesmo, motivo para elas de grandes cuidados, simpatia e atenções constantes, quanto à sua conservação e desenvolvimento — o que não se daria se a adquirissem de outro modo.

Restava-me aproveitar, para o futuro todas as fontes de iniciativa e motivações surgidas, e delas me utilizei, podendo apresentar os valores advindos, para a aplicação geral, de um processo de tornar, por si mesmos, aplicados aqueles alunos emperrados e frios que não faltam nas classes he-

terogêneas. — Dispunhamos de um quadro de movimento dos livros na semana, no qual nunca se via o nome de certos alunos. Isto foi observado, com reprovação pela maioria trabalhadora e, como eu me certificara de que isto provinha do pouco esforço empregado pró-biblioteca, procurei convencê-los de que os apontados assim procediam por falharem muito e, por falharem, se atrazaram e agora não tinham facilidade e gôsto pela leitura recreativa. Finalmente, disse que estava certa de que dali por diante todos estavam dispostos a recuperarem, pelo esforço, o tempo perdido, no que podiam ser observados diariamente. Assim procedendo, não só encaminhei os arrefecidos ao entusiasmo constante dos outros, como consegui, — o que considero minha maior vitória, — que estes os recebessem sem a repulsa e desdém causados por sua apatia, mas com palavras de esperanças, estímulo e entusiasmo. Isto se verificou e, para que seus efeitos não fôsem passageiros, dividi a classe em partidos de 5 alunos cada, tendo o cuidado de colocar um dos apáticos em cada grupo de entusiastas, — o que a princípio provocou desagrado, logo abafado pela repetição de que eles, os faltosos, queriam regenerar-se e que, por isto, não deveriam ser recebidos com a injustiça daquela hostilidade; que eles dariam provas diárias de sua reabilitação — o que os obrigava a se empenharem por conseguí-la.

As competições partidárias se salientaram a cada lição explicada ou exercício, levado para casa ou não. As notas eram dadas com julgamento feito pelos próprios partidos, que por isto mesmo se conservaram atentos e empenhados em melhor se salientarem. Cada partido tinha a designação de uma das letras do vocábulo ALERTAR do qual sabiam a significação escoteira e que foi pela classe escolhido — “para não nos deixar dormir”, dizia um; “para nos lembrar a cadeira elétrica dos exames” comentaram outros entre várias outras razões adoravelmente infantís. Este processo, a princípio adotado apenas nas atividades concernentes a biblioteca e leitura, apresentou proveitos tais e tais

interesses reais que o generalizei para outras disciplinas possuindo êle, entre outros, os seguintes valores:

1.º) Atrai as crianças indiferentes e as convence do seu dever de não se deixarem atrazar para não levarem seu partido a ser vencido no concurso do fim do mês.

2.º) Mantém os membros de um mesmo partido em constante atividade e estímulo, além de lhes unificar os meios na conquista de um fim.

3.º) Torna as crianças solidárias, sociais e generosas entre si — resultando disto a apresentação diária de seus deveres e por isto mesmo fazendo desaparecer a necessidade dos trabalhos após o horário, pois, para elas, pior que esta prisão é a recriminação e advertência de seus colegas do partido.

Em breves traços é este o esboço do trabalho prático que escolhi. Quis, ao esboçá-lo, demonstrar mais uma vez que a Escola Ativa — em sua concepção exata — satisfaz completamente as exigências da evolução didática e do desenvolvimento intelectual dos alunos, porque só ela trata a criança como o ser consciente que realmente ela é, optando pelo aproveitamento de suas tendências primitivas, pelo aperfeiçoamento de suas iniciativas e essencialmente por levar a criança a agir espontânea e intensamente, concorrendo, dêste modo, para fortificar a disciplina; suas faculdades voltadas para a conquista de um fim, não podem por em ação a indisciplina, oriunda sempre do enfado e do desinteresse, a não ser que o aluno seja um degenerado. Se, porém, ao apresentar estas experiências em desalinho — expressões inadequadas tiraram meu propósito externado a princípio — e minha obra tomou diretrizes diferentes que destruíram meu intento, que ao menos, uma parte de minha obra seja bem refletida — que o melhor da prática seja inegável, por axiomática:

a) Os resultados de todo processo ou método, dependem da atuação e pertinácia do professor.

b) Em se trabalhando para melhorar, alguma coisa se consegue.

c) O valor do otimismo e do esforço é incontestável, quer para cozinheira que ontem esturrou a carne — para o jogador que hoje treina no “goal”, como para o professor cioso, sempre, do aproveitamento, maior, de seus alunos. E para sermos coerentes, não taxaremos de exaltado o esforço da cozinheira, de frívolo o ideal do jogador, nem de ostentação o labor dos mestres, pois que nenhum dêles realiza senão a parcela que lhe impõe o dever de melhorar sua aptidão profissional e dela retirar a maior parcela possível de benefícios, em prol da sua profissão e da coletividade.

ZAIDE ALVES DE QUEIROZ

AVISO AOS PROFESSORES E ASSINANTES

Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a “Revista o Ensino” não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.



Biblioteca infantil. — Campanha.



Grupo Escolar de Brasópolis. — Alunos do Club Agrícola, preparando terreno para o jardim. — Classe 2.º ano.

Uma grande iniciativa

(Relatório sobre uma "Unidade de Trabalho Escolar", realizada nos Grupos de Juiz de Fora)

Dulce Botelho JUNQUEIRA

~~~~~

As classes femininas de 4.º ano dos Grupos Escolares desta cidade, realizaram a unidade escolar — A CRIANCINHA — cuja actividade central constou da confecção de albuns individuais de alunas, que foram apresentados em uma exposição promovida por pediatras.

(Anexo n. 1: Unidade de trabalho — "A criancinha")

### Finalidade da Unidade:

Este trabalho foi planejado por mim no intuito de:

a) Trazer através da Escola Primária, com os conhecimentos que as alunas adquiriram e interêsse que tomem pelo assunto, uma parcela de colaboração à solução do problema social brasileiro da mortalidade infantil, do qual a ignorância é um factor preponderante.

b) Trazer a contribuição da Escola — preparando assim alunas para "colaboradoras da família e da sociedade na obra da civilização", como preceitua nosso programa regulamentar de ensino em suas instruções — ao trabalho de propaganda e de realizações concretas do Dr. Delorme de Carvalho que, auxiliado por médicos e filântropos, vem conseguindo executar em Juiz de Fora um belo programa de defesa da criança.

(Junto a este relatório um resumo das actividades levadas a efeito pelo médico citado, como esclarecimento da significação e oportunidade de minha "unidade". — Anexo

no n. 2: Relação de realizações do Dr. Delorme em defesa da criança).

c) Orientar praticamente professoras de minha circunscrição na realização de uma "unidade de trabalho" ou "projeto", pois o exame de seus planos de lição — tem-se demonstrado que são comuníssimos o desconhecimento e interpretação errônea deste método de ensino.

#### Organização do plano:

Na organização do plano, procurei atender à realidade de nossos Grupos, propondo trabalhos de possível execução dentro dos conhecimentos de nossas professoras e de material disponível.

Aliás, quasi todos estão dentro das atividades, já em uso nas classes: leitura, cópia, composição, desenhos, cálculos, pontos de agulha, excursões, leitura de termômetro, levantamento de gráficos, etc.

Mas, no plano, as atividades impulsionam-se pelo interesse da aluna em organizar seu album (interesse fácil de despertar em uma idade em que o instinto de colecionar é vivo), e pelo interesse da Professora pela causa da infância, cuja propaganda vem sendo feita, como já mostrei. E há ainda uma Exposição em perspectiva com o fim de despertar a emulação em professoras e alunas.

Quanto ao programa de fatos a conhecer, é formado de tópicos que visam:

- a) despertar na aluna um interesse humano e patriótico pelo assunto;
- b) preparar-lhe o espírito para uma boa compreensão da higiene da primeira infância;
- c) dar-lhe desde agora (visto que a muitas meninas que deixam os estudos faltará oportunidade mais tarde) noções gerais sobre puericultura.

Outra preocupação que tive, foi a de dar ao plano um feitio que o tornasse exequível mesmo pelas professoras pouco habituadas aos novos métodos.

#### Divulgação do plano:

Elaborado o plano e impresso, entendi-me com o Dr. Delorme de Carvalho para que fosse apresentado pelos médicos ao professorado em conjunto e lembrei-lhe a iniciativa de uma Exposição. E, convidando-se os corpos docentes de todos os Grupos, da Escola Italiana e das Classes Anexas da Escola Normal Oficial, foi feita uma reunião a que compareceram 229 professoras.

(Junto cópia da ata desta reunião que se realizou nos Grupos Centrais. Anexo n. 3).

O Dr. Delorme propoz às professoras a execução da unidade planejada, anunciando em seu próprio nome e nos dos drs. Jorge da Cunha, Infante Vieira e Olavo Lustosa (estes dois últimos presentes), uma Exposição de Albus que se fizessem, com prêmios aos melhores.

As orientadoras dos Grupos em que as há (são 3) e todas as professoras dos 4os. anos femininos de todos os Grupos, propuzeram-se logo fazer executar em suas classes os "albus". Do Grupo Noturno Estavam de Oliveira, as professoras de 1os., 2os. e 3os. anos femininos apresentaram-se para tomar também o trabalho.

As especializadas de trabalhos manuais ofereceram sua colaboração e sugeriram exporem-se também enxovais e peças de vestuário de recém-nascidos.

#### Execução do plano:

Não acompanhei esta parte do trabalho. Ouvi de diretoras e professoras que os "Albus" foram muito bem recebidos pelas alunas e suas mães. As professoras tomaram um real interesse pelo plano e fui informada de que os Grupos, a pedido delas, adquiriram livros sobre o assunto para suas bibliotecas.

Queixaram-se apenas do curto prazo que lhes foi concedido. E com razão, pois o plano foi organizado para execução em 5 meses — todo o 2.º semestre letivo: No entanto, entre a reunião para divulgação e a Exposição decorreram somente dois meses exatos. Notando-se ainda que durante a semana do Congresso Nacional Católico de Educa-

ção algumas professoras se ausentaram, interrompendo o trabalho.

Junto em anexo a informação que a orientadora dos Grupos Centrais — Helena Monteiro de Andrade — me forneceu sobre a execução de "unidade" naquele estabelecimento.

(Anexo n. 4: *Informações de Helena Monteiro de Andrade*).

#### Exposição dos trabalhos:

A convite dos médicos promotores (os mencionados) a Exposição foi patrocinada pela Prefeitura, sem ônus para os cofres públicos (*Anexo n. 5 — Recorte de jornal com troca de ofícios entre os promotores da exposição e o Prefeito*).

Por gentileza do dr. Américo Repetto, diretor da Escola Normal Oficial, realizou-se no saguão deste edifício. Colaborei com os médicos tomando medidas necessárias e sugerindo-lhes providências.

Concorreram a ela todos os Grupos da cidade; cada um apresentando seu mostruário de albuns individuais e de enxovais de recém-nascidos. Digo: todos os Grupos da cidade, em todas as classes femininas de 4.º ano, em grande porcentagem de suas alunas; sendo que o Grupo Noturno apresentou também trabalhos de alunas de 1.º, 2.º e 3.º anos.

Alguns Grupos apresentaram ainda albuns coletivos — colaboração de muitas alunas de uma mesma classe.

Também apresentaram trabalhos (gráficos, quadros e cartazes) os estabelecimentos de ensino normal; Colégio Stella Matutina, Escola Normal Oficial e Colégio Santa Catarina.

Deixaram de concorrer às Classes Anexas da Escola Normal Oficial. A Escola Italiana expoz um Album Coletivo.

A Exposição inaugurou-se em 15 de Novembro à noite e esteve aberta durante 2 dias, das 9 às 20 horas, tendo sido grandemente visitada.

(*Anexo n. 6: Relação dos trabalhos expostos*).

(*Anexo n. 7 — Um album individual que figurou na Exposição e que inclui como exemplo a ilustrar este relatório*).

#### Festividade:

Para inaugurar a Exposição, o dr. Delorme, com o concurso das diretoras de Grupos, do diretor e da socializadora da Escola Normal e com minha colaboração, promoveu uma sessão solene, que foi presidida pelo Prefeito e à qual compareceram o dr. Valdemar Tavares, representando o sr. Secretário e por si mesmo, diversas autoridades, professoras e convidados. Foi uma reunião brilhante; apesar da confusão ocasionada aos convidados pela realização de uma outra solenidade na mesma casa e mesmo dia haver em parte prejudicado sua concorrência.

Nesta solenidade foram historiadas e exaltadas as atividades e realizações dos médicos e filântropos que empreenderam a campanha contra a mortalidade infantil em Juiz de Fora. E também o dr. Valdemar Tavares, em bela conferência, apresentou a figura de D. Bosco como modelo inigualável de educador.

(*Anexo n. 8: Relação dos trabalhos premiados*)

#### Prêmios:

Pelos médicos mencionados (como estava prometido), foram conferidos prêmios aos melhores albuns individuais, isto é, cada Grupo apresentou a julgamento o melhor album individual de cada uma de suas classes, e dentre estes, a Comissão premiou um de cada estabelecimento.

E por eles, foram ainda oferecidos brindes aos melhores trabalhos coletivos.

(*Anexo n. 9: — Fotografias tomadas durante a solenidade*).

**OBSERVAÇÃO IMPORTANTE** — As atividades que acabo de relatar — execução da unidade, exposição e festa — foram levadas a efeito sem qualquer alteração da vida escolar, nenhuma aula suspensa, dispensa de professora ou qualquer falta de cumprimento do Regulamento.

E nenhum auxílio houve para as despesas que acarretaram; tudo se fez com a boa vontade de médicos, professoras, alunas e minha.

(Anexo n. 2)

Juiz de Fora, 23 de Novembro de 1937.

Exma. Sra. D. Dulce Botelho Junqueira, M. D. Assistente Técnica do Ensino.

Respeitosas saudações.

Atendendo seu pedido de informações sobre os trabalhos que realizamos, ultimamente, em Juiz de Fora por uma proteção mais ampla e racional à Infância, assim respondo:

1 — Impressionado com os altos coeficientes de mortalidade infantil de Juiz de Fora, com o atraso e insuficiência das suas obras de proteção à infância (nenhuma cozinha-Dietética) e com a ausência absoluta ou quasi completa do ensino de puericultura nas suas escolas de todos os graus, resolvi agir, apelando para a culta população de Juiz de Fora, no sentido de se fundar um Lactário que atendesse aos seguintes objetivos:

1.º — A instalação de uma cozinha-Dietética para acudir à miséria alimentar das criancinhas e capaz de deslocar o seu tratamento da "farmácia" para o "plano alimentar".

2.º — o estabelecimento de um "aparelho" capaz de facilitar o ensino de puericultura e de higiene infantil às mães indigentes;

3.º — através do funcionamento do Lactário como "cátedra popular de puericultura" (Morquio) — a instalação de uma Escola de Puericultura para moças, senhoras e, particularmente, para o professorado;

4.º — a criação de um "Centro" de convergência para os educandários de Juiz de Fora (demonstrações práticas de puericultura às alunas) e, sobretudo, um "Centro" suscitador de estímulos aos

seus dirigentes (dos educandários) para a introdução do ensino da puericultura nos cursos regulares das escolas e colégios.

Eis como agi, para conseguir tais fins:

a) Em 5 de Novembro de 1933, dirigi um "Apêlo" à população local pela fundação do Lactário, numa entrevista à Gazeta Comercial.

Tomei como justificativa dessa atitude, não só a magnitude do assunto, como a Conferência Nacional de Proteção à Infância, realizada na 2.ª quinzena de Setembro de 1933, no Rio, cujos trabalhos eu acompanhara de perto. Pois nella foram conclamados todos os pediatras a trabalhar pela infância;

b) a idéia foi bem recebida pelos drs. João Rocha Lagoa, Jorge da Cunha e Olavo Lustosa e amparada não só por particulares como pelo ex-prefeito do município dr. Menelick de Carvalho;

c) em 6 de Janeiro de 1934 fundei a "Gazeta Médica" que levou aos lares, quinzenalmente, durante 8 meses, a propaganda do Lactário e da Puericultura;

d) em 31 de Março de 1934, com o auxílio dos médicos acima citados, e sob o patrocínio da sra. e sr. Alvaro Martins Vilela, fundamos o Lactário S. José, incluindo-se, nessa ocasião, como fundadores, também, os drs. Cicero Tristão, Alberto Andrés e Maurício Duarte;

e) nos primeiros dias de Abril de 1934. — realizamos a "Semana do Lactário", conseguindo a colaboração na imprensa, dos professores Olinto de Oliveira, Martagão Gesteira, Luiz Barbosa, Leonel Gonzaga, Fernando Magalhães Gomes e Melo Teixeira, entre outros.

Eis como este último nos escreveu:

"Belo Horizonte, 7 de abril de 1934 — Prezado colega. — Visitas cordiais.

De volta ontem de uma viagem que me afastou de Belo Horizonte por quasi 15 dias, aqui vim encontrar seu penhorante convite para colaborar na campanha que aí iniciou para a criação de lactários.

Infelizmente não lhe posso, por aquele motivo, prestar o meu obscuro concurso, o que faria da melhormente pela gentileza do apêlo pela altíssima causa que êle visa.

Dou-lhe aqui, portanto, as devidas escusas e os meus mais sinceros aplausos pela nobre iniciativa na qual a cultura da classe médica de Juiz de Fora e o seu povo adiantado e generoso dão ao resto do Estado, inclusive Belo Horizonte, um exemplo digno de ser imitado.

Todos os louvores, serão, pois, apoucados, aos iniciadores e cooperadores da obra dos lactários que é, sem exagêro, a melhor, a mais eficiente e a mais prática das armas contra a morbi-letalidade infantil em nosso meio, em que a criança morre ou sobrevive doentia, quasi sempre por distúrbios de alimentação.

Aceite, com os seus companheiros de cruzada, os vivos aplausos do colega e admirador.

(a.) *Mello Teixeira*".

f) Em 9 de Abril de 1934 — fundamos a Associação de Damas Protetora da Infância, aclamando a Exma. Sra. Dinorah Bernardino Alves — sua presidente;

g) em 1 de julho de 1934, graças ao dr. João da Rocha Lagoa, diretor do Centro de Saúde, cujo concurso nessa época foi decisivo para a vida do Lactário, foi êle instalado, provisoriamente, no Centro de Saúde;

h) em 1 de Maio de 1937 foi instalado o Lactário S. José em novo e confortável edificio à rua Os-

waldo Cruz, 194. Devo ressaltar, aqui, o trabalho constante, dedicado e inexcédível de D. Dinorah Bernardino Alves, à cuja ação, devemos essa grande realização, na sua maior parte.

Em relação aos lactentes, basta lembrar êsse magnífico Lactário São José, a cuja inauguração assistimos hoje, para colocar Juiz de Fora à Frente da maior parte dos Municípios brasileiros, inclusive o da Capital da República, digo-o com mágua, e que deveria vir pedir à progressista cidade mineira lições neste particular.

Nas condições em que se apresenta hoje esta obra grandiosa, fruto do devotamento, da competência especializada, e da perseverança de um grupo de verdadeiros apóstolos da causa da criança, ê modesto demais o nome do Lactário, que aliás significa apenas uma parte dos serviços por êle prestados podendo mesmo induzir a erro a opinião pública quanto aos seus verdadeiros propósitos.

Trata-se já agora de um autêntico "Centro de Puericultura", superiormente dirigido, onde o papel proeminente cabe ao trabalho dos pediatras nos consultórios de higiene infantil e na difusão do ensino da puericultura".

i) PUERICULTURA — De 1934 a 1936 — realizei numerosos prospectos de propaganda educativa (anexos); atraí numerosos colegas e educadores ao Lactário para os quais realizei pequenas palestras. No Grambery, na Ação Integralista Brasileira e no Rotary Club, realizei várias palestras de propaganda. Colaborei com o Rotary Club na realização de 3 Concursos de Robustez Infantil, cujos trabalhos orientei;

---

Trechos de uma conferência pronunciada pelo prof. Olinto de Oliveira, na S. M. Cirúrgica de Juiz de Fora, em 1 de maio de 1937.

j) em 1935 — organizei o 1.º curso regular de Puericultura (Lactário). Frequência: 14 diplomandas da Escola Normal Oficial.

k) Em 1936 realizei o 2.º curso — de julho a Novembro. (Escola Doméstica Imaculada Conceição; aulas práticas no Lactário). Frequência: 60 senhoras e senhorinhas, das quais 40 eram diplomandas da Escola Normal Oficial.

l) Em 1937 — realizei o 3.º curso (Lactário). Frequência assídua de todas as diplomandas da Escola N. Oficial e de algumas professoras, num total de 40.

Tomando em consideração êsses trabalhos, a Câmara Municipal aprovou o seguinte projeto:

SERÃO OFICIALIZADOS OS CURSOS DE PUERICULTURA DO LACTÁRIO S. JOSÉ

22/10/37.

Os vereadores drs. Francisco de Salles Oliveira e Carlos Lourenço Jorge, atendendo aos interesses da população desta cidade, apresentaram à Câmara Municipal o seguinte projeto de lei:

“Oficializa o curso de puericultura do “Lactário S. José”.

#### Justificação:

Considerando que o Lactário “S. José”, vem prestando os mais assinalados e relevantes serviços à infância;

Considerando que o ensino da puericultura é de vantagens, mediatas e imediatas, para o desenvolvimento da raça;

Considerando que o “Lactário S. José”, sob a directriz de ilustres pediatras vêm mantendo cursos e desenvolvendo vocações;

Considerando que iniciativas dêsse gênero merecem apóio integral dos poderes públicos:

#### A CAMARA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA RESOLVE:

Art. 1.º. Ficam desde já, sem ônus para os cofres municipais, oficializados os cursos de puericultura mantidos pelo “Lactário S. José”.

Art. 2.º — A Prefeitura Municipal, em harmonia com a direção técnica do Lactário, baixará oportunamente as bases, dispositivos, programas e regulamentos referente ao assunto.

Art. 3.º. Logo que, a critério do sr. prefeito, houver disponibilidade financeira, será fornecida à escola a quantia de cinco contos de réis, para seu aparelhamento técnico.

Art. 4.º. Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara, 22 de outubro de 1937.

*Francisco de Salles Oliveira.*

*C. Lourenço Jorge.*

Temos impressão de que os trabalhos acima mencionados criaram um “clima” favorável ao desenvolvimento doutra idéia (introdução do ensino de puericultura nos Grupos Escolares) a qual assim se desenvolveu:

1) Em 1935 — dirigi um “Apêlo” ao professorado por ocasião da realização da Semana Pedagógica. Colaboramos na distribuição ao professorado de um trabalho do Prof. Leonel Gonzaga, sobre o assunto;

2) Em 1936 — consegui a colaboração dos drs. Olavo Lustosa, Jorge da Cunha e Infante Vieira e, após entendimentos com o professorado dos Grupos e com as dignas assistentes técnicas do ensino — realizamos, os médicos já citados e eu, em outubro e novembro de 1936, um Curso de Puericultura destinado às Senhoras professoras. Frequentaram-no,

em aulas noturnas, 120 professoras das quais muitas lograram ótima frequência;

3) colaboramos com a assistente técnica D. Dulce Botelho Junqueira nos trabalhos referentes à "Exposição de trabalhos escolares sobre puericultura" ("Albuns da criancinha") — organizando essa exposição e premiando, com os outros colegas, os melhores albuns apresentados pelas crianças.

Não me é possível terminar esse relato, Sr. D. Dulce Botelho Junqueira, sem lhe renovar os mais vivos agradecimentos de todos quantos se têm interessado pela difusão da Puericultura entre nós. Foi a Sra., sem favor, a alma desse trabalho nos meios escolares.

Queira receber, pois, nosso reconhecimento, de par com as felicitações pelo seu brilhante trabalho.

Respeitosamente. Delorme de Carvalho.

LACTARIO S. JOSE

(A. D. P. I.)

A mortalidade infantil, em Juiz de Fora, é muito elevada. Nos últimos anos, a média anual foi aproximadamente, em cada mil crianças nascidas vivas, de 200 óbitos nos primeiros 12 meses de vida. Esse coeficiente pode e deve ser diminuído.

É indispensável combater essa verdadeira hecatombe cega e implacável cujas causas são evitáveis, em sua grande maioria.

As causas principais de mortalidade são: 1.º — *perigo congênito* (morte nos 10 primeiros dias por parto prematuro ou dificultoso ou por debilidade da criança (sífilis-alcoolismo-surmenage materna). A *puericultura* pre-natal, visando cuidados às mães durante a gravidez, amparo e assistência ao parto, concorre para diminuir essa mortalidade; 2.º — *perigo alimentar* — as moléstias da nutrição por *deficiência, impropriedade e má qualidade da alimenta-*

*ção* (moléstias-gastro-entero-tróficas); 3.º — *perigo infeccioso* (gripe, bronco-pneumonia, coqueluche, sarampo, etc.).

As moléstias gastro-entero-tróficas (diarréia-enterite) constituem o fator principal da mortalidade infantil, no primeiro ano de vida; em 1934, vitimaram 219 crianças das 396 falecidas. Cerca de 55%! Além disso, preparam o *terreno* para as moléstias infecciosas (gripe-bronchites, etc.).

A privação do seio materno e a falta de assistência (materna) ao filho são os grandes fatores dos graves perigos alimentares e infecciosos. Todas as estatísticas mostram que a mortalidade das crianças que se amamentam ao seio, é 3 a 4 vezes menor do que a das alimentadas artificialmente (leite vaca). Privadas de leite humano, as crianças crescem menos vigorosas, com menor estatura, mais expostas às perturbações digestivas e moléstias infecciosas e se mostram menos resistentes à tuberculose.

Na *alimentação artificial* deve-se ter bem presente que, mesmo conseguido um bom leite de vaca, restam, ainda, importantes questões da mistura com água, mucilagens, farinhas, assucar, etc., cujas doses variam em cada criança, de acordo com o peso constituição, estatura, idade, etc.

Prescrever um regime alimentar artificial adequado não é cousa fácil, nem obra para leigos, mas sim assunto delicado, para médico especializado.

Infelizmente, entre nós, a quasi totalidade das mães (ricas ou pobres) ignora estas questões de alimentação artificial, assim como outros importantes problemas de *puericultura*. Mães pobres há que, não podendo comprar leite,

propinam aos filhos "água doce", "mingáu de bola", de fubá, na ignorância de que são alimentos insuficientes, ocasionadores de graves moléstias de nutrição.

E', pois, justíssimo dizer-se que mortalidade infantil, miséria e ignorância (inclusive das mães ricas e letradas) andam juntas.

Lutar contra essa miséria e essa ignorância deve ser a meta de todo esforço no combate à mortalidade infantil e a vulgarização das noções de puericultura deverá ser a base desse esforço.

O LACTÁRIO S. JOSE', há 20 meses, vem distribuindo alimentação e dietas a cerca de 100 crianças, diariamente, e tem funcionado com uma escola prática de puericultura. A baixa letalidade das criancinhas que o frequentam evidencia o seu precioso valor, como arma de combate à mortalidade infantil e demonstra que, elevado o número dos beneficiados, com instalações de lactários nos bairros de Juiz de Fora, ela baixaria imediatamente.

Eis como o Lactário S. José difunde seus benefícios:

- a) fornece às mães nutrizas *pratos de sopa* para incremento da secreção láctea; b) faz intensa propaganda do aleitamento materno, evitando seu abandono extemporâneo e aconselhando, em último recurso, se possível, a alimentação mista; c) fornece alimento *racional e gratuito* às criancinhas necessitadas; d) *fornece alimentos-medicamentos* (dietas) às criancinhas doentes, que, muito mais que os remédios, constituem a base do tratamento das gastro-enterodistrofias; e) acompanha, pelos seus médicos-pediatras, o desenvolvimento dos bebês, pesando-os e examinando-os periódicamente; f) funciona como "cátedra popular de puericultura" ensinando a arte de criar filhos e noções de hi-

giene infantil, às mães indigentes, ou ricas, às moças, aos estudantes e a todos em geral; g) permite a realização, em sua Cozinha especializada, e demonstrações práticas de *Dietética*.

Durante o ano de 1935, o Lactário S. José, prestou os seguintes benefícios à nossa infância indigente: 1) distribuiu 21.823 litros de alimentos (leite ácido, engrossado, mingáu de manteiga, leite cálcio, leiteinho, etc.); 2) forneceu às mães nutrizas 5.137 pratos de sopa; 3) fez realizar 179 visitas a domicílio (enfermeira) e múltiplas demonstrações práticas na Cozinha-Dietética (médicos), assim como conselhos às mães e cursos de puericultura. O total das dietas distribuídas se elevou a 38.134.

Com a realização desse movimento, atendendo em média 100 criancinhas por dia, o Lactário S. José dispendeu cerca de 15:000\$000. Sendo elevadíssimo o número de necessitados, bem se vê a necessidade de se ampará-lo.

Nos países civilizados, o amparo e proteção à criança constituem uma verdadeira religião, do governo e do povo! A cultura e a civilização de um país podem, mesmo, ser medidas pelos carinhos e cuidados dispensados à sua infância. Só os homens da mentalidade de Herodes não pensam em seu filho ou no filho do próximo. Proteger à infância já não constitui só ação de caridade, mas um dever de patriotismo, um imperativo de consciência.

O Lactário S. José deve ser amparado por todos os meios e modos para que possa prosseguir, ampliando, na sua sagrada tarefa. Podem lhe ser dados não só auxílios em dinheiro, mas, também, em farinhas, assucar, manteiga, legumes, leite de vaca, etc., etc.

O Lactário S. José possui 4 categorias de sócios:

- a) *Beneméritos* — os que fizerem donativos de quantia igual ou superior a 5:000\$000.  
 b) *Benfeitores* — os que fizerem donativos ou iguais ou superiores a 1:000\$000.  
 c) *Remidos* — os que derem 500\$000 de uma só vez.  
 d) *Contribuintes* — todos os associados, adultos ou crianças, de qualquer sexo, que mensalmente concorrerem com a contribuição mínima de 2\$000.

#### COEFICIENTE DA MORTALIDADE INFANTIL NO BRASIL E NO ESTRANGEIRO

(Dados coligidos em documentos oficiais da Saúde Pública do Rio de Janeiro e da Conferência Nacional de Proteção e Assistência à Infância) — 1933.

Num determinado ano, o coeficiente de mortalidade infantil é representado pelo número de óbitos de 0 a 1 ano, para cada mil nascimentos:

|                          |         |
|--------------------------|---------|
| Curitiba . . . . .       | 105 (1) |
| Recife . . . . .         | 123     |
| São Carlos . . . . .     | 130     |
| Manáus . . . . .         | 133     |
| Campinas . . . . .       | 136     |
| São Salvador . . . . .   | 168     |
| São Paulo . . . . .      | 170     |
| Terezina . . . . .       | 170     |
| Niterói . . . . .        | 171     |
| Belo Horizonte . . . . . | 173     |
| Rio de Janeiro . . . . . | 178     |
| Paranaguá . . . . .      | 193     |
| Florianópolis . . . . .  | 198     |
| Belém . . . . .          | 202     |

(1) Não nos foi possível apurar a exatidão desse número.

|                        |           |
|------------------------|-----------|
| Rio Grande . . . . .   | 206       |
| São Luiz . . . . .     | 216       |
| Vitória . . . . .      | 217       |
| Porto Alegre . . . . . | 236       |
| JUIZ DE FORA . . . . . | 255—206   |
| João Pessoa . . . . .  | 267       |
| Aracajú . . . . .      | 273       |
| Maceió . . . . .       | 300       |
| Fortaleza . . . . .    | 300       |
| Berna . . . . .        | 32        |
| Oslo . . . . .         | 35        |
| Gênova . . . . .       | 36        |
| Zurick . . . . .       | 40        |
| Stokholmo . . . . .    | 41        |
| Amsterdã . . . . .     | 43        |
| New-York . . . . .     | 50 (1932) |
| Sydney . . . . .       | 56        |
| Copenhague . . . . .   | 62        |
| Londres . . . . .      | 65        |
| Berlim . . . . .       | 69        |
| Buenos-Aires . . . . . | 72        |
| Paris . . . . .        | 87        |
| Milão . . . . .        | 88        |
| Roma . . . . .         | 92        |
| Bruxelas . . . . .     | 104       |
| Montevideo . . . . .   | 111       |
| Tóquio . . . . .       | 113       |
| Lile . . . . .         | 123       |
| Madrid . . . . .       | 124       |
| Varsovia . . . . .     | 124       |
| Yokocam . . . . .      | 168       |
| Alexandria . . . . .   | 209       |
| Cairo . . . . .        | 211       |
| Singapura . . . . .    | 211       |

Esses números, mesmo descontados os erros de estatística, não são o bastante para nos fazer compreender a

Necessidade patriótica e humanitária de salvar tantas vidas?

“Eles evidenciam que os nossos coeficientes não se apresentam como uma simples consequência momentânea e, sim, uma situação criada e estável”. As causas dessa mortalidade são, na sua grande maioria, evitáveis (com isso não pretendemos fazer crer que será fácil aboli-las imediatamente).

“O índice da mortalidade infantil é, na própria Capital da República, só comparável ao das grandes cidades tropicais da África e da Ásia e no resto do país as cifras são desoladoras”. (GETCLIO VARGAS — 1933).

“No Rio de Janeiro essa mortalidade infantil atingiu já cifras alarmantes: Ela devora perto de 1/5 dos que aqui nascem. Há cidades brasileiras onde sucumbe a quarta parte, — o terço — a metade, dos pequeninos que lhes vêm chegando. Da nossa retroterra nada se sabe ao certo. Mas Belisário Pena viu povoações em que já não havia mais crianças: Tinham morrido todas!

(OLINTO OLIVEIRA — Presidente da Conferência Nacional de Proteção e Assistência à Infância e do Departamento de Proteção à Maternidade e à Infância S. P. R. J.) — 1933.

“E’ vergonhoso e desolador, para citar um só exemplo, no quanto esfamos longe dessa Nova Zelândia onde, conta o eminente Araoz Alfaro, “quando uma mãe deve viajar, não tem senão que dirigir um cartão postal à autoridade competente para que nas estações onde o trem pára, uma enfermeira a espere com o leite quente humanizado, cuidadosamente preparado para o menino, e, si necessário, uma refeição para a mãe”. Martagão Gesteira, do Rotari Clube da Baía—1933.— Catedrático F. M. Baía.

“No capítulo de proteção à infância contra a tuberculose, nós estamos tão atrasados que não é exagêro considerar-se a criança, nesse particular, entregue ao seu destino”. Conf. Nac. de Prof. e Ass. à Inf. — Recomendações ao Chefe do Governo Vol. I *anais*.

#### MORTALIDADE INFANTIL EM JUIZ DE FORA

Número de crianças falecidas, menores de 1 ano, em 1934, 396.

Causas: Sarampo, 4; Coqueluche, 26; Difteria e crupe, 3; Gripe, 5; Disenteria, 9; Tétano, 7; Sífilis, 37; Septicemia, 2; Meningite, 1; Outras afecções do sistema nervoso, 1; Bronquite aguda, 4; Bronco-pneumonia, 30; Pneumonia, 2; Outras afecções do aparelho respiratório, 5; Diarréia e enterite, 219; (cerca de 56% da mortalidade total); Outras afecções do aparelho digestivo, 2; Afecções do aparelho urinário, 1; Afecções da primeira idade e vícios de conformação, 34; Doenças mal definidas, 4.

Diarréia e enterite são causas que o Lactário combate e previne, com segurança.

Em 1932 morreram em Juiz de Fora, 349 crianças menores de 1 ano.

Em 1933 morreram em Juiz de Fora, 266 crianças menores de 1 ano.

Em 1934 morreram em Juiz de Fora, 396!!! crianças menores de 1 ano.

Número de crianças falecidas, de 1 a 2 anos, em 1934, 201

Causas: Sarampo, 14; Coqueluche, 27; Gripe, 3; Tuberculose, 7; Sífilis, 3; Outras doenças gerais, 10; Meningite, 1; Outras afecções do sistema nervoso, 1; Doenças do coração, 1; Bronquite, 3; Bronco-pneumonia, 21; Pneumonia, 2; Outras afecções do aparelho respiratório, 6; Diarréia e enterite, 91; Outras afecções do aparelho digestivo, 2; Nefrites, 3; Outras afecções do aparelho urinário, 1; Afecções da primeira infância, 1; Doenças ignoradas, 4.

Tendo sido a mortalidade geral (adultos e crianças) de 1.579, verifica-se que só de crianças até 2 anos foi de 597, isto é, mais de um terço do obituário total!!!...

Anexo n. 3.

### GRUPOS CENTRAIS

*Delfim Moreira — José Rangel*

Juiz de Fora

#### ATA DA REUNIAO DE LEITURA REALIZADA EM 16 DE SETEMBRO DE 1937

Com a presença de 229 professoras, realizou-se às 12,30 horas do dia 16 de setembro de 1937, no salão dos Grupos Centrais, uma das mais belas reuniões do presente ano.

Achavam-se presentes: Sta. Dulce Botelho Junqueira, assistente técnica do ensino, professor Emanuel Brandão Fontes, diretor dos Grupos Centrais, prof. Adelaide Tavares, auxiliar do Grupo "José Rangel", diretorias dos grupos, Antônio Carlos, Henrique Burnier, Duarte de Abreu, Estevam de Oliveira e Umberto I e os promotores do movimento em prol da puericultura em nossa cidade, drs. Delorme de Carvalho, Infante Vieira, Jorge da Cunha e Olavo Lustosa.

Iniciando os trabalhos, o ilustre pediatra Delorme de Carvalho, historiou seu trabalho desde a ação em prol da fundação de um lactário em Juiz de Fora, até a realização de cursos teóricos e práticos de puericultura.

Exaltou o ensino da puericultura como um dos meios mais eficientes e racionais de se combater o elevado coeficiente de mortalidade infantil.

Explicou o plano de unidade de trabalho, laborado pela assistente Dulce Junqueira, tendo como centro o "Lactente".

Fazendo um apêlo ao professorado presente no sentido de colaborar nessa obra de tão elevado alcance social e patriótico, falou ainda, na exposição de trabalhos, gráficos, albuns, etc., a realizar-se no 1.º domingo de novembro, no edificio da Escola Normal.

A seguir, usou da palavra o dr. Infante Vieira, que proferiu encantadora oração, já pelos conceitos emitidos, já pela maravilhosa forma.

O dr. Infante conseguiu prender a atenção de todos e mereceu, ao terminar, os mais francos aplausos.

Finalmente falou, encerrando a sessão, o dr. Delorme de Carvalho.

Juiz de Fora, 16 de setembro de 1937. — *Hermínio Zertolini*, prof. do Grupo "José Rangel" (assinado. — *Adelaide Tavares*, Auxiliar do Grupo "José Rangel").

Anexo n. 4.

As crianças receberam entusiasticamente a idéia da confecção dos albuns sobre puericultura e durante todo o trabalho manifestaram interesse pela conclusão dos mesmos.

Procurei realizar essa atividade em seu ambiente natural, tudo aproveitando para enriquecer as experiências das alunas.

Em colaboração com as professoras de classe, foram resolvidos muitos problemas sobre as compras feitas para os enxovais, para a capa dos albuns, além de muitos exercícios de redação e ortografia.

Também foi aproveitada essa atividade para o desenvolvimento de bons hábitos como: capricho na confecção das páginas para o album, quer na distribuição dos desenhos e títulos, como na caligrafia; responsabilidade, iniciando e terminando o trabalho do melhor modo possível; civismo, atendendo ao apêlo dos médicos pediatras que desejam para amanhã, brasileiros sadios e cheios de amor à Pátria.

*Helena Monteiro de Andrade*

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES DE  
PUERICULTURA*Relação do material apresentado:**Grupo Antônio Carlos:*

- 64 albuns individuais
- 3 albuns coletivos
- 34 peças de roupinhas de criança.

*Grupo Henrique Burnier:*

- 41 albuns individuais
- 36 peças de roupinhas de criança.

*Grupo Delfim Moreira:*

- 25 albuns individuais
- 33 peças de roupinhas de criança.

*Grupo José Rangel:*

- 28 albuns individuais
- 28 peças de roupinhas de criança.

*Grupo Estevam de Oliveira:*

- 34 albuns individuais
- 1 album coletivo
- 9 peças de roupinhas de criança.

*Grupo Fernando Lobo:*

- 39 albuns individuais
- 1 album coletivo
- 1 tabela de farinhas alimenticias (quadro)

*Grupo Duarte de Abreu:*

- 2 albuns coletivos
- 1 album individual
- 20 peças de roupinhas de criança.

*Colégio Stella Matutina:*

- 4 graficos (quadros) sôbre mortalidade
- 1 quadro demonstrativo sôbre o leite
- 1 album individual.

*Colégio Santa Catarina:*

- 1 gráfico (quadro) sôbre mortalidade
- 1 quadro sôbre as proporções do corpo infantil.

*Escola Normal Oficial:*

Cartazes com dizeres sôbre o valor da saúde.

*Anexo n. 8.*EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES  
SÔBRE PUERICULTURA

## TRABALHOS PREMIADOS

*"Albuns da Criancinha"*

## Melhores trabalhos:

- a) 4.º Ano A — II turno — Grupo Escolar Antônio Carlos — Prêmio — Navios;
- b) Grupo Escolar Fernando Lobo — Prêmio — Amigos Maravilhosos;
- c) 2.º Ano — Sala 19 — Grupo Noturno Estevam de Oliveira — prêmio Amigos Maravilhosos;
- d) 3.º Ano — Grupo Escolar Henrique Burnier — Prêmio — Robinson Crusóé;
- e) Grupo Escolar José Rangel — Prêmio — "Caixa de Brinquedos";
- f) Grupo Escolar Delfim Moreira — Prêmio — "Céu de Allah";
- g) Grupo Escolar Duarte de Abreu — Para pequenos e grandes.

## Outros Premios:

Além desses prêmios oferecidos pela Comissão, às crianças dos Grupos, o dr. Delorme de Carvalho ofereceu mais os seguintes:

- 1) Puericultura (Hugo Fortes), à menina Odete Maria da Silva — Escolas Urbanas Reunidas Anexas à Sociedade Umberto I.º.

II) Idem, idem, à menina Maria de Lourdes Costa Cruz, das mesmas escolas.

III) Cartilha das Mães, à senhorita Cristina Tortura, da Escola Normal Stela Matutina.

IV) Puericultura (Hugo Fortes), à senhorita Maria José B., do Colégio Stela Matutina.

V) Puericultura (H. Fortes), à senhorita Arlete Ferreira Neto — Stela Matutina.

VI) Puericultura (H. Fortes) 2 exemplares para sorteio entre as alunas que fizeram os gráficos do Colégio Sta. Catarina.

VII) Puericultura (H. Fortes), à senhorita Geralda Ribeiro da Silva, do Colégio Stela Matutina.

VIII) Puericultura (H. Fortes), 1 exemplar para sorteio entre as que trabalharam no Album Coletivo: "Classes do 4.º ano, 1.º Turno do Grupo E. Antônio Carlos".

IX) Puericultura (H. Fortes), 2 exemplares para sorteio entre as alunas do Grupo Escolar Fernando Lobo que fizeram excursão ao Lactário S. José.

O dr. Olavo Lustosa ofereceu, também, 7 exemplares de seu livro "Educação e Saúde da Criança" aos Grupos Escolares para os seus diretores distribuírem entre alunas que fizeram trabalhos sobre Puericultura.

DULCE BOTELHO JUNQUEIRA



Grupo Escolar de «Povo Alegre». — Alunos organizando a Biblioteca Infantil.



Alunos do 4.º ano, classe de d. Aparecida Andrade, trabalhando nos móveis para a Biblioteca Infantil. — Grupo Escolar de Campanha.

# O ensino da Aritmética

Oscar Arthur GUIMARAES



As investigações psicológicas, realizadas com o propósito de renovar o ensino da aritmética alinham aos olhos dos professores uma série interminável de problemas que o ensino dessa disciplina comporta. Os erros e os defeitos mais comuns, no ensino e no aprendizado da aritmética, foram catalogados e classificados, assim como se aponta, para os casos mais característicos, o remédio mais aconselhável. São estudos meticolosos, já bastante divulgados nos seus resultados e nas suas conclusões, em forma de servirem às aplicações práticas.

A aritmética continua, entretanto, fornecendo às classes de repetentes um grande contingente de alunos. Grande apenas não maior que o de todas as outras matérias do programa. Continua a aritmética sendo o que sempre foi: "a disciplina em que se verifica o maior número de fracassos por parte dos alunos".

Nessa constatação há muito que meditar, por parte dos responsáveis pelo ensino.

Primeiro, há que reparar no fato concreto dos fracassos verificados, as reprovações inúmeras, as repetições consecutivas de classe ou de ano do curso, o registro dos maus efeitos, dos prejuízos e dos males decorrentes.

Segundo, há que indagar, se o ensino da aritmética está realmente beneficiando do resultado das pesquisas científicas. Se esses resultados influenciaram, de fato, a sua metodologia. Se as indicações práticas para um ensino melhor, que resultaram das principais conclusões científicas, estão realmente sendo aplicadas, segundo os preceitos estabelecidos.

Um dos males ou defeitos maiores apontados contra o ensino da aritmética consiste no fato de não se considerar, para os necessários efeitos e procedimentos no seu ensino, as várias funções especiais da matéria. Essas funções especiais, segundo Bruckner, podem se agrupar sob quatro títulos, a saber: 1) a função do cálculo; 2) a função informativa; 3) a função sociológica; 4) a função psicológica.

O ensino da aritmética, desprezando esse ensinamento, faz ponto forte, às vezes mesmo exclusivo, no que concerne à função do cálculo, que consiste na "aprendizagem e na prática das operações e dos processos de cálculo". É fora de dúvida que essa aprendizagem constitui o principal objetivo do ensino da aritmética, mas não é o único.

Importa considerar que na função informativa da aritmética é que se alcança o sentido e o conteúdo da matéria. Nessa função é que se focaliza a significação e a utilidade do número, o aspecto quantitativo das situações de vida, o papel do sistema numérico no progresso social, econômico e industrial.

A função sociológica da aritmética dá a compreensão dos aspectos das atividades econômicas — produção e consumo, e das relações sociais que se prestam à apreciação quantitativa.

Por fim, a função psicológica afeta as formas de pensamento, quando possibilita, pelo domínio dos números, e a sua compreensão exata, meios de expressar os conceitos quantitativamente, pensar com precisão, ordem e sequência, formar juízos e tomar decisões em termos quantitativos exatos.

Ora, se todas essas funções da aritmética são igualmente importantes, e se o ensino da matéria continua considerando apenas alguns de seus aspectos parciais e desprezando outros de capital interesse e de maior proveito educativo, essa falha ou essas omissões irão, por força, refletir nos resultados do ensino e no proveito escolar.

Oscar Artur Guimarães

## A responsabilidade dos pais

*"Sede puros e elevados em vossas palavras e atos, e evitareis que vossos filhos sejam os vossos juízes de amanhã".*

RAUMSOL.

Nas horas mais transcendentais da vida dos povos, em momentos de inquietação, de incerteza e fracassos morais, as vistas se dirigem, em muda interrogação, para aqueles que têm em suas mãos os destinos da nova civilização. Esse olhar cheio de perguntas perscruta o conchêgo doméstico para saber como velam, como se comportam, o que fazem, que trabalho educativo real e fecundo desenvolvem os pais frente a seus filhos.

A voz indicadora do compromisso moral, que os dois elementos constitutivos do lar hão de sentir em face de sua responsabilidade como pais, surgirá ante suas próprias consciências e ante Deus, se tiverem como estímulo interior o cumprimento do dever.

Quando se mantém desperto nos pais, como uma realidade dinâmica, o desejo constante de superação que lhes permita adquirir novos valores espirituais e morais, o filho encontra neles o exemplo do bem que constitui um estímulo sempre vivo. Os pais se sentem na obrigação de velar pela saúde física do filho, proporcionando-lhe os mais ternos cuidados, enquanto este é incapaz de defender-se, oferecendo-lhe os alimentos mais adequados, o abrigo e a instrução. Ao despertar de sua responsabilidade integral, ou seja a moral, desenvolvem, em atividade ininterrupta, a obra delicada de provêr a evolução do filho, com a unção do artista e com esse amor sublime que somente os pais podem

oferecer. Ao sentirem-se responsáveis frente à sua sagrada missão, ao compenetrarem-se de que, quando deram a vida a um sêr, ofereceram a uma alma a oportunidade de evoluir, esforçam-se por crear para seus filhos o ambiente são, pleno da pureza que flue de seus pensamentos puros, enriquecido com imagens belas, cenas positivas, onde a prole possa respirar o oxigênio de espiritualidade que há de assegurar-lhe a saúde moral.

Num ambiente de paz, de concórdia, de generosidade, de justiça, com atos limpidos de bondade e veracidade, no desenrolar da vida familiar cotidiana, vão-se oferecendo à criança, insensivelmente, os estímulos positivos que configurarão os traços essenciais de seu caráter. Do mesmo modo que nenhum pai ou mãe levaria seu filho a respirar os miasmas de um pântano, porque isso implicaria em sério atentado à sua saúde física, também não podem oferecer-lhe, se são conscientes de sua responsabilidade, o ambiente malsão de um lar povoado de pensamentos de desconfianças e rancores, de mentiras e egoísmos, de cenas pouco edificantes; nem ainda proporcionar-lhe o veneno de leituras não selecionadas ou o espetáculo onde colherá o vírus de uma tara moral ou o germen de uma modalidade negativa que, em forma de pensamentos impuros, lhe infetariam a mente ainda indefesa.

Se em verdade os pais já compreenderam quão necessário é, para evitar o contágio de enfermidades, cumprir os preceitos de higiene que a saúde de seus filhos requer. — da mesma forma devem compenetrar-se da necessidade de sua higiene mental, para que não corram o risco de recolher os germens de outras doenças mais terríveis, por isto mesmo que estas atacam o organismo psicológico, e irão devastando a pureza e a bondade da criança, perturbando-lhe a razão incipiente escurecendo a consciência do bem e do mal que nela começa a alvorecer. O amor conciente e compreensivo dos pais para os filhos aviva constantemente o anelo de forjar no sêr que está sob sua guarda uma individualidade cuja estrutura psicológica de perfis puros seja útil a si mesma e a seus semelhantes. Quando — na

vida de relação que o sêr humano tem que realizar — o filho passa a frequentar outros ambientes além do âmbito do lar, um novo dever se apresenta para sobrecarregar a responsabilidade dos pais.

Se todos pensassem intensamente nêsse aspecto de responsabilidades coletiva ainda mais velariam pela pureza, cultura e elevção de todos os ambientes creadores de homens, já que todos podem chamar-se pais quando trazem dentro de si a centelha do sentimento paternal. De tal maneira, a criança, ao sair do lar, jamais encontraria um ambiente prejudicial à sua saúde moral. O "atelier" e a oficina, a escola e a universidade, a rua e a casa de diversões, o livro e o jornal, tudo teria, então a atmosfera oxigenada e pura dos lugares ensolarados, porque todos os pais que formassem êsse ambiente levariam para ali a responsabilidade que tão intensamente sentiram na vida do lar.

Os pais, que tanto cuidam da palavra que dirigem ao pequeno ou que êste possa ouvir; que atentamente selecionam as imagens que se gravam em sua delicada retina mental, cuidando de que sempre possa recolher as mais belas, mais edificantes e mais santas, quando extendem êsse cuidado a todos os filhos de Deus, irmãos na grande família humana, — estão velando pela pureza e elevação do meio social, prolongação do ambiente do lar.

Esta seria a responsabilidade integrante experimentada pelos pais com relação ao próprio filho e vivida, em função social, com relação ao filho dos outros.

Toda correspondência para esta publicação deve ter êste endereço: "Revista do Ensino".  
— Secretaria da Educação.

# Em nossas escolas

(Da Inspeção Técnica do Departamento de Educação)

## I

### UM ESTUDO SOBRE ANCHIETA NO GRUPO ESCOLAR DE ITABIRA

Homenagear os grandes vultos da Pátria e os que influíram decisivamente no progresso humano é tarefa que a escola se impõe, certa de que está concorrendo para a formação do caráter da criança, ao colocar, vivo, diante dos seus olhos, os exemplos nobilitantes, os padrões de vida superior de todos aqueles que se sacrificaram pelo bem da coletividade.

"A criança se interessa pelas grandes personalidades mais que pela conduta da massa humana e se entusiasma facilmente pelo grande e pelo heróico" — diz um eminente educador — e ao mesmo tempo faz uma observação oportuna, que os professores não devem esquecer: "Convém fazer êsse interesse da criança, mas sem sacrifício da verdade. O herói deve ser apresentado com suas virtudes e defeitos, com suas boas e más qualidades, sem reformar sua personalidade, sem convertê-lo em um ser irreal, em figura lendária".

Cumprindo êsse programa de instrução moral e cívica, os professores vão buscar na religião e na galeria de homens ilustres os vultos mais representativos de nossas fases históricas, para que as crianças, conhecendo sua vida, admirem suas virtudes e as imitem.

Cumpra relevar que a escola de hoje vem dando a êsse estudo uma feição mais dinâmica e mais proveitosa, por isso

que exige a participação ativa do aluno, que colabora com o professor, investigando também. E' o que se depreende das informações colhidas em um relatório dos alunos do 4.º ano do grupo escolar de Itabira. Nêsse estabelecimento de ensino, a venerável figura de Anchieta ocupou durante a 1.ª quinzena de junho a atenção dos alunos e professores, os quais tributam à memória do heróico evangelizador das selvas brasileiras justas e carinhosas homenagens.

Em seu relatório dizem as crianças: "Cada aluno ficou encarregado de colher notas sobre a vida do venerável padre e as trazia para a aula, afim de se fazer a leitura e comentário. Ficávamos muito contentes quando descobríamos mais um milagre, mas uma difícil catequização, etc. Era interessante para nós ouvir ecoar o nome de Anchieta por todos os salões. Decoramos muitas poesias relativas ao assunto e desenhamos muito. Fizemos exercícios cartográficos, como traçar os mapas do Rio e São Paulo, localizando os feitos do padre, e cantamos um hino dedicado a êle.

Foi a semana de mais prazer nas classes!"

Ao dr. Valdemar Tavares Pais, que ofereceu ao Grupo de Itabira uma estampa de Anchieta e realizara ali uma palestra sobre a vida do Jesuíta, escreveram os alunos a seguinte carta:

Exmo. sr. dr. Valdemar Tavares,

Em nome dos alunos do Grupo Escolar de Itabira, especialmente da nossa classe, vimos comunicar-vos que foi com verdadeira alegria que recebemos as lições em torno do Venerável Padre Anchieta. Ficamos inteiramente admirados com tantos milagres que as nossas professoras nos relataram! A estampa que v. excia. obsequiara ao Grupo, será inaugurada no dia 15 de junho, porque queremos organizar uma festa muito bonitinha.

Esperamos muito breve novas instruções interessantes de v. excia.

Saudações cordiais. — (a.) Zélia Barbosa, Maria Aparecida e Carlos da Silva.

Verifica-se pelo relatório das crianças que elas não se referiam a todas as atividades que o estudo de Anchieta poderia ter suscitado e nem às impressões que lhe deixaram os feitos de sua vida apostólica.

E' de se esperar, no entanto, que as professoras tenham dado à personalidade do Jesuíta o relevo devido, de modo a calar fundo, no espirito dos alunos, as virtudes e os exemplos do grande sacerdote.

## II

### GRUPO ESCOLAR "GONÇALVES CHAVES", DE MONTES CLAROS

O aproveitamento dos fatos atuais para predisposição das crianças ao trabalho escolar é princípio pedagógico de valor incontestável.

Em nossas escolas, êsse princípio vai sendo convenientemente atendido. A inauguração de uma estrada de rodagem, no Norte de Minas, por exemplo, foi motivo explorado no grupo de Montes Claros para desenvolvimento de projetos sobre vias de comunicação e meios de transporte, que permitiram realizações de grande interesse.

Na mesma ocasião em que se inaugurou a estrada, Montes Claros, recebeu visitantes ilustres — o Revmo. Sr. Núncio Apostólico, o sr. Secretário do Interior, Dr. José Maria de Alkmim e outros. Esse acontecimento sugeriu também atividades de real valor educativo.

Foi assim, facilmente introduzido na classe do 4.º ano o estudo sobre a constituição do governo estadual, seus membros e atribuições, e sobre a biografia do Núncio, que por sua vez motivou um projeto sobre a Itália, cujos resultados ressaltam das publicações nos jornais infantis, fundados pelas crianças "para nêles transcreeverem as suas impressões e estudos".

Várias das notícias que se encontram nêses jornais são documentos que provam o quanto os alunos sentem e vi-

vem as atividades desenvolvidas em classe, quando associadas a assuntos do dia, lembrando-as e fazendo delas aplicação oportuna. Haja visto o título do jornal da classe: "O telégrafo sem fio", fundado após o estudo que fizera sobre as invenções de Marconi, por ocasião do seu falecimento. Transcrevemos abaixo o primeiro artigo dêsse jornal, pelo qual se vê que a idéia dêsse título foi lançada pela criança, acolhida pelos colegas e respeitada pela professora.

### NOSSO PROGRAMA

"Foi com grande prazer que no dia 3 fundamos um jornalzinho em nossa classe.

Entre diversos nomes apresentados pelos meus colegas, foi escolhido o que apresentou o colega Osmar Peres que é: "O Telégrafo sem Fio", nome que todos nós achamos muito bem lembrado, pois que acabamos de estudar a vida do grande cientista que acaba de desaparecer, Guilherme Marconi o inventor do telégrafo sem fio.

Assentados o nome do jornal foram postos em votação os nomes de vários colegas para a diretoria, que ficou assim organizada — Diretor — Altamiro Gonçalves de Oliveira. Redatora — Reginalda Ferreira dos Santos. A diretoria eleita foi muito aplaudida.

"O Telégrafo sem Fio" será mensal, e noticiará todos os trabalhos realizados em nosso Grupo.

A vida do nosso jornalzinho depende do nosso esforço, da nossa perseverança e da nossa atividade.

Trabalhem, pois caros colegas, para o seu engrandecimento e brilhantismo".

## III

### SEMANA DO LIVRO NO GRUPO ESCOLAR "BRASIL", DE VARGINHA

Uma das condições principais para o êxito das atividades escolares é que o aluno compreenda a natureza do tra-

balho de que se vai ocupar e veja nêle uma finalidade útil e interessante. Sentido-o adequado à sua capacidade e necessidade, consagra-se a êle com todas as suas forças.

Com o objetivo de organizar a biblioteca infantil do estabelecimento, a diretora do Grupo Escolar "Brasil", de Varginha, instituiu para as classes de 1.º, 2.º e 3.º anos a "Semana do livro".

Foram dias de intensa atividades para os alunos dessas classes, que realizaram durante a semana, de acôrdo com o seu desenvolvimento e suas experiências, trabalhos interessantes e valiosos, contribuintes todos para a consecução do objetivo em vista.

Histórias diversas foram lidas e comentadas nas classes. As crianças escreveram cartas às pessoas da cidade, pedindo livros e agradecendo-lhes, fazendo convites para a inauguração da biblioteca, etc.

A história dos primeiros livros foi contada aos alunos, tendo os do 4.º ano estudado a origem do alfabeto da imprensa, a vida de Gutemberg etc.

A compra de material para a biblioteca motivou problemas variados e interessantes.

Foram visitadas, em excursões proveitosas, as tipografias e papelaria da cidade.

Com o fim de escolher-se o patrono para a biblioteca, leram-se as biografias de escritores brasileiros notáveis.

Os envelopes e cartões para agradecimentos e convites foram confeccionados em classe.

Os alunos fizeram diversos albums, merecendo especial referência o de histórias inventadas.

Encerrando a "Semana do Livro", foi festivamente inaugurada a biblioteca, que tomou o nome de "Rui Barbosa", por escolha das crianças.

Damos a seguir algumas cartas e histórias, extraídas, respectivamente, da coleção de cartas e do album de histórias inventadas:

D. Maria,

Nós, alunos do Grupo "Brasil", estamos organizando uma biblioteca e fazendo pedidos de livros a pessoas desta cidade. Peço-lhe que nos envie um bem bonito sim?

Desde já lhe agradecemos.

N. G. (2.º ano)

D. Conceição,

Eu recebi o livro e muito agradeço. É muito bom e tem muitas histórias bonitas. Nós gostamos muito dêle. Eu já li muitas histórias e achei todas muito lindas.

Convido a sra. para vir assistir a inauguração da biblioteca, no dia 3 de maio.

A. F. (2.º ano)

História do livro.

Era uma vez um menino que gostava muito de livros. Ele chamava-se Alaor e tinha uma irmã chamada Léa. Todos os dias as crianças pediam livros de histórias a seu pai. A pai lhes dizia que quando fosse à cidade comprava os livros... Um dia, êle foi à cidade e quando chegou em casa seus filhos foram abrir a porta e viram-no com uma porção de embrulhos e perguntaram-lhe:

— O sr. trouxe os livros?

O pai disse que sim e mostrou-lhes os livros bonitos que tinha comprado. Os dois ficaram tão contentes que até começaram a pular e gritar.

H. M. (3.º ano)

O livro

Era uma vez uma menina que tinha um livro de histórias muito bonitas.

Um dia ela estava lendo as histórias e veiu um ratinho muito devagarinho e escondeu-se atrás da

porta para ver onde ela guardava o livro. O rato viu e quando a menina foi-se embora, êle roeu muitas fôlhas.

Quando a menina foi buscar o livro para ler, o rato tinha roído as histórias mais bonitas. Ela ficou muito triste e começou a chorar porque não tinha mais o seu amiguinho livro.

M. A. G. S. (3.º ano)

#### IV

##### *Semana da Pátria*

O civismo deve ser objeto de educação bem dirigida. O estudo dos fatos relevantes da nossa história e das virtudes cívicas dos brasileiros ilustres deve ser feito de modo a despertar na criança o amor pela sua pátria e o ideal de servi-la, louvá-la e engrandecê-la.

Cabe à escola formar no aluno essa consciência cívica e os ideais e atitudes de bom cidadão.

No propósito de comemorar condignamente a "Semana da Pátria", o Grupo Escolar "Olegário Maciel", da Capital, vem realizando um trabalho proveitoso, sobretudo nas classes de 4.º ano.

Através de informações e de leitura em livros, jornais, revistas, etc., os alunos adquiriram grande conhecimento do fato máximo da nossa História — a Independência — e dos vultos que direta ou indiretamente concorreram para a nossa emancipação política. Fizeram interessantes composições, modelagens e desenhos referentes ao assunto, palestras, etc., para serem apresentados no auditório do "Dia da Pátria". Os programas para o mesmo, feitos em classe, apresentam desenhos interessantes, ilustrando frases expressivas como esta: "7 de setembro! Uma nova bandeira começa a tremular, dando ao Brasil uma nova vida!".

Nesses trabalhos se pode verificar a orientação inteligente que foi dada ao estudo, uma vez que estimulou o

espírito criador dos alunos, pôs em atividade a sua capacidade de expressão, ao mesmo tempo que lhes despertou nos corações a centelha do civismo.

Damos a seguir uma composição feita por um aluno do 4.º ano, 2.º turno:

"Soror Ana Angélica nasceu na capital da Bahia. Quando tinha 20 anos, entrou para o convento e recebeu o hábito de irmã de caridade. Mais tarde foi escolhida para superiora de suas companheiras de hábito, no convento da Lapa.

Os brasileiros todos, de norte a sul, ficaram muito contentes com a proclamação da Independência. Os baianos, então, ficaram entusiasmadíssimos. Os portugueses que moravam na Bahia mostraram-se indignados e por isso começaram a brigar com os brasileiros.

D. João VI nomeou o General Madeira chefe das forças portuguesas e ordenou-lhe que não deixasse os baianos reconhecerem a proclamação de D. Pedro.

No dia 19 de fevereiro, às 6 horas da manhã, rompeu na Bahia a luta entre brasileiros e portugueses. Estes venceram logo, porque já tinham guerreado contra os forças de Napoleão Bonaparte e estavam acostumados.

Os vencidos que ficaram vivos fugiram. Uns foram para lugares afastados e outros foram esconder-se no convento da Lapa.

Os portugueses prenderam o chefe dos brasileiros e, como os soldados quando vencem fazem os maiores absurdos, um grupo de soldados foi bater à porta do convento, atrás dos fugitivos. Como vissem que não abriam o portão, arrebentaram-no a golpes de machado, e, entrando no pátio, começaram a praticar desatinos. Nisto apareceu Soror Ana Angélica, que bradou com voz firme: — "Para trás, bandidos: respeitai a casa de Deus. Antes de praticardes os vossos perversos desejos, tcreis de passar sobre o meu cadáver!"

Um dos soldados gritou: — "Mata, mata!"

Outro soldado deu um passo à frente e cravou no peito de Soror Angélica a baioneta calada. Ela caiu moribunda no chão, pôs as mãos no peito, do qual saíam borbotões de sangue, e, com os olhos fitos no céu, expirou.

Os portugueses penetraram então no convento e fizeram os maiores absurdos.

Graças a Deus, alguns meses depois, as forças portuguesas foram expulsas do Brasil e éste ficou mesmo independente.

Brasileiros! Nunca deveis esquecer éste fato real da nossa história: o sacrifício de Soror Ana Angélica de Jesus, que morreu cumprindo o dever de servir a Deus e à sua grande pátria — o Brasil.”

## V

*Civismo*

Motivo e interesse são duas palavras pedagógicas do momento. Se o trabalho em si não encerra o motivo que leve o educando a se apegar a êle naturalmente, o professor habilidoso busca um que desperte na criança o desejo de executar êsse trabalho com interesse. Isto em toda atividade, para toda e qualquer disciplina.

O desenvolvimento cívico, parte da educação integral, requer, do educador, uma procura de meios adequados ao fim que tem em vista. Para isto, aproveita êle todas as oportunidades: aulas de história pátria, de geografia, de linguagem, de ciência, de desenho, de canto, os clubes, os auditórios, os jornais infantis, os projetos, as excursões, os exercícios escolares, etc. Os momentos cívicos devem ser ativos, com a participação viva da inteligência dos alunos.

Estamos na Semana da Pátria. O momento é oportuno para esta crônica pedagógica.

O aviso do Chefe do Departamento de Educação, recomendando aos professores mineiros aproveitarem todas as oportunidades para incentivar os sentimentos de nacionalida-

de, deu ensejo a que, em nossas escolas, os trabalhos se intensificassem nêsse sentido. E o resultado foi um labor fecundo, uma colaboração espontânea, entre professores e alunos, nos diversos estabelecimentos de ensino.

Vejam os trabalhos do grupo escolar “Flávio dos Santos”, da Capital: confecção de albuns. São diversos trabalhos para um concurso. Album de composições, album de Minas Gerais, album do Brasil, album de Belo Horizonte, album de biografias, album de poesias cívicas, album da América, album dos fatos históricos, album de desenhos, etc., etc.

Para que tanto album? Exposição de trabalhos? Não. Concurso.

Lançado por Dindinha Alegria, na Hora Infantil da Rádio Inconfidência, êsse concurso despertou o entusiasmo pelo trabalho, por vontade de alcançar um dos prêmios, motivando uma série de estudos e atividades que tiveram como centro o “Dia da Pátria”. Eis o motivo natural, forte, espontâneo, capaz de, por si mesmo, garantir o maior interesse e a melhor atenção, por longo tempo, nos trabalhos que estão sendo executados.

Para que as crianças cantassem, conscientemente, o Hino Nacional, uma das professoras de 4.º ano organizou um jôgo sôbre a letra do mesmo, destacando as palavras e tirando os significados das mesmas, bem como os sinônimos e antônimos.

Destaquemos alguns trechos dos trabalhos das crianças:

*Do album de composições*

Pátria é a terra onde nascemos. Devemos respeitá-la, amá-la e servi-la. Servimos a nossa Pátria cumprindo com consciência as nossas obrigações. Podemos nos sacrificar pela Pátria nas ocasiões de guerra, mas em todos os tempos e ocasiões bem podemos servi-la. A minha Pátria é o Brasil. Em todo o Brasil se comemora o dia da Pátria que é o dia 7 de Setembro. (M. N. P. — 4.º ano).

Brasil, minha Pátria abençoada... terra onde nasci. A pessoa que não honra sua Pátria não merece consideração. Aquí nas terras brasileiras os homens são mais pacíficos e solidários; trabalham para transformar esta grande Pátria em outra maior ainda. As nossas matas verdes e os cantos suaves dos pássaros nos alegam e enchem de orgulho. Neste fertilíssimo sólo há o que muito ambicionam os estrangeiros: ouro, esmeralda, gêmas diamantinas... Esse imenso Brasil, nossa querida Pátria, é novo ainda, porém, sua história é grandiosa e bela. (A. T. M. — 4.º ano).

#### Do album do Brasil

No período do Brasil colonial, os brasileiros viviam muito descontentes por causa da falta de conforto em que viviam, sem escolas, sem estradas e sem jornal. Por tudo isto eles se sentiam humilhados. Durante a estada de D. João VI no Brasil, a corte vivia constantemente em festas, enquanto os brasileiros morriam de trabalhar. Tudo que faziam era para os portugueses. (M. C. P. H. — 3.º ano).

A vinda de D. João VI ao Brasil trouxe muitos benefícios ao nosso país. Os maiores foram: elevar o Brasil a reino, abrir os portos para o comércio com as nações amigas e apressar a nossa independência. Quando ele voltou para Portugal, ficou como regente do Brasil o seu filho D. Pedro. Algum tempo depois, D. João VI mandou chamar o seu filho, com o pretexto de aperfeiçoar a sua educação. (C. S. — 3.º ano).

#### Do album de biografias

O "Patriarca da Independência" foi José Bonifácio de Andrada e Silva, nascido a 13 de junho de 1765, em Santos. Morreu em 1838, com 73 anos de idade, em Niterói. Trabalhou muito para a nossa independência, auxiliando o príncipe D. Pedro. Serviu de tutor ao filho de D. Pedro I, que era menor. Estudou em S. Paulo e depois foi para Coimbra. Foi

deputado, ministro do Exterior, etc. Quando D. Pedro I acabou com a Assembléa, deportou-o para a França. Depois que voltou prestou muitos serviços ao Brasil. (C. V. C. — 4.º ano).

#### Do album de desenhos

Bandeira Nacional, Abertura dos Portos, Grito do Ipiranga, Retrato de Pedro I, Retrato de José Bonifácio, Retrato de D. Leopoldina, Retrato de Getúlio Vargas como presidente da República, Retrato de Benedito Valadares como governador do Estado, etc.

#### Do album da América

História da independência de Venezuela, Chile, Equador, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Colombia, Argentina e Brasil.

#### Jogo sobre o Hino Nacional

O quadro negro é dividido em 3 partes, em sentido vertical. Na primeira, duas colunas para o partido, uma de sinónimos e outra de antónimos. Na segunda, mais duas colunas para o partido B. Na terceira parte, para marcar os pontos, uma coluna para cada partido.

A professora diz uma palavra do Hino e chama dois alunos, um de cada partido. Estes correm e escrevem, nas respectivas colunas de seus partidos, um sinónimo e um antónimo da palavra citada. O aluno que acabar primeiro marcará um ponto para o seu partido. As palavras são apresentadas saltadamente, para que as crianças não se preparem com antecedência, o que aconteceria naturalmente, se fossem dadas em ordem. Exemplo do jogo:

| PALAVRAS      | PARTIDO A  |            | PARTIDO B  |            | PONTOS |   |
|---------------|------------|------------|------------|------------|--------|---|
|               | Sinónimos  | Antónimos  | Sinónimos  | Antónimos  | A      | B |
| Plácidas      | Tranquilas | Revoitas   |            |            | 1      |   |
| Fulgidos      |            |            | Brilhantes | Escuros    |        | 1 |
| Amada         |            |            | Querida    | Desprezada |        | 1 |
| Independência | Liberdade  | Escravidão |            |            | 1      |   |

258

# Contra o analfabetismo

O PRIMEIRO DIREITO DE TODOS OS BRASILEIROS

Mario Pinto SERVA

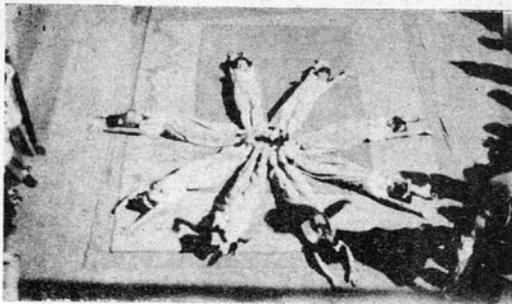
Suprima-se da Inglaterra todo o seu aparelhamento de instrução pública, cresçam e fiquem homens todos os ingleses, sem frequentar as escolas que lá existem atualmente, e todos os cidadãos da Inglaterra serão bárbaros ou selvagens como antigamente, antes da conquista romana.

Acabem-se com todas as escolas e Universidades que atualmente existem nos Estados Unidos e esse país voltará à condição em que se encontrava há quatro séculos, quando era um sertão só habitado por indígenas atrazados e ignorantes.

Elimine-se da Alemanha atual todo o seu aparelhamento de escolas públicas, primárias, secundárias e superiores, e esse país recuará à condição da Germania da antiguidade, só habitado por tribus bárbaras ou selvagens.

O que, fundamentalmente, basicamente, faz as grandes nações modernas capazes de subsistir e defender-se por si mesmas é o seu aparelhamento integral de escolas de todos os graus, quando esse aparelhamento não existe ou apenas abrange uma percentagem mínima de todos os menores em idade de aprender, o que se dá é que o país em que isso ocorre é um país de mentalidade colonial, sem a compreensão exata dos seus direitos e dos seus deveres.

Eis o grande princípio a proclamar no Brasil: todos os menores nascidos em nosso país, todas as crianças têm o mesmo direito a uma igual educação básica que lhes desenvolva integralmente todas as faculdades nativas. Porque a educação consiste em dirigir o completo e integral desenvolvimento do indivíduo, de forma que tanto o seu espírito como



Grupo «Lúcio dos Santos». — Ginástica de chão.



Escolas Reunidas de Rocinha. — Santos Dumont, — Alunos do 1.º turno cuidando da horta.

os seus músculos atinjam a plena expansão de que é capaz a nossa natureza.

A Nação é uma grande família e em toda família que se preza o primeiro dever, o primeiro cuidado é tratar da educação, a mais perfeita possível, de todos os menores.

Por isso, numa concepção admirável, já, Solon, o legislador de Atenas, tinha formulado o grande princípio quando disse: "Os menores atenienses devem antes de tudo aprender a nadar e a ler". Os atenienses entendiam que a educação não pode limitar-se a encher o cérebro, mas precisa visar o igual e harmônico desenvolvimento físico e mental do homem.

Esse igual direito que numa sociedade civilizada têm todas as crianças e menores, à necessária educação, era afirmado nos Estados Unidos há já tempos.

Dizia W. Carson Ryan:

"O elemento significativo no progresso educacional moderno é o novo espírito da democracia social em matéria de educação, isto é: que todos os menores, todas as crianças sem exceção, têm direito a uma igual aquisição educativa; ao benefício de desenvolver-se de acôrdo com as suas nativas aptidões, o bem-estar da sociedade sendo baseado em que cada um tem o direito de ser servido e a obrigação e servir".

Ora, atualmente no Brasil, na generalidade do país, apenas vinte por cento de todos os menores estão recebendo instruções nas escolas; os outros oitenta por cento não têm escolas em que se matriculem, e vão aprender, como dizia Rui Barbosa, à falta de escolas, na rua e na taverna, com companhias ignorantes, viciosas e atrasadas.

No momento a grande necessidade do Brasil é a completa alfabetização de todos os adultos e de todos os menores. Porque alfabetizado o brasileiro, desde que não vivemos como Robinson Crusoe em uma ilha deserta, ele ficará, como todos os homens na sociedade moderna, aprendendo por toda parte, na rua, no cinema, pelo jornal, pelo rádio, por todos os meios e formas.

As escolas são necessárias para a formação de uma nação moderna, capaz para todos os efeitos, mas os pedagogos exageraram muito a sua pretendida influência moral ou cívica. Ninguém se deixa formar o próprio caráter na escola. Vivemos uma infinitésima parte de nossa existência nas escolas. E fóra das escolas estamos a todo momento recebendo uma centena de influxos que nos penetram o íntimo.

Dizia um escriptor americano:

*"People are molded to better effect without formal means than by any of the apparatus we call didactic".*

O grande problema brasileiro é este: há permanentemente, todos os anos, oitenta por cento dos menores brasileiros que não frequentam escolas e que vão portanto aprender apenas na vadiagem, na rua, na taverna.

Por que? Porque somos um povo ibérico e entre os povos ibéricos houve sempre em todo o passado uma completa despreocupação pela educação do povo. Apenas a República Argentina emergiu dêsse oceano de analfabetismo em que se acham mergulhados todos os povos ibéricos.

Sarmiento foi o maior vidente da América Latina. Todos os brasileiros deviam estudar a vida e a pregação dêsse extraordinário apóstolo da educação popular. Tão grande êle foi que deu motivo a um livro, surgido ainda recentemente, com o título "Sarmiento, Constructor de la Nueva Argentina", de Aníbal Ponce.

Sarmiento foi o homem que nos faltou na história nacional. Se o houvessemos tido, o Brasil seria hoje uma potência talvez tão formidável quanto o Japão atual.

Eis porque de todos os países ibéricos, a Argentina é o único que emerge com uma estrutura formidável, com uma capacidade proteiforme, com um nível intelectual superior a qualquer outro da mesma origem étnica.

A Hespanha está inda hoje em plena Idade Média. Tem sessenta por cento de analfabetos, nunca teve um intelectualismo positivo que fizesse a evolução sadia do seu povo, e por isso hoje se atola nessa situação incrível de um povo que se destroe a si mesmo.

Eis porque deveríamos a todos os jovens brasileiros repetir as palavras que Pasteur dirigiu por ocasião de agradecer as festas de seu jubileu, em 1892:

Meus jovens patricios, confiai nestes métodos seguros, poderosos, de que não conhecemos ainda senão os primeiros segredos. E todos, qualquer que seja vossa carreira, não vos deixeis atingar pelo ceticismo denegridor e esteril, não vos deixeis desanimar pelas tristezas de certas horas que passam sobre uma nação. Vivei na paz serena dos laboratórios e das bibliotecas. Dizei-vos primeiro: "Que fiz pela minha instrução?"; e depois, à medida que progredirdes: "Que fiz pelo meu país?", até ao momento em que tereis talvez essa imensa felicidade de pensar que tereis contribuído de qualquer forma para o progresso e o bem-estar da humanidade. Porém, para que os vossos esforços sejam mais ou menos favorecidos pelo êxito, é preciso, quando nos aproximarmos do grande fim, que tenhamos o direito de nos dizer: "Fiz o que pude".

Em cada um dos mil e quinhentos municípios do Brasil inteiro há setenta ou oitenta por cento dos respectivos menores que não estão recebendo instrução nenhuma, porque não têm escolas em que se matriculem. Isso em consequência da mentalidade das raças ibéricas que fizeram o nosso passado. E' preciso que, em todos os municípios do Brasil inteiro, as Câmaras Municipais sejam obrigadas, por lei federal, a crear tantas escolas quantas sejam necessárias, assim decretando virtualmente a extinção do analfabetismo, e a despendere sempre de 30% a 40% de sua receita com a educação do povo.

MÁRIO PINTO SERVA

# Sobre Educação e Psicologia

Mario Lacerda MELO

A atividade docente é uma das que mais elementos oferecem ao conhecimento psíquico do homem. Nada como o contacto diuturno com as mentalidades em formação para capacitar o professor ao estudo dos espíritos que êle trabalha. O tato psicológico do mestre, sempre solicitado, está em ação constante e, por isso, melhora, torna-se mais aguçado, penetrando as personalidades novas para formá-las e informá-las.

A ação do professor exercita-se sobre aquilo que o ser humano possui, ao mesmo tempo, de mais completo e mais precioso: o espírito. Isto basta para que se lhe estime a responsabilidade.

Nada mais fácil do que ser professor e nada mais difícil. Assistimos todos os dias à improvisação de mestres. E no magistério secundário, além da calamidade pedagógica dos professores improvisados, encontra-se em número grande os *chomeurs* e os fracassados de outras profissões. Quasi nenhuma séria exigência de ordem intelectual é feita para que o indivíduo se torne professor secundário no Brasil. O Ministério da Educação os registra a torto e a direito. A questão da capacidade profissional não é indagada. O magistério vive a receber egressos de atividades bem diferentes da docência. Satisfeitas algumas exigências mais ou menos burocráticos, qualquer brasileiro que tenha o curso secundário pôde ser contratado para professor de estabelecimentos oficializados.

• E, no entanto, nada mais difícil que ser professor. Para ministrar conhecimentos é necessário, antes de tudo, pos-

sui-los. Mas não só possui-los. São inúmeros os casos de verdadeiras sumidades que falham na atividade da cátedra. E até pôde acontecer que grandes teóricos da Pedagogia falhem na prática do magistério. Falta-lhes, não raro, o dom peculiar do mestre. Não será apenas a qualidade de dizer, de explicar bem, de tornar os conhecimentos acessíveis às mentalidades a que se destinam. E' algo mais: um conjunto de qualidades do espírito, um certo poder de irradiação pessoal, atributos morais como espírito de justiça e inteireza... E' verdade que tudo isto deve se encontrar em um homem regularmente dotado. Mas no mestre é diferente; no mestre, tais atributos se cultivam em função da cátedra, em benefício dos educandos.

Outrora, o temor era o elemento único de que fazia uso o tão conhecido mestre-escola para se tornar ouvido e respeitado. O discente respeitava e acatava o professor menos pela convicção de que êle merecia respeito e acatamento do que pelo medo do castigo. Não é ocasião para lastimar quantas magnificas personalidades foram sacrificadas à sanha de mestres apopléticos. Agindo pelo temor, a criança ou o adolescente tornava-se, muitas vezes, um inferiorizado. E' de máus resultados a ação do educando que age porque "teme" e não porque "deve". E' desastrosa a que resulta do "pavor". Ao professor cabe, mostrar em que consiste e onde está êste "deve". E mostrar que a noção do dever corresponde ao interesse do educando. Assim, em lugar de regra fixa, imposta de cima para baixo afirm de ser obedecida e não discutida nem raciocinada, esta noção se tornará, antes de tudo, uma "convicção".

O problema da disciplina escolar que preocupa, por vezes, professores e diretores, depende cento por cento do conhecimento e emprêgo de determinados elementos psicológicos aplicados à pedagogia. A idade juvenil é naturalmente inquieta e vivaz. Seria dar provas de desconhecimento completo do espírito de nossos estudantes, principalmente do das crianças, pretender que os quietos, os calados sejam sempre os mais sadios. Ao professor cabe utilizar

bem a vivacidade infantil. Canalizá-la em um sentido proveitoso. E' pedagogicamente absurdo esmagar sob o peso de punições excessivas e inexoráveis espíritos tenros e vivos. Punições cuja aplicação muitos educadores ainda hoje se permitem e que atendem mais frequentemente ao estado e exaltação colérica do mestre do que à necessidade de impôr um corretivo racional em nome e benefício da ordem escolar.

O exemplo de Rousseau é uma lição vivida e impressionante. Ele já podia avaliar, entre muitos e precisos ensinamentos contidos em sua própria formação, tão bem contados nas *Confissões*, os danos causados pelo terror à formação dos caracteres. *La tyrannie de mon maître finit par me rendre insupportable le travail que j'aurais aimé et par me donner de vices que j'aurais haïs*... E mostra a espécie de frutos que podem ser produzidos nos mestres verdugos: *Je devins criantif chez mon maître et dès lors je fus un enfant perdu*. A exemplo de Rousseau raro é o individuo que não guarda na memória a lembrança de um mestre escola bravo, e, quando pôde analisar os acontecimentos dos tempos da infância, verifica dolorosamente quantos distúrbios este fato lhe causou sobre a vida mental e moral em formação.

E' hoje um ponto pacífico que sómente nas organizações doentias há tendência inata para o mal. Na formação individual os fatores e endógenos, os inherentes à constituição biológica, fisio-psíquica ou endocrinológica, carecem ser dirigidos e, em alguns casos, corrigidos. O educando é uma personalidade cujo processo de formação oferece tendências a ser aproveitadas e estimuladas ou a ser desviadas. Um bom sentimento mal dirigido pôde conduzir ao mal. Em regra, sendo negativo o fator educação o produto (individuo para a sociedade, cidadão para o Estado) é negativo. Esta a causa mais frequente da existência dos inadaptados.

Muitas vezes cabe ao educador dirigir ou corrigir não só tendências, porém algo mais sério: tendências já solidificadas em defeitos, vícios, etc. Aqui, o necessário não é sómente verberar. A experiência demonstra o quanto é contra-indicado dizer, por exemplo, a um máu discente que

ele é máu ou falar-lhe em linguagem de fogo. As próprias ameaças são quasi sempre inúteis. E se não se trata de um estudante tão máu quanto se tem dito, começa a acreditar que o juízo em que é tido autoriza-o a prática de ações prejudiciais à finalidade da vida escolar. O necessário não é rebater, é desviar.

No trabalho sobre a torrente do sentimento humano, o sistema de canalizações e desvios tem sempre resultados mais disciplinadores que o de barragens e diques. Mais disciplinadores e mais consistentes. Quanto maior for o conhecimentos de suas forças, tanto melhor se as poderão orientar. E quando o educador age em conhecimento de causa e em conhecimento de sua missão, é sempre o psicólogo da alma infantil.

MÁRIO LACERDA MELO

### Vida escolar em Minas Gerais

Pedimos aos srs. diretores de estabelecimentos de ensino público e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normais e ginásios) que nos forneçam, para serem publicadas, fotografias (instantâneos, de preferência) documentárias da vida escolar em nosso Estado.

265

## Juventude construtora

Hugo BETHLEM

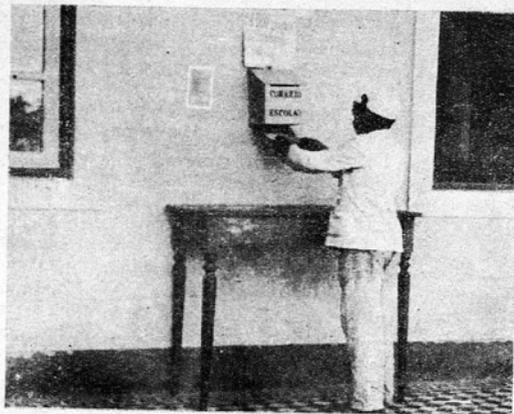
A proporção que a civilização fabricitante dos tempos atuais caminha mais alucinadamente e a sociedade, em consequência do progresso, vai cedendo dia a dia no terreno das clássicas convenções; à proporção que com o borborinho moderno, na corrida vertiginosa das descobertas e aperfeiçoamentos, vão aumentando as facilidades dos costumes e o esquecimento das conveniências; há necessidade inadiável, mórmente num país de índole plasmável como o nosso, da orientação enérgica e segura na formação moral da juventude.

Há premência imperiosa de se congregar toda a mocidade em tórno de um ideal grandioso em proveito da Pátria, traçando, para suas vidas exuberantes de possibilidades grandiosas, objetivos nítidos e sublimes.

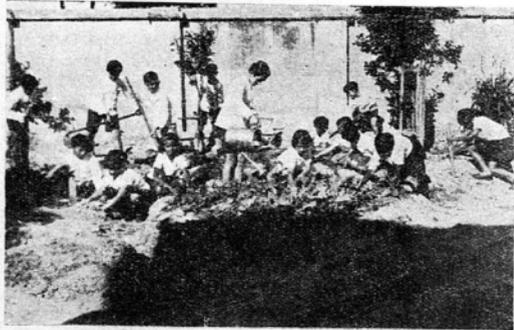
E' preciso urgentemente, mórmente agora que estamos numa fase entusiástica de reorganizações e de esperanças, que os erros e teorias românticas do passado sejam postas a parte e nitidamente enfrentado o problema da educação cívica e social de nosso povo. E o trabalho começa, e pode-se dizer reside na formação moral da mocidade.

Cream-se no Brasil leis as mais notáveis. Lembram-se na Nação medidas as mais perfectas. Escreve-se, propaga-se, discute-se. Mas, após o cessar do vozeiro, após o morrer do eco dos aplausos, quando serena e friamente se procura observar, estudar e concluir, os resultados possivelmente magníficos da lei lapidar, admiramos-nos surpreendidos, ou sarcásticamente comentamos, que eles são quasi nulos e que a lei hábilmente foi burlada.

E' que o brasileiro, em geral inteligente e vivaz, de fa-



O correio escolar em atividade. -- Grupo Escolar de Pouso Alegre.



Grupo Escolar «Cesário Alvim» -- Capital -- Sócios do Club Agrícola trabalhando na horta.

cidade indiscutível, muito grande, de assimilação pronta e imediata, e capaz de crear e compreender leis extraordinárias, mas não é, em sua maioria, capaz de senti-las e respeitá-las, cumpri-las ou fazê-las cumprir.

Falta-lhe o sentimento profundo de respeito político-social, resultante de sua má formação cívica. Falta-lhe desde a infância uma orientação segura e precisa, criadora de uma mentalidade espiritual superior, sublimada no ideal grandioso da concepção mística da Pátria.

Em nossa organização escolar por melhor que seja, o menino tem uma noção teórica do sentimento pátrio; o cantar o hino, o conhecer os heróis nacionais, os fatos magistrais de nossa História, o respeitar os símbolos e as tradições, não bastam, dentro da orientação em que é feita. E' bem verdade que ela não pode ser, no ambiente escolar, ministrada de outra forma, mas, indiscutivelmente, insistimos, o menino aprende, compreende mesmo, mas não sente. O fundo misterioso e insondável de seu sentimento espiritual não é atingido; êle não sofre a solicitação íntima, de uma alma que se arrebatava, no entusiasmo cívico de um ideal sublime.

A organização escolar não lhe pode imprimir, devido a sua formação intrínseca, com os recursos de que dispõe, êsse traço característico que formará sua personalidade, essa convicção precoce de que, é útil à sociedade, que tem possibilidade de desenvolver uma atividade qualquer, em prol do bem comum, empolgado sagradamente de que a comunidade de máxima representa a Pátria, para qual êle vive, trabalha e morre.

Por falta desta orientação na educação dos moços, é que vemos, penalizados, meninos de 18 anos, com os traços característicos do cético, do utilitarista, do aproveitador, que não tem em sua formação espiritual o menor objetivo moral. E' a legião impressionante dos fúteis, dos inúteis, dos efeminados, dos tarados, dos viciados, dos que dirigem toda a preocupação de suas vidas à procura de uma vantagem material imediata, proveitosa e cômoda.

São essas gerações que ano a ano crescem, comodistas,

indisciplinadas, ignorantes, que vivem e proliferam, sem a menor compreensão do panorama social e político de seu país.

Na idade da emancipação, em alguns parques milhares, o Exército com sua ação nacionalizadora e decidida, obtém um resultado compensador.

Faz sentir a esses, na grande escola que é a caserna uma série de coisas que desconheciam. Mas, uma grande maioria, utilizando todos os processos de defesa, foge ao convívio militar. A esses moços, por falta exclusiva de educação cívica, formada desde a infância, não lhes ocorre sequer que é profundamente vergonhoso e torpe o faltar com o mais sagrado dever ao País em que nasceram. Pais, que eles muitas vezes mal conhecem, pátria sagrada que não sentem, nação que não compreendem, terra que não idolatram...

Mas... Que futuro poderá ter uma Nação que não pensa na formação moral e na criação do sentimento cívico de seu povo? Que espera um país caldeado por mil raças exóticas como o nosso, se não procura criar, urgentemente, meios para congregar de uma vez e para sempre, toda a mocidade em torno da idéia sublime de amá-lo acima de tudo, de empregar todo o seu esforço para seu progresso e sua independência? Que aguarda um povo, diante da sanha da conquista de outros povos, que não procura criar homens úteis, que não procura formar homens fortes, que não educa seus filhos no fanatismo entusiástico do amor à terra, no respeito sagrado às tradições, na ansia miraculosa de poder e de progresso?

Nossa educação cívica é quasi nula. Falta essa convicção inabalável em suas possibilidades. E se as gerações presentes e passadas já se acham carcomidas pelo vírus da descrença, que se salvem pelo menos as futuras...

Em todos os povos adiantados do mundo, a educação cívica do povo é motivo das mais sérias medidas e cuidados. Por causa do fantasma hediondo das guerras, que se condensam ameaçadoras no tempo do Universo, os países potências do mundo militarizam as suas juventudes. Em suas menta-

lidades infantis, introduzem hábilmente o fanatismo do amor à Pátria, mas lhes acenam com a hipótese premente das lutas sanguinolentas. E com a infância eles começam, para obterem resultados duradouros.

Aqui, o nosso ambiente é outro. O prisma panorâmico da América, a nossa índole, a nossa formação política, não exigem que militarizemos o menino. Não precisamos euchar seus sonhos infantis, com miragens rubras de batalhas, esfacelando exércitos, devastando civilizações. Não precisamos mantê-la a infância enquadrada, rígida, regulamentada, dentro das normas enérgicas do regime militar; mas necessitamos discipliná-la, crear bem nítido seu máximo objetivo espiritual na idéia sacrossanta da Pátria, instruí-la tornando-a útil a si mesma e à sociedade, fazê-la entusiasta e forte, respeitadora e crente, leal e produtiva.

O Escotismo consegue esses objetivos e muitos mais. Organização educacional perfeita, molda-se de uma maneira especial e impressionante às tendências psicológicas de nossa mocidade. O Escotismo não foi creado para substituir a escola, mas para ampliá-la. Instrue ao par da escola, sem estabelecer confusões nem conflitos, sem aumentar doutrinas, sem sobrecarregar a criança. O Escotismo obedece ao grande princípio pestaloziano: "O normal da criança é brincar, portanto ensinemo-la brincando".

Tudo no escotismo é puro. Todos seus princípios morais são sagrados. Sob a orientação escoteira, o menino cria personalidade e discernimento, brinca, mas obedece, é livre mas disciplinado, comanda e decide, aprende e ensina, forma seu moral, seu físico e sua inteligência, dentro do mais sadio entusiasmo, sem sentir que está sendo educado e instruído.

Se um dia no Brasil se organizar uma legião monumental, construtora da Grande Pátria, a juventude de todo o país nada mais perfeito para reuni-la, recrutá-la, instruí-la que a forma escoteira.

Escotismo é antes de tudo uma palavra feliz. Pela sua própria etimologia ela nos diz de sua grande finalidade. Originada de escote, que, no clássico antigo, representava

uma parte que todos pagavam para o bem comum, explica o princípio máximo da solidariedade humana, no ideal do trabalho de todos, para o bem da coletividade.

Assim sendo, a Juventude escotista Brasileira, que deveria ter como chefe supremo o chefe da Nação, pela sua importância extraordinária, poderia ser construída, aproveitando-se imediatamente todos os órgãos já organizados.

Os alunos de todas as instituições educacionais, desde a escola primária à Universidade, seriam imediatamente membros da Juventude. Os empregados nas fábricas, arsenais, comércio, indústrias, até 18 anos de idade, seriam também convocados.

De acôrdo com as idades, seriam classificados em lobinhos, escoteiros e pioneiros, sendo permitido e facilitado aos universitários, funcionários públicos e professores a frequência ao curso de chefes.

O Chefe escoteiro é fundamental no sucesso da instrução escoteira.

O escotismo, perfeito sob todos os aspectos, como sistema educacional, só pode ser ministrado com êxito por aqueles que se incutem da técnica escoteira. No chefe escoteiro, é preciso haver, junto à energia bondosa do chefe, a facilidade de se plasmar ao espírito da criança, a de ter a sã e completa mentalidade de escoteiro, porque o bom chefe é o que brinca com o menino. No escotismo tudo que é teórico, doutrinário, retórico é abolido. Vive-se a verdadeira vida sã da Natureza e é brincando que se instrue sôbre o que é útil, necessário, imprescindível.

Dirigida, porém, por Benjamin Sodré, Gabriel Skinner, Bonifácio Bortha, Ignacio Amaral e outros grandes professores escoteiros, na Capital Federal, a escola de chefes, em dois meses, crearia turmas que se difundindo pelo Brasil ministrariam a grande doutrina escoteira.

Não haveria necessidade sequer de modificações nos programas e nos horários escolares, bastariam, dentro do que se faz atualmente, 2 horas na semana e os domingos pela manhã. Só quem se imbue francamente da instrução

escoteira poderá compreender de pronto a viabilidade desta solução. Atualmente, todos os escoteiros do Brasil, e quicá do mundo, são estudantes e a instrução escoteira cumpre efetivamente com a sua finalidade: — amplia a escola.

Assim, difundindo os maravilhosos ensinamentos engrandados pela predestinada mentalidade de Lord Baden Powel, em todo o Brasil, nas grandes cidades e ao imenso latifúndio, no litoral, no mar e nos rios, nas escolas, nas fábricas, nos campos e nos barcos, — com a sua característica eminentemente nacional e cívica, firmada nos mais sublimes princípios morais, o grande passo estava dado para a formação definitiva da educação cívica e social de nosso povo.

Determinando que os alunos da E. M. e Naval, a princípio em pequeno número, facilitando aos oficiais do Exército e da Armada, aos funcionários públicos, aos professores, aos universitários, a conquista do curso de chefes, facilmente a instrução se difundiria, porque a própria biblioteca sôbre o assunto existe e bem notável.

Com o escotismo se poderão preparar homens úteis, alegres, entusiastas e fortes, amantes de seu país, prontos a praticarem o bem, cheios de boa vontade, creados no princípio da solidariedade, do trabalho conciente de cada um, visando o bem comum.

Com êle se crearão as grandes e valorosas gerações, que terão em sua formação moral a convecção sublime do ideal da Paz, mas a compreensão nítida da soberania de sua Pátria.

Aos 18 anos, independente do sorteio que se procederia normalmente, o menino com essa preparação cívica e social, dotado de uma série de especialidades que a instrução escoteira lhe ministrou, poderia, apto como está, cumprir um estágio de 2 a 3 meses nas unidades quadros do Exército, conquistando assim, eficiente e valorosamente, a caderneta de reservista, que o habilitaria a desempenhar suas funções na vida pública.

Educados dessa forma, êstes três meses seriam perfeitamente suficientes e aproveitados e êles habituados desde a

infância à ordem e à disciplina, se incutiriam francamente do espírito de soldado, no mais brilhante dos coroaamentos educacionais.

Verdadeiros cidadãos, verdadeiros soldados são êsses os filhos de que o Brasil carece.

Rio, Agôsto de 1938.

Hugo BETHLEM



AS COLEÇÕES dos anos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos à Direção.

## Comentário

Joaquim DALTRO

### A PEDRA DE TOQUE NA EDUCAÇÃO

E' a educação, diz Michelet, que, na família, garante a autoridade paterna, a piedade filial, a união dos esposos, todas as virtudes domésticas; na sociedade civil, garante a estabilidade das instituições, o respeito às leis, a submissão ao magistrado; e, nas diferentes condições de vida, garante a probidade, a boa fé, o amor ao trabalho.

Para que essa árvore benfazeja produza os frutos que lhe são peculiares, preciso é que não se perca a estação própria à plantação da semente.

Portanto, é na escola primária que se deve lançar no espírito do educando o elemento capaz de lhe assegurar o destino.

A criança começa a educar-se muito cedo: quando em sua alma irrompe a íntima centelha da consciência, quando em seu cérebro despertam os alvares do entendimento. O homem é o reflexo dos fenômenos que se passam diante dele e das pessoas que o cercam desde o berço — desde quando ele é destinado a representar um papel superior entre todos os seres da criação. Nasce ignorante e com disposições para esses dois elementos da felicidade e da infelicidade — o bem e o mal — que a natureza nele reúne, ocultos e confundidos. Para atingir a seus elevados fins é mistér vigiar-se-lhes os primeiros passos.

Evitar o mal e buscar o bem é o grande e principal ofício da boa educação, toda gente o sabe.

Esclarecendo a inteligência e modificando os costu-

mes do homem, a educação concorre eficazmente para a ordem e o progresso do organismo social.

Mas é do amor ao trabalho que brotam tesouros inegualáveis de ventura, pelos frutos vivificantes que êle consegue multiplicar no seio da humanidade.

O amor ao trabalho — o *gosto pela profissão* — é, pois, a pedra de toque de uma educação verdadeira.

Logo, se a principal lei civil e política é bem educar, a preocupação da escola primária ser a de animar e desenvolver o gosto pela profissão.

Neste sentido, felizmente, caminha o ensino *pré-vocacional*, que a nova Constituição Federal Brasileira procurou amparar, considerando-o — ao lado do ensino profissional — primeiro dever do Estado.

Acha-se resolvida a metade do problema da educação. Solucionada que seja a questão com a fundação dos novos institutos, tendo por fim "assegurar, à infância e à juventude, a possibilidade de receber uma educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais", frangeada estará a senda do real engrandecimento de nossa terra.

JOAQUINA DALTRO

### Vida escolar em Minas Gerais

Pedimos aos srs. diretores de estabelecimentos de ensino público e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normais e ginásios) que nos forneçam, para serem publicadas, fotografias (instantâneos, de preferência) documentárias da vida escolar em nosso Estado.

## A criança aos sete anos

(Boletim Pedagógico n. 21)

Irene LUSTOSA

(Auxiliar do Laboratório de Psicologia da  
Escola de Aperfeiçoamento).

### I parte — Desenvolvimento físico

#### Introdução

- 1.º Cap. — Ideias gerais
- 2.º " — Crescimento
- 3.º " — Pêso
- 4.º " — Índices antropométricos
- 5.º " — Perímetro torácico
- 6.º " — Capacidade pulmonar
- 7.º " — Grande envergadura
- 8.º " — Perímetro cefálico
- 9.º " — Força muscular
- 10.º " — Dentição
- 11.º " — Alimentação

### II parte — Desenvolvimento mental

- 1.º Cap. — Percepção
- 2.º " — Inteligência
- 3.º " — Linguagem
- 4.º " — Noção de tempo e espaço
- 5.º " — Noção de número
- 6.º " — Memória
- 7.º " — Desenvolvimento psico-motor
- 8.º " — Desenho
- 9.º " — Interesses e aspirações
- 10.º " — Leitura
- 11.º " — Escrita
- 12.º " — Conclusões.

## INTRODUÇÃO

Aos sete anos a criança se encontra no período que os autores chamam a *meninice*, a *terceira infância*, ou ainda a *grande infância*.

Vai deixando de ser um ente senso-motor, por excelência, só ocupado em brincar, para se tornar um ser que começa a tomar consciência de suas ações, que brinca e trabalha, que tem as suas faculdades já preparadas à receber os primeiros elementos de cultura escolar.

Godin considera período que vai de sete aos doze anos, "o momento educativo do cérebro, por excelência" (1) despertando-se então suficientemente o espírito infantil, para as luzes da instrução necessária.

Tem-se geralmente observado a extrema maleabilidade da criança nesta época, e a profunda repercussão das influências exteriores sobre o seu espírito em formação.

Stanly Hall diz que o que faz a mão nunca se reflete tão vivamente no cérebro como então.

E' a esse tempo que as nossas escolas geralmente recebem esses seres, em pleno desabrochar de todas as suas forças.

O fisiologista Apert (2), ressalta a necessidade de se assegurar à criança, em sua fase essencialmente educativa, um desenvolvimento intelectual racional, um crescimento físico normal, sem o que a marcha do progresso do indivíduo e sua saúde futura seriam gravemente comprometidos. Para isto, necessário se torna conhecer por estudos frequentes, pesquisas e observações, as condições vitais da criança, suas necessidades físicas e mentais.

Dêsse conhecimento adirão, por certo, luzes e ensinamentos que farão da educação realmente uma modificação progressiva, uma expansão bem orientada de todas as forças íntimas do indivíduo, conduzindo-o ao seu integral desenvolvimento.

(1) "La croissance pendant l'age scolaire".

(2) "La croissance".

## DESENVOLVIMENTO FISICO

— I —

— Idéia geral —

"A morfologia da criança aos sete anos é muito especial. E' toda de alongamentos de pernas e braços; o tronco, curto em relação aos braços, é longo em relação a sua própria largura. A criança sobretudo o menino, é geralmente magro nessa época. "Pernas compridas, tronco curto, torax estreito, são os característicos principais desta fase". (1).

Com esses traços gerais e bastante definidos, Godin descreve-nos o aspecto geral do escolar — traços esses que a observação nos aponta realmente a todo instante.

O sistema nervoso acha-se em pleno desenvolvimento, em todas as suas partes.

Aos seis, sete anos, diz-nos Gaupp o cérebro da criança alcança o desenvolvimento morfológico necessário para servir de armazenamento às experiências que possa adquirir em sua vida ulterior, como também aos conhecimentos científicos. (2).

Todos os mecanismos parecem, pois, preparados ao funcionamento da atividade psíquica. De fato, psicólogos e fisiologistas de modo geral, afirmam que ao atingir o sétimo ano de vida, a criança tem já todas as suas funções em condições de permitir-lhe atividades multiplas e variadas.

E' necessário agora que esses mecanismos sejam exercitados no sentido de sua mais ampla evolução, para que se tornem vigorosos e precisos, constituindo para o indivíduo, instrumentos de progresso e aperfeiçoamento. Da eficiência do trabalho escolar dependerá em grande parte o sucesso nessa caminhada evolutiva da criança.

(1) Gogin — "La croissance pendant l'age scolaire".

(2) Psicologia del niño.

## Crescimento

"O crescimento é a transformação contínua que sofre o corpo da criança em seu conjunto e em cada uma de suas partes, para se tornar adulta". Medindo ou pesando periodicamente uma criança, verifica-se que o seu crescimento não é contínuo e regular, mas se realiza por períodos de intensa atividade seguidos de longas pausas em que o organismo parece repousar, preparando-se a nova fase de atividade.

"A partir dos sete anos, até a adolescência, o crescimento é muito lento e predomina no sentido do alongamento dos tecidos de cartilagem, enquanto os tecidos de natureza conjuntiva ficam estacionários" (Godin) e, assim sendo, é natural que seja sempre magro o neo-escolar.

Veremos, a seguir, as medidas consideradas normais e médias, para as crianças mineira, brasileira em geral e, estrangeira, fazendo a comparação entre elas.

Os dados que a êste respeito fornecemos, foram colhidos e apurados por nossa colega, prof. Maria Angélica de Castro, assistente do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, e incluídos na sua tese inédita sobre o "Crescimento físico da criança belorizontina", apresentado ao concurso federal para Técnicos de Educação. Foi ainda com a sua autorização que seguimos, no presente trabalho, o seu plano de investigação.

Medindo em 1935 e 1936, 1.500 crianças escolares de Belo Horizonte de 7 a 13 anos encontrou, como veremos na tabela abaixo, a estatura média dos sete anos em 118 centímetros para o sexo masculino e em 117 para o feminino. (2). Em relatório apresentado à Inspetoria Geral da Instrução em 1929 pelo Dr. Alberto Andrés, a estatura média a essa idade foi de 114 cm., tanto para o sexo masculino como para o feminino para escolares de Juiz de Fora.

Realizando pesquisas no interior do Estado, sobre... 6.000 crianças, o Dr. Ernani Agrícola em colaboração com o Dr. Lucas Machado encontrou essa média em 114.cm,9 para os meninos e 112,8 para as meninas.

Ao lado da criança juizdeforana e da do interior do Estado, a de Belo Horizonte, aos 7 anos, apresenta-se, pois, com notável superioridade em estatura. Tal fato causa-nos admiração por se tratar de crianças mineiras. Lembramos, entretanto, que alguma variação nas condições em que se realizaram as pesquisas, ou diferenças de aparelhos, poderão ter sido causa de alterações nos resultados.

Comparada a outras crianças brasileiras, a belorizontina está ainda em superioridade de resultado.

As estaturas médias encontradas por M. Ferreira Jansen Melo sobre 954 escolares do Estado do Rio, (em 1934 e 1935) as de A. Ricardo, sobre crianças de Sorocaba e as de Deodato Morais, na Capital Paulista, são, como vemos na tabela abaixo, inferiores às de Belo Horizonte, tanto para o sexo maculino como o feminino.

## ESTATURA DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS

A criança belorizontina aos 7 anos, com a sua altura total mais elevada relativamente às demais crianças minei-

|                                                   | 6 ANOS  |         | 7 ANOS  |         | 8 ANOS  |         |
|---------------------------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
|                                                   | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas |
| Belo Horizonte<br>(100 meninos e 80 meninas)      | —       | —       | 118     | 117     | 121     | 122     |
| Juiz de Fora .....                                | —       | —       | 114,9   | 112,8   | 119,2   | 118,8   |
| Interior do Estado<br>(117 meninos e 166 meninas) | —       | —       | 114,2   | 114     | 119     | 119     |
| Sorocaba .....                                    | —       | —       | 114     | 114     | —       | —       |
| Rio de Janeiro .....                              | —       | —       | 114     | 114     | —       | —       |
| S. Paulo (Capital) .....                          | —       | —       | 115,9   | 114,2   | —       | —       |
| França .....                                      | 109,6   | 108     | 114,4   | 113,8   | 119,7   | 119,5   |
| Espanha .....                                     | —       | —       | 121,0   | 116,7   | —       | —       |
| Portugal .....                                    | 114,5   | 106     | 118     | 113,5   | 123     | 117,5   |

ras e brasileiras a que foi comparada, apresenta-se ainda superior em estatura à criança francesa; semelhante (quanto ao sexo masculino) à portuguesa e inferior à espanhola.

Comparamos os nossos resultados aos de Variot e Chaumet na França, Alves dos Santos, em Portugal e Candre na Espanha, conforme a tabela.

#### *Crescimento anual médio*

Através dos dados antropométricos colhidos, o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento procurou conhecer também o crescimento anual médio, em estatura, dos 7 aos 8 anos. (1)

Segundo as observações feitas neste sentido, o crescimento aí constatado é de 3 cm. para o sexo masculino e 5 cm. para o feminino.

Variot e Chaumet, na França, chegaram a resultado bastante semelhante aos nossos, encontrando um crescimento médio de 4,cm.5 para o sexo masculino e de 4,cm.9 para o feminino.

Em Portugal, si esse aumento em estatura dos 7 aos 8 anos foi bem pequeno para os meninos (3,cm.5), em compensação, para as meninas, atingiu a 7,cm.5.

#### CRESCIMENTO ANUAL MÉDIO

Falam todos os autores, da moderação sofrida no ritmo do crescimento a partir dos 6, 7 anos, vindo a accele-

|                               | 6 ANOS |        | 7 ANOS |        | 8 ANOS |        |
|-------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
|                               | Masc.  | Femin. | Masc.  | Femin. | Masc.  | Femin. |
| Crianças de Belo Horizonte... | —      | —      | 3 cm.  | 5 cm.  | 5 cm.  | 3 cm.  |
| Crianças Francesas.....       | 6,6    | 7 cm.  | 3 cm.  | 5 cm.  | 5 cm.  | 3 cm.  |
| Crianças Portuguesas.....     | 4,5    | 2 cm.  | 3,5    | 7,5    | 5      | 4      |

(1) M. Angelica de Castro. *OP. Cit.*

rar-se ao aproximar da puberdade. Diz-nos Alberto Pimentel Filho (2): "Dos 7 anos ao advento da puberdade está o mais lento e calmo período da evolução".

As curvas indicadoras do crescimento, em regiões diversas, teem, realmente, atestado essa observação.

Entretanto, diferenças sensíveis são encontradas quanto as épocas em que se dão as crises e aceleração do crescimento. Seriam provenientes da origem étnica? educação? processos de medidas?

Parecem-nos questões estas, dependentes ainda de profundos estudos.

#### *Pêso*

Sabemos que o aumento em pêso não caminha paralelamente ao da estatura, ou melhor: as crises de aumento em pêso não se dão ao mesmo tempo que as de aumento em altura; de modo que a certas idades, particularmente ao fim da 3.ª infância, (12 anos) a criança apresenta-se geralmente esbelta e delgada. Ao educador importa conhecer, não somente o quanto a criança deverá crescer anualmente e a estatura média ou normal para cada idade, mas ter também conhecimentos sobre o pêso médio, dentro do qual poderá esperar um certo grau de resistência ou saúde.

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento encontrou o pêso médio da criança belorizontina aos 7 anos em 20kg500, para ambos os sexos.

Comparado esse resultado aos dos autores já citados, colhidos em Juiz de Fora, Interior do Estado, S. Paulo, Rio, Sorocaba, verificamos o seguinte: "as diferenças notadas são de gramas apenas, podendo-se, pois, dizer que, aos 7 anos, há sensível semelhança entre a criança do centro do Brasil e a de Minas central".

(2) Pedologia.

Ao lado de crianças estrangeiras, a belorizontina, aos 7 anos, tem um peso médio superior ao da francesa e inferior, porém, ao da portuguesa e espanhola. Constataremos estas observações na tabela abaixo.

## PÊSO DE CRIANÇAS BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS

|                                                 | 6 ANOS  |         | 7 ANOS  |         | 8 ANOS  |         |
|-------------------------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
|                                                 | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas |
| Belo Horizonte<br>(Lab. de Psicolog.) .....     | 19      | 15,500  | 20,500  | 20,500  | 22      | 23      |
| Juiz de Fora .....                              | —       | —       | 20,700  | 19,900  | 22,600  | 22      |
| Interior do Estado .....                        | —       | —       | 20,500  | 20,700  | 22,500  | 22,700  |
| Rio de Janeiro .....                            | —       | —       | 20      | 19,700  | —       | —       |
| S. Paulo .....                                  | —       | —       | 20,400  | 20,600  | —       | —       |
| Sorocaba .....                                  | —       | —       | 20      | 20      | —       | —       |
| França <sup>1</sup><br>(Variot e Chaumet) ..... | 17,500  | 17,400  | 19,100  | 19      | 21,100  | 21,300  |
| Portugal<br>(Alves dos Santos) .....            | 18,900  | 16,450  | 21,400  | 16,900  | 21,950  | 22,080  |
| Espanha<br>(Calandre) .....                     | —       | —       | 23,300  | 21      | —       | —       |

Quanto ao aumento em peso, dos 7 aos 8 anos, foi encontrado 1kg.,500 para os meninos e meninas belorizontinas.

Variot e Chaumet, na França, encontraram para essa idade, um aumento de 1kg.,600 em ambos os sexos.

Revendo os nossos resultados quanto a estatura, podemos perceber que dos 7 aos 8 anos, na França, como em Belo Horizonte, as crianças tiveram um crescimento mais acentuado em altura total do que em peso médio, embora

segundo vários autores, seja aquele bastante lento a partir dos 7 anos.

Podemos verificar também que entre crianças de regiões bastante diversas, é notado certo paralelismo nos resultados, o que nos faz pensar em leis seguidas pelo ser humano em sua marcha evolutiva.

Não é arbitrariamente que se desenvolve a criança, mas em cada idade, pôde realmente ser esperado um certo mínimo de progresso, sem o qual ter-se-ia que pesquisar causas estranhas e perturbadoras.

## AUMENTO ANUAL EM KGS.

|                                       | DOS 6-7 ANOS |         | DOS 7-8 ANOS |         | DOS 8-9 ANOS |         |
|---------------------------------------|--------------|---------|--------------|---------|--------------|---------|
|                                       | Meninos      | Meninas | Meninos      | Meninas | Meninos      | Meninas |
| Crianças francesas <sup>1</sup> ..... | —            | —       | 1,600        | 1,600   | 2,000        | 2,300   |
| • belorizontinas .....                | 1,500        | 2,000   | 1,500        | 2,500   | 2,000        | 1,000   |
| • portuguesas .....                   | —            | —       | 2,550        | 0,463   | 0,500        | 5,174   |

## INDICES ANTROPOMÉTRICOS

E' sabido que o crescimento físico não se faz de um modo contínuo e regular, mas é ritimado e "comporta uma seqüência de fases acelerativas e de afrouxamento".

Além dessa mutação de ritmo, nota-se que o crescimento não é o mesmo para os diversos órgãos do corpo. As proporções entre os segmentos variam segundo as idades, sendo que o recém-nascido tem as proporções entre os membros, profundamente diversas das de um adulto.

Essas correlações entre as várias medidas do corpo humano têm sido estudadas por notáveis fisiologistas, que puderam, assim, estabelecer certos pontos de referência para avaliação do grau de desenvolvimento ou robustez do indivíduo. Esses pontos de referência são os índices corporais encontrados pela aplicação de fórmulas pre-estabelecidas.

Citaremos aqui os índices de:

a) Pignet, cuja fórmula T-(P-Ptm.) indica a relação existente entre a altura, o peso e o perímetro torácico médio, servindo à avaliação do desenvolvimento global.

b) Pelidise: cuja fórmula  $\sqrt[3]{\frac{10 \text{ peso}}{\text{Alt. sentada}}}$  mostra o estado de nutrição da criança. (1)

c) Manouvrier ou Squelico que exprime a relação entre o comprimento das pernas e o busto  $\left(\frac{S}{B}\right)$

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento em suas pesquisas, calculou, em 1935 os índices médios da criança belorizontina aos 7-anos, fornecendo assim, um meio de ajuizarmos sobre o estado de desenvolvimento apresentado por nossos escolares.

#### FORAM ENCONTRADOS OS SEGUINTES RESULTADOS:

|         | P. T. | N.º de cr. | Pignet | N.º de cr. | Manouvrier | N.º de cr. | Pelidise | N.º de cr. |
|---------|-------|------------|--------|------------|------------|------------|----------|------------|
| Meninos | 17,5  | 100        | 38     | 65         | 82         | 100        | 93       | 100        |
| Meninas | 18    | 85         | 38     | 82         | 84         | 95         | 93       | 85         |

#### PARA CRIANÇAS DE 8 ANOS

|         | P. T. | N.º de cr. | Pignet | N.º de cr. | Manouvrier | N.º de cr. | Pelidise | N.º de cr. |
|---------|-------|------------|--------|------------|------------|------------|----------|------------|
| Meninos | 18,5  | 109        | 38     | 64         | 83         | 109        | 93       | 109        |
| Meninas | 18,5  | 113        | 40     | 85         | 85         | 113        | 88       | 113        |

() Usado pela Inspetoria Médico-Escolar nas escolas mineiras por meio de tabelas onde já se acenam feitos todos os cálculos.

Em pesquisas realizadas por Ambrósio Torres, sobre crianças cariócas, o índice Pelidise médio para os sete anos, foi de 95, resultado pouco superior ao da criança belorizontina que foi de 93.

Consideramos o nosso resultado, como índice de estado de nutrição, um pouco deficiente uma vez que Pirquet dá como normal, de 94 a 100.

#### ÍNDICE PELIDISE

|                                          | 7 anos | 8 anos |
|------------------------------------------|--------|--------|
| Lab. de Psic. (B. Horizonte) .....       | 93     | 93     |
| Dr. Magalhães Gomes (B. Horizonte) ..... | 93     | 94     |
| Miglievich (Rio) .....                   | 95     | 94,5   |

O índice P/T. para crianças de Lausane, a essa idade, foi encontrado por Niceforo em 19,1, entre crianças remediadas do sexo masculino, e em 18,9 para as pobres — resultados que mostram ser as crianças suíças, também superiores, em corpulência, às de Belo Horizonte (onde não houve separação de meio social).

#### ÍNDICE P/T

|                                          | 7 ANOS |        | 8 ANOS |        |
|------------------------------------------|--------|--------|--------|--------|
|                                          | Masc.  | Femin. | Masc.  | Femin. |
| Lab. de Psic. (B. Horizonte) .....       | 17,5   | 18     | 18,5   | 18,5   |
| Dr. Magalhães Gomes (B. Horizonte) ..... | 17,2   | —      | 18     | —      |
| Niceforo (Suíça) .....                   | 18,9   | —      | 18,8   | 18,9   |

Faltam-nos aqui outros dados para comparações, entretanto, quanto ao índice de Pignet, podemos dizer que foi

encontrado o seu coeficiente médio de robustez, para os 7 anos em 42, (pesquisas de Calvet), na França, ficando também neste caso, a criança de Belo Horizonte em inferioridade de resultado.

Essa inferioridade da criança belorizontina quanto aos seus índices de robustez, não sabemos bem a que atribuir. Poderemos pensar em diferenças de raça, de educação, de condições nas medidas?

Tratar-se-á talvez de uma questão de constituição física, uma vez que a estatura da criança foi, aos 7 anos, bastante elevada e superior às demais.

## V

## PERIMETRO TORACICO

Medida de grande importância para a avaliação da capacidade vital do indivíduo.

Um peito largamente desenvolvido, diz Sappey, "indica sempre pulmões volumosos, respiração possante, circulação rápida, nutrição ativa... , enfim, denota a plenitude do vigor da vida e a fortaleza da constituição".

Ao contrário, um torax estreito será certamente indicio de insuficiente robustez.

E' conhecida a importância dada pelos médicos militares a essa medida corporal, não admitindo no exército, candidatos que apresentem uma circunferência torácica deficiente. Importa ao educador conhecer a grande influência dos exercícios respiratórios bem regulados, na correção de deficiências neste sentido, como também, os males produzidos por um ambiente anti-higiênico, vida sedentária, etc., fatores tão frequentes em nossas escolas.

Segundo os dados antropométricos colhidos sobre a criança belorizontina aos 7 anos, tem ela uma circunferência torácica média de 57cm.5 no sexo masculino e de 56cm. no feminino.

Tal resultado é muito semelhante ao encontrado pelo dr. Alberto Andrés em Juiz de Fora; inferior, porém, ao de

Ambrósio Torres, encontrado no Externato Santo Antônio M.<sup>a</sup> Zacarias (a 60cm,8 para o sexo masculino).

Em relação aos resultados colhidos na França e na Suíça, notamos que a criança belorizontina se acha em superioridade de condição quanto ao perímetro torácico.

A tabela abaixo indica-nos estas observações.

PERIMETRO TORÁCICO DE CRIANÇAS BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS

|                                       | 7 ANOS  |         | 8 ANOS  |         |
|---------------------------------------|---------|---------|---------|---------|
|                                       | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas |
| Belo Horizonte.....                   | 57,5    | 56      | 58,5    | 57      |
| Juiz de Fora.....                     | 57,5    | 57,1    | 57,4    | 58,7    |
| Rio de Janeiro.....                   | 60,8    | —       | 61,2    | —       |
| Lausanne (Tab. de Niceforo).....      | 55,4    | —       | 57      | —       |
| Paris (Tab. de Vartot e Chaumet)..... | 54      | 53      | 56,4    | 54,14   |

## VI

## CAPACIDADE PULMONAR

Outra medida de máxima importância na avaliação do índice vital da criança é a de sua capacidade pulmonar e a sua capacidade pulmonar.

Stanley Hall observou o notável papel exercido pelos pulmões e pelo torax nas crises de crescimento, especialmente durante a adolescência.

Utilizando o Spirômetro sêco de Barnes, o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, calculou a capacidade respiratória da criança de Belo Horizonte aos 7 anos, constatando os seguintes resultados:

1.110 grs. para o sexo masculino e 900 grs. para o feminino.

Diante das cifras obtidas por A. Ricardo na E. Normal "S. Carlos", em S. Paulo, o nosso resultado foi bastante inferior.

Comparada, porém, à média de capacidade pulmonar estabelecida por Binet para o menino de 7 anos a nossa criança se acha em notável superioridade de condições.

## CAPACIDADE PULMONAR

|                     | 6 ANOS  |         | 7 ANOS  |         | 8 ANOS  |         |
|---------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
|                     | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas |
| Belo Horizonte..... | 1.100   | 1.300   | 1.160   | 900     | 1.150   | 1.050   |
| S. Paulo.....       | —       | —       | 1.350   | 1.290   | 1.424   | 1.380   |
| França.....         | —       | —       | 955     | —       | 1.050   | —       |

## VII

## GRANDE ENVERGADURA

Esta medida abrange a largura do tronco à altura dos ombros, e a extensão dos membros superiores. Tem certa importância no estudo das raças.

Parece certo, diz Duffestel, que a dimensão da grande envergadura é mais considerável, comparativamente, nas raças inferiores. Amon, Ricardi, Marget afirmam que até os 10 anos a grande envergadura é inferior à estatura, excedendo-a a partir dessa idade.

O "Laboratório de Psicologia" da E. de Aperfeiçoamento faz ainda colheita de dados afim de estabelecer a grande envergadura média para as várias idades do escolar.

Dados antropométricos e Ley apresentam essa média em 111cm.,8 para a criança aos 7 anos.

## VIII

## PERIMETRO CEFALICO

A cefalometria tem sido sempre praticada por anrópologos e pediatras como precioso índice na observação da criança.

A cabeça normal deverá manter certa proporção no tamanho, relativamente ao desenvolvimento geral e à idade. Entre as dimensões da cabeça e a capacidade mental, observa-se geralmente uma relação bastante estreita sendo maior a cabeça dos mais inteligentes.

Entre meninos e meninas, as experiências têm comprovado um perímetro cefálico um pouco maior para os primeiros. Será mais inteligente o sexo forte?

Medidas tomadas sobre escolares de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro, forneceram índices quasi idénticos quanto ao perímetro cefálico médio aos 7 anos. Os nossos resultados foram também equivalentes aos de crianças estrangeiras.

## PERÍMETRO CEFÁLICO

|                                             | 7 ANOS  |         | 8 ANOS  |         |
|---------------------------------------------|---------|---------|---------|---------|
|                                             | Meninos | Meninas | Meninos | Meninas |
| Belo Horizonte (M. Angelica de Castro)..... | 51      | 50,5    | 51,5    | 51      |
| Rio (Dr. Bastos Avila).....                 | 50,5    | 50,2    | 51,4    | 50,4    |
| Estrangeiros (Bonnilay).....                | 50,4    | —       | 51,1    | —       |

Tem se suposto que as dimensões da cabeça revelam de algum modo o volume e peso do cérebro que, segundo muitos autores, está em relação íntima com a inteligência.

Sinibaldi (1) discutindo essa questão nos diz que, de fato, a atividade da alma se exerce com o concurso de nossos órgãos, e que as operações intelectuais não dispensam o cé-

(1) Filosofia.

brebro que vem a ser, não causa, mas condição do pensamento. Assim sendo, não podemos duvidar da importância desse órgão e de sua influência na atividade intelectual — o melhor artista não conseguiria fazer vibrar harmoniosamente um instrumento destituído de certo estado de conservação.

Estudos sobre o assunto, aliás bastante discutido ainda, falam do aumento progressivo do peso do cérebro desde o nascimento até aos 20 anos, começando aí ligeira diminuição, acentuada na velhice.

Dados de Vieródot dão o peso de 1.377 gr.6 para o cérebro da criança aos 8 anos.

## IX

*Fôrça Muscular*

Até atingir o período pubertário parece ter a criança o seu sistema muscular ainda bastante frágil. Só a partir desse período o sistema muscular começa a se desenvolver e avigorar. Por esse motivo, talvez, é aconselhado a não se exigir da criança exercícios de fôrça. Por meio de dinamômetros tem-se podido avaliar a fôrça muscular média para as várias idades da criança.

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento não possui ainda essas médias para a criança belorizantina pretendendo entretanto procurá-las em ocasião oportuna.

Temos já calculada a soma dos máximos obtidos para cada mão por, meio do Dinamômetro "Collin:"

## DINAMOMETRO COLLIN

| IDADE  | Meninos<br>Kgr. | Meninas<br>Kgr. |
|--------|-----------------|-----------------|
| 7..... | 17,5            | 14,5            |
| 8..... | 20              | 18              |

Entre escolares de Paris, foram encontrados por Binet os resultados seguintes dos quais, supomos, os nossos não se afastarão muito.

## DINAMOMETRO MATHIEN

| IDADE  | Mão direita<br>Kgr. | Mão esquerda<br>Kgr. |
|--------|---------------------|----------------------|
| 7..... | 10,35               | 9,80                 |
| 8..... | 11,18               | 10,11                |

## XXX

Reunindo todas as medidas obtidas pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento sobre a criança aos 7 anos, podemos dizer que é ela assim caracterizada:

|                          | Meninos | Meninas  |                        | Meninos   | Meninas |
|--------------------------|---------|----------|------------------------|-----------|---------|
| Estatura.....            | 118 cm. | 117 cm.  | Capacidade pulmonar... | 1,100 gr. | 900     |
| Peso.....                | 20,500  | 20,500   | P/T.....               | 17,5      | 18      |
| Pernas.....              | 53 cm.  | 53,5cm.  | S/B.....               | 82        | 84      |
| Alt. sentada (busto) ... | 64 cm.  | 63,5cm.  | Pignet.....            | 38        | 38      |
| Perímetro torácico.....  | 57,5    | 55       | Peldial.....           | 93        | 93      |
| Perímetro cefálico.....  | 51 cm.  | 50,5 cm. | Dinamometria.....      | —         | —       |
|                          |         |          | Grande envergadura ..  | —         | —       |



### Dentição

O estudo da aparição dos dentes na criança, fornece-nos dados importantes para o conhecimento de seu desenvolvimento. A evolução dos dentes caracteriza dois períodos distintos da dita: o da primeira e o da segunda dentição.

É aos 6, 7 anos que geralmente iniciada a mudança dos dentes.

Os primeiros, chamados *dentes de leite*, de raiz essencialmente frágil, darão lugar a outros de raiz mais profunda, chamados *dentes permanentes*.

Aos 6 anos devem estar já inteiramente formadas as corôas dos dentes da segunda dentição, menos as dos chamados *dentes de ciso*, podendo ser percebidas através de uma radiografia. Devido à absorção de suas raízes, os dentes temporários desprendem-se facilmente dos alveolos, deixando lugar aos novos dentes mais resistentes e duradouros.

Os primeiros dentes que aparecem aos 6 anos são os primeiros grossos-molares.

São, por isso, chamados dentes de 6 anos.

A aparição dos dentes permanentes faz-se geralmente na mesma ordem que a dos de leite:

Dos 6 aos 8 anos aparecem os incisivos medianos inferiores.

Dos 7 aos 8 anos aparecem os incisivos medianos superiores.

Dos 8 aos 9 anos aparecem os incisivos laterais inferiores e superiores; virão a seguir, após os 9 anos, os primeiros pequenos molares, os segundos grossos molares e finalmente, dos 19 aos 25 anos, os 4 últimos grandes molares ou *dentes de ciso*.

Conhecendo a marcha evolutiva da dentição, o pedagogo terá um valioso ponto de referência para a avaliação da idade fisiológica de seus alunos.

Tem-se verificado que o retardamento ou a precocidade no aparecimento dos dentes, como nos demais caracterís-

ticos do desenvolvimento físico, pôde ser indicio de alguma anormalidade na criança.

Nos casos de doenças, infecções, raquitismo, etc. encontra-se frequentemente um atraso na dentição.

Também nos retardados e débeis mentais êsse atraso, ou a presença de anomalias dentárias é frequente.

### Alimentação

Incontestavelmente a questão da alimentação é de importância capital no desenvolvimento físico e conservação da saúde do individuo.

"Se uma alimentação insuficiente pôde prejudicar o crescimento, um excesso de alimentação pôde igualmente entrar a nutrição e provocar perturbações graves". (Apert).

Sabe-se que as necessidades alimentares de individuo variam segundo a região por êle habitada, segundo sua idade e condições de vida.

O número de calorias necessárias ao bom funcionamento do organismo é variável, dizem pediatras e biólogos, devendo ser também diversa a *ração alimentar* de cada um, "Deve ela ser suficiente não só à necessidade de conservação do organismo, mas também à necessidade de crescimento característico da idade". (1).

A causa da fraqueza constitucional das crianças e do aparecimento de muitas doenças degenerativas, tem sido encontrada numa alimentação deficiente, pobre em sais minerais e vitaminas. A diminuição destes e aumento dos "alimentos energeticos", como batatas e farinhas, de poder protetor quasi nulo, tem sido fator encontrado em multiplos casos de desnutrição, enfraquecimento e doenças (2).

A regularidade entre a despesa e receita do organismo, a boa constituição dos ossos, a resistência à infecção, enfim,

(1) Congresso de Proteção à Infância — Paris — 1937.

(2) Aristides Ricardo "Noções de higiene escolar".

o crescimento normal e boa saúde da criança, só poderão ser mantidos se lhe foi proporcionada alimentação abundante e racionalmente regulada.

Baseados no número de calorias ou elementos de nutrição, biólogos e pediatras têm podido, por diversos processos científicos, estabelecer a razão alimentar necessária para cada período da vida.

Tem-se verificado que esta razão deve ser relativamente maior durante a infância e todo o período de crescimento.

Tomando por base um inquérito sobre sistemas alimentares adotados nos Colégios do Rio de Janeiro, Barros Barreto, Moscoso e Soeiro aconselham as seguintes rações alimentares para as crianças de 8 anos: (Vide quadro, pag. 301)

A despesa total energética em calorias, por 24 horas, tem sido calculada por vários autores em 80 por Kg. aproximadamente, aos 6 anos de idade. Considerando, porém, as sensíveis variações individuais dessa despesa, é aconselhado regularizar-se a quantidade alimentar pelo apetite da criança. Ele constitui, em estado normal, "um precioso guia, um regulador bastante sensível no qual podemos ter confiança".

Tratando da questão da higiene alimentar da criança, os Drs. E. Lesne e J. Huber apresentaram valiosos ensinamentos que passamos a transcrever (1).

"Aos 7 anos, o crescimento exige a administração da carne nas duas refeições, noção muitas vezes negligenciada. Do mesmo modo, o regime de gorduras animais sobretudo, é necessário para fornecer uma ração suficiente em vitaminas A, fator de crescimento. De outro lado, os frutos, os legumes verdes, a manteiga, os ovos, contêm os outros fatores e concorrem para fornecer quantidade suficiente, os elementos primordiais e os sais minerais. A celulose dos legumes, do bagaço e da casca das frutas, assegura ao intestino um "lastro" suficiente que regulariza suas funções.

Quanto aos hidratos de carbono, são necessários em abundância, evitando-se, entretanto, as farinhas, sobretudo as

(1) Congresso de Proteção à Infância. Paris. — 1937.

de leguminosas, o miolo do pão, o abuso de massas, agentes de fermentações ácidas, causadoras de uma dispepsia onde a diarréia comum sucede bem depressa à prisão de ventre.

| Alimentos              | Quantid. | Calorias | Proteínas em grs. | Hid. de carbono em grs. | Gorduras em grs. |
|------------------------|----------|----------|-------------------|-------------------------|------------------|
| Leite .....            | 1 litro  | 680      | 30                | 50                      | 40               |
| Pão integral .....     | 83 grs.  | 196      | 9,6               | 37                      | 0,8              |
| Carne .....            | 30 "     | 64,5     | 6                 | —                       | 4,5              |
| Legumes e Vd. ....     | 100 "    | 28,5     | 1                 | 5                       | 0,5              |
| Feijão .....           | 10 "     | 31,4     | 2,4               | 5                       | 0,2              |
| Batatas .....          | 40 "     | 32,4     | 0,8               | 7,2                     | —                |
| Arroz .....            | 45 "     | 52       | 1                 | 13                      | —                |
| Ovos .....             | 1 "      | 156      | 12                | —                       | 12               |
| Frutas .....           | 2 "      | 119      | 0,1               | 37                      | 0,1              |
| Toucinho .....         | 5 "      | 43       | —                 | —                       | 4,7              |
| Manteiga .....         | 5 "      | 38,5     | —                 | —                       | 4,0              |
| Assucar .....          | 40 "     | 160      | —                 | 40                      | —                |
| Massas .....           | 10 "     | 47       | 1,3               | 8,4                     | 0,9              |
| Farinha de milho ..... | 10 "     | 40       | 0,9               | 8,5                     | 0,2              |
| Outros cereais .....   | 10 "     | 34,9     | 1,5               | —                       | —                |
| Queijo .....           | 5 "      | 19       | 1                 | —                       | 1,7              |
| Sal .....              | 5 "      | —        | —                 | —                       | —                |
| Vinagre .....          | 5 "      | —        | —                 | —                       | —                |
| Mate .....             | 10 "     | —        | —                 | —                       | —                |
| Total .....            | —        | 1.782,2  | 67,6              | 217,7                   | 69,7             |

Resta saber que êsses alimentos devem ser escolhidos com a exclusão de alimentos gordos ou fermentados, de salicárias, e que convém excluir o alcool, o chá, o café puro.

O equilíbrio alimentar deve ser completado por uma atividade bem regrada, um existência onde a cultura física, o arejamento, a luz, devem ter lugar de destaque”.

Num estudo sôbre a alimentação infantil, (dos 4 aos 8 anos), Carlos Richet Filho diz que deve ela ser: *Abundante*, porque a criança, em pleno crescimento, em atividade física e intelectual permanente, tendo que pervenir as despesas do impulso da puberdade, tem necessidades alimentares proporcionalmente mais consideráveis que as do adulto. *Variada*, porque a criança é obrigada a aproveitar em sua nutrição os materiais necessários à constituição de seus músculos, de seu esqueleto, de suas vísceras, etc, materiais esses muito diferentes, que encontrará, não em três ou quatro alimentos, sempre os mesmos, mas na série completa de uma alimentação rica e bem selecionada.

*Simples*, quer dizer, com um mínimo de molhos, de preparações químicas ou condimentos.

*Bem regrada*, porque a criança não suporta nem as refeições muito copiosas, nem os dias de semi-jejum. A irregularidade nas horas das refeições, ou sua abundância, produz sempre desordens patológicas”.

Se fizéssemos um inquérito relativo à alimentação de nossos escolares, descobriríamos, por certo, muitas misérias e acharíamos muitas das causas de suas deficiências físicas e consequentemente, mentais.

A Inspetoria de Saúde Pública, com o concurso do corpo médico escolar e de enfermeiras, tem procurado, de algum modo, sanar os males de ordem geral. A instalação da “Cantina” presta valioso auxílio às crianças pobres, entretanto, muito e muito se tem a fazer para que êsses escolares sejam alimentados suficientemente.

Necessária se torna uma intensa campanha no sentido de se atender à miséria reinante, e de instruir a cada um,

especialmente a pais e professores, sôbre cuidados a serem observados na alimentação.

Tem-se verificado, infelizmente, que as deficiências alimentares, além de causadas pelo fator econômico, o são também, em larga proporção, oriundos do fator ignorância.

A boa alimentação científica favorecerá, não sómente o desenvolvimento corporal da criança, mas concorrerá também para o desenvolvimento normal de sua mentalidade.

#### *Bibliografia da 1.ª parte*

- F. Vasconcelos — Pedologia e pedagogia experimental.  
 Godin — La croissance pendant l'âge scolaire.  
 Apert — La croissance.  
 A. Pimentel — Pedologia.  
 A. Ricardo — Noções de higiene escolar.  
 Dufestel — La croissance.  
 Sinnbaldi — Filosofia.  
 Gaupp — Psicologia del niño.  
 Congresso de Proteção à infância — Paris, 1937.  
 Maria Angélica de Castro — Crescimento físico da criança belorizontina (em manuscrito).

Dr. F. Magalhães Gomes — O desenvolvimento físico da criança de Belo Horizonte.

(Continua)

# ÍNDICE GERAL

(2.º Semestre)

## JULHO — SETEMBRO

|                                                                            | Pág. |
|----------------------------------------------------------------------------|------|
| EXCURSOES ESCOLARES — Redação . . . . .                                    | 3    |
| PLANO DE EXCURSAO — Ana Nunes Horta . . . . .                              | 4    |
| PLANO DE EXCURSAO — Rosa Malvini . . . . .                                 | 7    |
| PLANTIO DO TRIGO — Constêlo de Jesús Falci . . . . .                       | 11   |
| A FUNDAÇÃO DE UM CLUBE AGRICOLA — Jandira Beraldo<br>Teixeira . . . . .    | 28   |
| CANTO CORAL — Silvia Grandinetti . . . . .                                 | 34   |
| HERBERT SPENCER — J. Bernardes Filho . . . . .                             | 38   |
| LEITURAS PRIMÁRIAS — De La Fage . . . . .                                  | 44   |
| ACERCA DE LIVROS — Abel Fagundes . . . . .                                 | 49   |
| PROGRAMAS ESCOLARES — Celica Silva de Pontet e Ema<br>Lareu . . . . .      | 67   |
| O VALOR EDUCATIVO DO RECREIO — Delgado de Carvalho                         |      |
| FORMAÇÃO DO CARATER DA CRIANÇA — Dini Rack . . . . .                       | 80   |
| NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO . . . . .                                | 86   |
| PAULINE KERGOMARD E A ESCOLA MATERNAL — Alci-<br>biades Delamare . . . . . | 88   |
| A EDUCAÇÃO E A ORDEM — Celso Kelli . . . . .                               | 97   |
| A PSIQUIATRIA E A EDUCAÇÃO — James S. Plant . . . . .                      | 116  |
| CASE DEI BAMBINI — Fábio Luz . . . . .                                     | 133  |
| AVISO AOS PROFESSORES . . . . .                                            | 162  |

## OUTUBRO — DEZEMBRO

|                                                                                               |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| COLABORAÇÃO DO PROFESSORADO — Redação . . . . .                                               | 165 |
| ATIVIDADES EXTRA-PROGRAMA — Maria Inácia de Queiroz<br>Miranda . . . . .                      | 167 |
| ASSISTÊNCIA ESCOLAR — Raul de Almeida Costa . . . . .                                         | 174 |
| ENALTECENDO O MAGISTERIO — Governador Valadares . . . . .                                     | 177 |
| O ENSINO CONCRETO de educação cívica — Amintas Rocha<br>POR QUE? — Romeu Venturelli . . . . . | 179 |
| UMA BIBLIOTECA INFANTIL — Zaide Alves Queiroz . . . . .                                       | 189 |
| UMA GRANDE INICIATIVA — Dulce Botelho Junqueira . . . . .                                     | 206 |
| O ENSINO DA ARITMÉTICA — Oscar Artur Guimarães . . . . .                                      | 215 |
| A RESPONSABILIDADE DOS PAIS — Raumsol . . . . .                                               | 241 |
| EM NOSSAS ESCOLAS — (Notas da Inspetoria Técnica) . . . . .                                   | 243 |
| CONTRA O ANALFABETISMO — Mario Pinto Serva . . . . .                                          | 246 |
| SOBRE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA — Mario Lacerda Melo . . . . .                                    | 258 |
| JUVENTUDE CONSTRUTORA — Hugo Bethlem . . . . .                                                | 261 |
| A PEDRA DE TOQUE NA EDUCAÇÃO — Joaquim Daltro . . . . .                                       | 268 |
| A CRIANÇA AOS SETE ANOS — Irene Lustosa . . . . .                                             | 277 |
|                                                                                               | 279 |

Origem: Doação

Preço: